

Daniela Martins Barbosa Couto

**FRAGMENTOS DESDOBRADOS:
OS RASTROS DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS NOS
LIMIARES DE “SERTÃO GRANDE”***

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**São João del-Rei, Minas Gerais
Agosto de 2015**

Daniela Martins Barbosa Couto

**FRAGMENTOS DESDOBRADOS:
OS RASTROS DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS NOS
LIMIARES DE “SERTÃO GRANDE”***

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Prof^a Dr^a Melissa Gonçalves Boëchat

São João del-Rei, Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Letras
Agosto de 2015

C871f Couto, Daniela Martins Barbosa Couto.
Fragmentos desdobrados: os rastros de *Grande Sertão: veredas* nos limiares de “Sertão Grande” [digitado] / Daniela Martins Barbosa Couto. – 2015.
111 f., enc.

Orientadora: Prof^a Dr^a Melissa Gonçalves Boëchat

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. *Grande Sertão: veredas*, 1956. – 2. Sertão Grande, Jornal Estado de Minas, 2012. – 3. Walter Benjamin. – 4. Mary Louise Pratt. I Couto, Daniela Martins Barbosa. II Universidade Federal de São João del-Rei. III Título.

CDD B869

DANIELA MARTINS BARBOSA COUTO

**Fragmentos desdobrados: os rastros de *Grande Sertão: veredas* nos
limiares de "Sertão Grande"**

Banca Examinadora



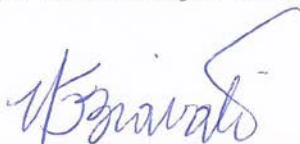
Profa. Dra. Melissa Gonçalves Boëchat – Titular – UFVJM



Profa. Dra. Eneida Maria de Souza – Titular – UFMG



Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino – Titular – UFSJ



Profa. Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras

Agosto de 2015

À minha mãe, Elizabeth,
com todo o amor e admiração que existem no mundo!

Agradecimentos

A Deus e a Nossa Senhora por iluminarem meus caminhos.

À minha mãe, pela força, amor e apoio constantes.

A meu pai e a meu irmão, pelo carinho.

À CAPES, pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

À Melissa, pela orientação cuidadosa e dedicada.

Aos professores do curso de mestrado em Letras dos quais fui aluna – Alberto, Anderson, Eliana, Guilarduci, Gustavo, Luiz Manoel, Maria Ângela e Toninho –, pelas aprendizagens construídas ao longo do curso.

Aos professores Eneida Maria de Souza, Eliana da Conceição Tolentino, Melissa Gonçalves Boëchat, Roniere Menezes e Luiz Manoel da Silva Oliveira pela leitura cuidadosa desta dissertação e pelas contribuições para o enriquecimento desta pesquisa.

À turma de mestrandos 2013 – Ana Cláudia, Aracele, Henrique, Rafaela e Talita – pela amizade.

Ao Promel pelo suporte nas atividades acadêmicas.

À coordenação do curso de Graduação em Letras e aos alunos do curso que contribuíram com a realização do meu estágio de docência no segundo semestre de 2014.

Ao Paulo Henrique Lobato, repórter do jornal Estado de Minas, pela entrevista sobre a série de reportagens “Sertão Grande” e pela disponibilidade em ceder os arquivos digitais das matérias.

A quem, direta ou indiretamente, esteve presente e contribuiu com a minha trajetória durante o mestrado.

A todos, o meu muito obrigada!

Ao sertão, presente em todos os meus caminhos, pergunto: “O que é o amor?”. E ele, no silêncio do orvalho que prateia os campos, na leveza da poeira que registra os passos, na partitura do vento que compõe cantigas, no remanso das águas que fala do tempo, e no horizonte avermelhado que, vagaroso, se vai ao longe, sorri para mim e responde simplesmente: “são os olhos quando brilham.”

Daniela M. B. Couto

Fragmentos desdobrados: os rastros de *Grande Sertão: veredas* nos limiões de “Sertão Grande”

RESUMO

Aquilo que é impresso conserva as marcas das dobras e dos desdobramentos que nele foram feitos e que indicam algo que houve ali, que não está mais, mas que, ainda assim, se faz presente de outra forma. No entanto, tais marcas não são apenas o vestígio físico, percebido na superfície do papel pelo toque ou olhar. São, além disso, as palavras que, registradas pela grafia e pela tinta, dobram e desdobram fragmentos de *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, para compor os textos jornalísticos da série “Sertão Grande”, publicada em 2012 pelo jornal Estado de Minas. Em todas as páginas, acima dos títulos, há citações diretas retiradas do romance de Rosa que, neste trabalho, são lidas considerando a perspectiva de Walter Benjamin (1986) sobre os fragmentos. A leitura tecida busca perceber, ainda, como o sertão literário do romance se converte em rastros que, desdobrados nas páginas do jornal impresso e presentes na zona de contato entre o texto literário e jornalístico, possibilitam a construção das histórias factuais nos limiões percorridos pela reportagem.

Palavras-chave: Fragmentos – Grande Sertão: veredas – Sertão Grande – Interface jornalismo/literatura – Zona de Contato

Unfolded fragments: the traces of *Grande Sertão: veredas*
in the thresholds of “Sertão Grande”

ABSTRACT

What is printed retains the marks of folds and developments that have been made on it and that indicate that something that once was there is no longer present, but its presence can be noticed by other means. However, such marks are not only a physical trace, realized on the paper surface by a touch or a glance. They are moreover the words, recorded by handwriting and ink; words that fold and unfold fragments of *Grande Sertão*: paths of João Guimarães Rosa, and that compose the newspaper articles in the series “Sertão Grande”, published in 2012 by the newspaper *Estado de Minas*. On every page, above the titles, there are direct quotations from the novel by Guimarães Rosa that, in this study, are read considering the perspective of Walter Benjamin (1986) on fragments. This study aims to propose a reading in which it is possible to see how the literary ‘sertão’ of the novel turns into traces that, unfolded in the pages of the printed newspaper and in the contact zone between the literary and the journalistic text, enable the construction of factual stories in the thresholds covered by the report.

Keywords: Fragments - *Grande Sertão: veredas* - Journalism/ Literature Interface
- Contact Zone

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Capa da série de reportagens “Sertão Grande”.....	46
FIGURA 2 – Reportagem “Veredas do novo sertão”.....	48
FIGURA 3 – Reportagem “Pó que não vem mais do chão”.....	50
FIGURA 4 – Reportagem “Riqueza escondida no broto da terra”.....	51
FIGURA 5 – Reportagem “Comércio agora mantém o sertanejo em casa”..	52
FIGURA 6 – Reportagem “Cavalos agora vão a motor”	54
FIGURA 7 – Reportagem “Estradas trazem dinheiro e tragédia”	54
FIGURA 8 – Reportagem “Trem levou as pessoas e deve trazer o minério”	55
FIGURA 9 – Reportagem “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem”.....	57
FIGURA 10 – Reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios”.....	57
FIGURA 11 – Capa da série “Sertão Grande”.....	70
FIGURA 12 – Reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios”.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	11
1ª MARGEM -----	14
1 Jogos de Sentidos e Travessias da Linguagem -----	15
1.1 Os caminhos das palavras -----	17
1.2 Encruzilhadas entre estudos culturais e literários-----	27
2ª MARGEM -----	32
2 Fragmentos Desdobrados e Relações Discursivas na Zona de Contato -----	33
2.1 As palavras, os sertões-----	34
2.2 Os fragmentos -----	43
3ª MARGEM -----	60
3 As Novas Veredas: Sertões -----	61
3.1 As zonas de contato-----	62
3.2 Interações discursivas -----	66
3.3 Imagens e memórias-----	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	76
REFERÊNCIAS -----	78
APÊNDICE -----	89
ANEXOS -----	98

INTRODUÇÃO

As construções da linguagem tecem caminhos e abrem travessias. Ora, pois, “o sertão é a gente”, conta a voz de Riobaldo grafada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas*, obra de 1956. Ora, pois, “existe é homem humano. Travessia” é o que registra a palavra impressa publicada em 2012 pelo jornal “Estado de Minas” na série de reportagens intitulada “Sertão Grande”. Na interface entre ambos os textos está o sertão, cuja significação é elaborada tanto pelo relato do viajante – seja ele o escritor, seja ele o repórter –, quanto pelos fragmentos da obra literária de Rosa na tessitura dos textos jornalísticos. Esses fragmentos são os trechos do romance inseridos nas reportagens que, ao se tornarem rastros, conforme perspectiva de Walter Benjamin (1987), possibilitam a construção das histórias factuais. Assim, a hipótese é de que as relações discursivas, segundo Michel Foucault (1997), entre esses universos distintos constituem outro sertão, que não é apenas o sertão do romance, nem apenas o das reportagens.

Tal discussão aqui proposta considera que as escritas literária e jornalística têm a linguagem como matéria-prima, preenchem discursivamente as lacunas das histórias e constituem uma zona de contato, para fazer uso do termo cunhado por Mary Louise Pratt (1999) em “Os Olhos do Império”, por meio da qual o sertão, objeto deste estudo, é contornado pelos dois textos. O recorte é a série “Sertão Grande”, produzida pelo repórter Paulo Henrique Lobato¹, que a partir de *Grande Sertão: veredas* definiu a tessitura das reportagens. O sertão do romance, inserido nas reportagens por meio de fragmentos, é desdobrado e as relações discursivas estabelecidas entre o sertão literário e o jornalístico constitui outro sertão. Na zona de contato, ele é significado pelo olhar do outro: na tessitura das narrativas, as palavras dos personagens do romance e dos personagens das reportagens ganham espaço no texto pelo recorte da grafia do viajante, seja ele Riobaldo, Rosa, o repórter ou o leitor, tanto do romance quanto

¹ Repórter do jornal Estado de Minas, da matriz em Belo Horizonte, que propôs a pauta. A reportagem no Norte de Minas contou com a participação do repórter Luiz Ribeiro, da sucursal de Montes Claros.

das matérias jornalísticas. Os deslocamentos se fazem e, nesse movimento, a significação também se transforma e o sertão se amplifica.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é, portanto, identificar, por meio da zona de contato entre *Grande Sertão: veredas* e a série “Sertão Grande”, o sertão que surge do encontro de visões, períodos temporais e estilos narrativos distintos. Para isso, os objetivos específicos buscam: a) analisar o sertão literário no espaço constituído pelos dois textos em termos de um operador de leitura para o trânsito entre as escritas de Guimarães Rosa e dos repórteres Paulo Henrique Lobato e Luiz Ribeiro; b) discutir as relações discursivas entre os fragmentos do romance e os elementos textuais e iconográficos das reportagens, e, c) recontextualizar os fragmentos da obra a fim de perceber os efeitos de sentido nas reportagens, ou seja, aquilo que, segundo Foucault (1999), permanece no texto e cuja significação é produzida pela interação estabelecida entre as palavras, independente da intenção de quem escreve.

O romance *Grande Sertão: veredas*, ao ser a referência para a produção da série “Sertão Grande”, tem seus personagens, o autor da obra e alguns lugares nele citados inseridos na construção das matérias. Assim, o desdobramento do sertão que surge entre ambos envolve os conceitos de (a) zona de contato que, segundo Pratt (1999), discute como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações com os outros; (b) de fragmento, pois conforme Benjamin (1987, p.35) a “estrutura e pormenor sempre têm uma carga histórica”; e (c) relações discursivas que, para Foucault (1997), caracterizam o discurso enquanto prática.

O primeiro capítulo, “Jogos de sentidos e travessias da linguagem”, abrange a discussão sobre literatura, jornalismo e linguagem enquanto mediadora para a construção de histórias, e discute ainda questões relacionadas à dicotomia entre fato e ficção. O segundo capítulo, “Fragmentos desdobrados e relações discursivas na zona de contato”, enfoca os processos produtivos das reportagens e do romance, discute o conceito de zona de contato em sua relação com as narrativas, bem como a noção de fragmento, e abrange também as questões sobre a recontextualização dos trechos do livro, assim como a discussão

referente à leitura iconográfica, percebendo como o sertão aparece nesses contextos.

O terceiro capítulo, “As novas veredas: sertões”, traz uma abordagem mais específica sobre o sertão e se desenvolve com base nas reflexões realizadas durante a pesquisa. Irá discutir ainda o texto e a iconografia enquanto narrativas, e, também, a memória, enfocando as conceituações de sertão e as possibilidades de leitura promovidas pelas análises feitas nos capítulos anteriores e refletirá, conforme as discussões realizadas, sobre a possível imagem de uma terceira margem para esse sertão que surge da zona de contato.

As considerações finais refletem sobre a pesquisa realizada e apontam para outros desdobramentos possíveis. O apêndice complementa esta dissertação, trazendo a transcrição da entrevista com Paulo Henrique Lobato, autor principal da série de reportagens aqui estudada, e nos anexos o leitor encontrará as reportagens e outros materiais significativos para o desenvolvimento da pesquisa.

1ª MARGEM

JOGOS DE SENTIDO E TRAVESSIAS DA LINGUAGEM

1 – JOGOS DE SENTIDOS E TRAVESSIAS DA LINGUAGEM

O caleidoscópio é uma das imagens que sugere a multiplicidade de travessias promovidas pelas palavras. Nele, o que é visto se multiplica e se transforma a cada olhar. São fragmentos que, devido ao movimento no suporte e ao jeito de olhar, tornam possíveis as composições observadas. São imagens que, móveis, refletem e modificam a si mesmas, construindo outras imagens, trazendo novos significados.

Com as palavras acontece algo parecido: também podem ser caleidoscópicas, pois, ao se encontrarem e serem refletidas em um jogo de sentidos, produzem várias combinações. Esse jogo, conforme perspectiva discutida por Jacques Derrida (2005), constitui a potência da palavra, que é o vir a ser, a abertura para a significação.

Falo por palavras tortas. Conto minha vida, não entendi. O senhor é homem muito ladino, de instruída sensatez. Mas não se avexe, não queira chuva em mês de agosto. Já conto, já venho – falar no assunto que o senhor está de mim esperando. E escute (ROSA, 2006, p. 490).

Os sentidos são, também, as palavras tortas que, em zigue-zagues, costuram as memórias de Riobaldo, personagem-narrador de *Grande Sertão: veredas*, e levam o leitor num ir e vir pelos vários tempos e lugares grafados por Guimarães Rosa no romance. O personagem conta sua vida, mas não a entendeu: a palavra tenta, mas ainda assim não alcança o que está dentro dele. Chuva em mês de agosto? O que se tem nesse tempo são ventos e isso o sertanejo sabe bem. E, muitas vezes, o vento antecede as chuvas: cada coisa a seu tempo, seja, talvez, o que Riobaldo tenha a dizer. E por que “escute” e não “ouça”? Talvez, porque escutar esteja mais próximo de auscultar, procedimento que em medicina – e Guimarães Rosa era médico – aplica o estetoscópio ou, mesmo o ouvido, sobre determinada área para perceber os sons internos e, também, interiores.

Os sentidos tornam-se, assim, fluídos e, ainda que a busca pela

representação da fala apareça na grafia – “A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi a saber certo a vida...” (ROSA, 2006, p. 606) –, o que se tem é a própria textualidade tecida por diferenças de diferenças. No romance, o relato de Riobaldo abarca tal jogo – fala e grafia se aproximam –, mas, ainda assim, são diferenças que se estabelecem. A escrita é viva não porque a fala se manifesta nela, mas porque ela se torna viva na leitura e produz novos textos. Há, dessa forma, uma relação de complementariedade: a escrita torna presente aquilo que se ausentou e se faz necessária porque o que a antecede não é completo. A linguagem é, pois, ao mesmo tempo, o que constrói, explica e confunde os fatos e, também por isso, entender uma palavra é dar sentido a ela por meio de construções linguísticas.

Essas construções tecem as narrativas que, por sua vez, se emaranham pelas páginas dos livros, pelas folhas dos jornais ou pelos *pixels* do mundo digital. Em quaisquer lugares, todavia, têm a capacidade de renovar os sentidos a cada vez que são lidas e, também, conforme as relações que estabelecem com as demais histórias com as quais se relacionam, seja essa relação gerada pela interdiscursividade que compõe a memória cultural, seja pelos cortes, recortes e interações entre textos, presentes na intertextualidade.

Por isso o encontro do romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, com a série de reportagens “Sertão Grande” torna-se travessia de linguagem: travessia por conter caminhos que percorrem espaços e tempos sertanejos diferentes; linguagem porque é por meio dela, seja escrita ou iconográfica, que os passos seguem. Enfim, são narrativas – uma literária e outra jornalística –, cada qual dentro de um tempo e um contexto próprios, mas que se encontram no sertão mineiro, nos lugares percorridos pelos autores dos textos, nos personagens (ora fictícios, ora reais) e nos trechos da obra de Rosa citados nas matérias do jornal. Por meio das palavras, o sertão é, assim, transformado.

Mas para discutir como esses caminhos se constroem, se encontram e se transformam foi necessário primeiro percorrer as produções de ambos, saber como cada um desses textos foi escrito e como os limiares se constituíram. Limiar, conforme perspectiva de Walter Benjamim discutida por Marie Jeanne Gagnebin (2010), refere-se, ao mesmo tempo, ao ponto em que fronteira e

passagem se encontram, ou seja, à diferença e à mesclagem entre dois universos ou espaços. Para iniciar o caminho aqui esboçado, seguem-se, inicialmente, as trilhas das reflexões sobre literatura, jornalismo e linguagem, abertas nos próximos tópicos.

1.1 Os caminhos das palavras

Ao longo do tempo, os suportes para a escrita se alteraram: do papiro e do pergaminho à litografia e à prensa de Gutemberg foram anos e anos de modificações, tanto técnicas quanto sociais e culturais e, até hoje, os modos de reprodução, difusão e recepção da palavra não pararam de evoluir. A partir da segunda metade do século XX, com o advento da *internet*, abriram-se novas perspectivas de produção e divulgação, tendência que se amplia neste princípio de século XXI, pois com o uso de suportes digitais e a convergência de mídias, muitas outras possibilidades agregam-se à escrita e, por conseguinte, à literatura.

Em relação ao conceito que a envolve, Terry Eagleton (2006, p. 25) observa que na Inglaterra do século XVIII, ele “abrangeia todo o conjunto de obras valorizadas pela sociedade”. Um texto era considerado literário caso atendesse a determinados padrões de belas artes e, em tal período, a literatura foi instrumento para aprofundar certos valores sociais e alcançar as classes burguesas e operárias, disseminando esses mesmos valores. O esforço era de reconciliar a ordem social, abalada pela guerra civil do século anterior.

Assim, “as noções neoclássicas de razão, natureza, ordem e propriedade, epitomizadas na arte, eram conceitos importantes” (EAGLETON, 2006, p. 26). A literatura não se referia à singularidade imaginativa, tampouco à experiência sentida ou emprego da linguagem de forma peculiar, aspectos que só começaram a ser relacionados com o literário a partir do período romântico. “Literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social” (EAGLETON, 2006, p. 33).

O surgimento do romance, ainda no século XVIII, alterou não apenas a

leitura e recepção do texto, que passou a ser solitário, mas também a percepção espaço-temporal, já que a simultaneidade temporal da narrativa alternava personagens, tempos e espaços. Sobre essa concepção de tempo sucessivo e infinito, Antoine Compagnon (1996) observa que o modelo foi o progresso científico ocidental, desde a Renascença, e, ainda, o triunfo da razão. Conforme o autor, o advento da modernidade promoveu a ligação da arte com o que é atual e levou o olhar a ver tudo como novidade, pois o sentido do presente, segundo Baudelaire *apud* Compagnon (1996), constituía a experiência estética.

Também foi no século XVIII, com a formulação do conceito de estética, que começaram a se abrir os caminhos para sistematizar a arte nos moldes da Ciência. No caso da literatura, a primeira sistematização aconteceu pouco tempo depois, dentro da História constituída como disciplina acadêmica no século XIX. Posteriormente, no século XX, a revolução linguística proposta por Ferdinand Saussure possibilitou à literatura se consolidar como disciplina². Deve-se recordar ainda que, conforme discute Wander Melo Miranda (1998), na tradição moderna da primeira metade do século XX, a elite intelectual era a responsável pelo estabelecimento de padrões de validade estética e, com isso, constituía-se o cânone de referência. À época, os *readymades* – e a “Roda de Bicicleta”³, de Marcel Duchamp, ilustra isso – vieram como crítica ao processo de legitimação de valor e questionaram o objeto artístico e as instituições de arte.

Na segunda metade do mesmo século – mais precisamente desde os anos 1970, segundo Miranda (1998) –, teóricos e críticos vindos dos campos das Letras ou da Antropologia começaram a trabalhar na fronteira entre literatura e cultura. Ainda de acordo com o autor, a emergência de textos autobiográficos das minorias, a indústria cultural globalizada e a democratização das instâncias de produção e recepção artística são fatores que, junto aos debates entre arte, vida e política, contribuíram para o surgimento dos estudos culturais no Brasil, que vão, também, questionar a hegemonia dos valores instituídos na medida em que estudam a formação de critérios valorativos. Nesse cenário, está a literatura,

² Resumo de informações verbais anotadas durante aula da disciplina Teorias Críticas da Cultura, ministrada pelo professor Anderson Bastos Martins em 23 de agosto de 2013, junto ao Promel/UFSJ.

³ Marcel Duchamp, artista francês nascido em 1887, é considerado um dos precursores da arte conceitual. A obra mencionada, cuja fotografia se encontra no Anexo 2, traduz a ideia de que o receptor participa da criação da obra, encontrando para ela um sentido, bem como de que a arte existe também na ausência de uma emanção estética.

também questionada por Compagnon (2009) durante conferência no Collège de France, em 2006:

(...) por que falar – ainda falar – da Literatura francesa moderna e contemporânea em nosso início de século XXI? Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? Uma reflexão sobre os usos e o poder da literatura parece-me urgente (...) Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? A literatura é indispensável ou ela é substituível? (COMPAGNON, 2009, p.20)

As respostas não são tão claras, tampouco fixas. Aliás, em literatura, a maleabilidade é uma característica não só das palavras, mas também dos modos como o próprio termo “literatura” é entendido. Seu significado é construído pelos lugares de onde cada crítico se pronuncia, pelas referências e instâncias de poder de cada época.

Ainda de acordo com Compagnon (2009), nesse contexto, observa-se que a literatura, enquanto meio para fortalecer a língua e difundir valores considerados corretos, estabeleceu longa convivência com a ideologia e o poder, e, assim, passou a despertar desconfianças. De acordo com observações do autor (2009, p. 41), ela “não serviu invariavelmente a causas justas. É por isso que [...] tantos escritores foram tentados a recusar qualquer poder da literatura, além do exercício sobre ela mesma”. No entanto, essa recusa se constitui uma forma de poder. Ainda conforme Compagnon (2009), a busca pela neutralidade levava a um *impoder* que era, ao mesmo tempo, um tipo de poder pós-moderno. “Ambicionava-se o impoder porque todo o poder da literatura continuava no fundo indubitável e a ausência [...] tornava-se a forma suprema de sua soberania” (COMPAGNON, 2009, p. 44).

Os questionamentos sobre a literatura conduzem ainda a outras explicações sobre seus poderes. Compagnon (2009) apresenta a definição clássica segundo a qual o ser humano aprende por intermédio da literatura, entendida como ficção. A definição romântica diz que a literatura é um remédio, e não apenas um meio de instrução que deleita: ela, “... ao mesmo tempo sintoma e solução do mal-estar na civilização, dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p. 35-36).

Ainda segundo o autor, outra definição – a moderna – observa que a literatura corrige os defeitos da linguagem e, ao recorrer à língua comum para falar a todos, a torna uma língua particular, poética ou literária.

Observa-se, assim, que ao longo do tempo, as relações entre literatura e poder, bem como as definições que cercam o termo, também se modificaram. Se, no século XVIII, a escrita foi usada para difundir valores sociais, nos séculos seguintes, os questionou e tornou-se um meio para a reflexão sobre a realidade social. A literatura ganha novas funções que se alteram conforme o lugar de onde cada pessoa se coloca. Diante de tais considerações, pode-se dizer que, independente da definição do poder da literatura, o fato é que o ato de escrever e tornar pública a escrita já é, por si só, um ato de empoderamento. A difusão de ideias, ainda que pelo viés da ficção, é uma maneira de corporificar valores, e os fins a que se destina variam conforme o ângulo de produção, observação e análise.

Para Compagnon (2009), a obra, na tradição histórica, é como se fosse o outro na distância temporal e espacial. A ela, se opõem a retórica e a poética cujos interesses pela literatura voltam-se para a generalidade e observam o que as obras têm de único e singular, explicando-as pelo contexto. No entanto, o autor observa também que, em fins do século XX, essa disputa entre história e teoria, variante do conflito entre antigos e modernos, não mais teve razão de ser. Frente às novas técnicas, a literatura parece duvidar de seus fundamentos. Para o teórico, na sociedade atual, o espaço dela está mais escasso, os textos didáticos e a imprensa a corroem e estiolam, e “a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p. 21).

Por esse ângulo de análise, percebe-se um espaço marcado pela tecnologia que, ao alterar os meios de produção, modifica também as relações culturais estabelecidas em cada época. Se antes os livros eram os representantes da literatura, hoje, os suportes se multiplicaram e outras expressões, como o próprio jornalismo, por exemplo, também se fundem a ela em suas construções narrativas. Tais mudanças, presentes ainda na produção e na difusão da palavra escrita, ampliam a discussão neste início de século. Tzvetan Todorov (2009) observa que a literatura enfrenta perigos e, para ele, a questão concentra-se na

maneira como ela é oferecida aos jovens desde o primário.

O autor discute que o contato dos estudantes com a literatura não é mediante os textos literários propriamente, mas, sim, com alguma forma disciplinar e institucional, seja ela teoria, crítica ou história literária. Para Todorov (2009), o importante, primeiro, seria ler e discutir e só depois classificar ou periodizar. Seria, portanto, sentir o texto, entrar no emaranhado de signos e deixar-se envolver pelas palavras e, assim, vivenciar a leitura e a escrita. Com isso, o espaço da literatura se ampliaria cada vez mais e os outros suportes – sejam impressos, audiovisuais ou digitais – seriam aliados da literatura na medida em que democratizassem o acesso a ela.

Já Terry Eagleton (2006) avalia que a literatura tem diversas definições e depende não da natureza do que é lido, mas da maneira como alguém resolve ler. Nesse sentido, o uso do termo literatura se amplia um pouco mais e, assim, um texto, para ser considerado literário, estabelece relações tanto com julgamentos de valor e contextos socioculturais e históricos, quanto com ideologia e poder.

Na literatura, a noção de abertura – que, lembrando discussão de Jacques Derrida (2005), conduz ao jogo de sentidos do texto –, torna ainda mais presente a arbitrariedade dos significados das palavras. Tal aspecto pode ser uma maneira de deselitizá-la, ainda mais se forem considerados os espaços de enunciação diferentes dos constituídos pela academia e políticas dominantes. O papel da imprensa também não pode ser menosprezado. Assim como no início da era de Gutemberg, ela ainda continua sendo um canal de difusão da literatura e coloca lado a lado diversos gêneros textuais, separados pelo rio de palavras que têm, em uma margem, a ficção e, na outra, o fato. Mas nem sempre foi assim.

Hayden White (2001) discute como surgiu a oposição entre história e ficção e observa que “antes da Revolução Francesa, a historiografia era considerada convencionalmente uma arte literária” (WHITE, 2001, p. 139). Conforme o autor, qualquer representação dos fatos agregava tanto a razão quanto a imaginação, sendo o discurso histórico composto também por técnicas de ficção. As mudanças vieram no princípio do século XIX, quando, entre os historiadores pelo menos, se convencionou contrapor a história à ficção. No

entanto, Jacques Le Goff (2003) observa que é a linguagem que constrói as histórias, sejam elas ficcionais ou não. Os textos são, assim, uma imagem verbal da realidade.

A maioria dos historiadores do século XIX não compreendiam que, quando se trata de lidar com fatos passados, a consideração básica para aquele que tenta representá-los fielmente são as noções que ele leva às suas representações das maneiras pelas quais as partes se relacionam com o todo que elas abrangem. Não compreendiam que os fatos não falam por si mesmos, mas que o historiador fala por eles, fala em nome deles, e molda os fragmentos do passado num todo cuja integridade é – na sua representação – puramente discursiva (WHITE, 2001, p. 141).

Assim também acontece com a literatura e o jornalismo: embora estejam convencionalmente em margens opostas, ambos têm as mesmas águas a separá-los e a reuni-los. Os textos de um e de outro são construídos discursivamente e a forma como as histórias são contadas passa tanto pela seleção do conteúdo quanto das palavras e suportes de difusão que serão utilizados.

Com a crescente ampliação da produção e do acesso a diversos textos, literários⁴ inclusive, o contato que as pessoas têm com a leitura e a escrita tende a ser mediado não apenas pelo material impresso, mas também pela tecnologia digital. Assim, o olhar sobre o que é considerado como literatura pode ser mediado por fatores que englobam tanto o lugar de onde cada pessoa se pronuncia – o que envolve aspectos como formação acadêmica e referências socioculturais e artísticas –, quanto pelas produções midiáticas, entre elas, filmes e revistas⁵ que se baseiam em obras literárias, canônicas ou não.

Entre essas produções, a série jornalística “Sertão Grande”, exemplifica essa interação entre textos, pois foi produzida tendo como referência o romance *Grande Sertão: veredas*, cânone da literatura brasileira. Nas páginas que englobam nove matérias, o texto literário e o texto jornalístico se encontram

⁴ Observa-se, atualmente, grande número de *sites*, *blogs* e redes sociais voltados para o fazer literário, envolvendo desde citação e reprodução de obras, até a elaboração ou difusão de textos; e, também, ações de iniciativa pública e privada que estimulam a leitura, disponibilizando obras de domínio público para *download*, doações de livros e projetos de criação ou ampliação de bibliotecas comunitárias. São exemplos dessas ações o *site* Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br), a Fundação Itaú Cultural (www.itaucultural.org.br) e a Biblioteca Nacional (www.bn.br).

⁵ Muitas obras canônicas brasileiras têm sido adaptadas para as histórias em quadrinhos, com o objetivo de atrair o público leitor. Essa estratégia tem despertado posições tanto favoráveis quanto desfavoráveis. Como esse não é o foco desta pesquisa, cabe apenas observar aqui que essa interação entre literatura e mídia abre caminho para os estudos culturais.

para fazer o contraponto entre o sertão apurado pela reportagem em 2012 e o sertão da época de Guimarães Rosa⁶ e dos personagens do romance. Além dos espaços percorridos, os dois textos têm em comum as palavras enquanto mediadoras para a construção das realidades, mas narram isso de modos bem diversos. Os lugares socioculturais que cada texto ocupa também reforçam essa diferença entre o que é literário e o que é jornalístico. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) lembram que a narrativa está presente em quaisquer discursos, mas reforçam a dicotomia entre ficção e fato.

Narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. Os fatos atribuídos a, por exemplo, Riobaldo e Diadorim (*Grande Sertão: veredas*), no texto de Guimarães Rosa, pressupõem a aceitação do mundo imaginado pelo escritor como algo suscetível de evocar um espaço humano real [...] Mas a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer [...], já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder [...] constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia a dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

Os fatos que inspiram a narrativa jornalística e a literária podem até ser os mesmos, mas, em cada caso, o tecido feito com as palavras tem texturas diferentes e as formas de recepção de ambas também o são. A leitura de um texto literário passa pela aceitação dos possíveis e impossíveis que ele traz, pois a inventividade é como um pilar para ele e, além disso, é um aspecto já esperado pelo leitor. O contrário disso acontece com o texto jornalístico. Nelson Traquina (2005), pesquisador português da mídia, ao discutir sobre o que o jornalismo seria, observa que:

os jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a realidade. Há verdade nesta afirmação. Existe um acordo tácito entre os que escolhem esta profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas (TRAQUINA, 2005, p. 19-20).

⁶ Uma das viagens de Guimarães Rosa pelo sertão mineiro aconteceu em 1952 e o romance *Grande Sertão: veredas* foi publicado em 1956. No próximo capítulo, discute-se tanto a produção quanto a temporalidade representadas no livro.

Realidade e ficção são, assim, colocadas em polos opostos novamente: uma se refere à verdade, a outra, à imaginação. Os modos de ler cada texto são bem diferentes, pois a constituição social dos valores entre ambos e o lugar de onde se pronunciam também o são. Enquanto a literatura é envolta pela aura da obra de arte e orchestra as palavras com a escrita livre e regida pela imaginação e inspiração – ainda que o trabalho do escritor da literatura envolva pesquisa e seleção de fontes, por exemplo –, o jornalismo é visto como aquele que segue regras, técnicas de escritas e fórmulas (e o *lead*⁷ é uma delas), para tornar públicas determinadas informações. Dessa forma, o sentido mais exato de cada palavra, a clareza na exposição dos acontecimentos, a objetividade no relato e a preferência pela ordem direta nas frases são regras prescritas nos diversos manuais de redação jornalística⁸. Inspirados na forma de exposição dos fatos praticada na América do Norte, esses livros de estilo orientam não apenas a escrita do texto segundo normas ortográficas e de sintaxe, mas também definem o sentido e a aplicação de vários vocábulos.

Assim, cada empresa jornalística elabora o seu manual conforme a padronização que propõe para as manchetes, textos e ângulo de abordagem das notícias, entre outros critérios considerados adequados para construir a identificação do jornal como um todo. Os *stylebooks*, como também são conhecidos, trazem os valores e a linha editorial seguidos pelo veículo de comunicação e indicam o comportamento que o jornalista deve adotar frente aos fatos, a postura diante das fontes e, ainda, as normas para a construção textual.

Mas, ainda assim, a matéria-prima são as palavras e a construção textual passa pela subjetividade de quem escreve, pois a própria seleção das informações, ainda que sigam critérios definidos pelo jornal, passam pelo olhar de quem as redige. A escolha das letras, embora busque se ater aos fatos tal qual aconteceram conforme prevê o acordo tácito lembrado por Traquina (2005), é uma decisão pessoal que envolve não apenas a bagagem sociocultural de quem escreve, mas também o acesso a fontes e pesquisas sobre o tema abordado. O

⁷ Do inglês, *to learn*, é utilizado no sentido de conduzir a escrita do texto a fim de responder às principais questões para que a informação seja clara: quem, o quê, quando, onde, como e por quê.

⁸ Os manuais de redação e estilo, em especial, o manual do jornal Folha de S. Paulo, foram discutidos em um trabalho de conclusão de curso orientado pela autora desta pesquisa. Ver: WELBERT, Ricardo; COUTO, Daniela M. B (orientadora). *A construção dos sentidos: o manual da Folha e sua aplicação*. Monografia – graduação em Comunicação Social/Jornalismo. UEMG – unidade Divinópolis, 2014.

autor observa ainda que o jornalismo é uma atividade intelectual e criativa, mas reconhece os limites impostos ao ofício.

Basta um olhar distraído aos diversos produtos jornalísticos para confirmar que é uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos, e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa (TRAQUINA, 2005, p. 22).

Assim, quais palavras podem e não podem ser escritas e, ainda, aquelas que devem ser evitadas e a forma indicada para a construção do *lead* fazem parte da lista de orientações que fundamentam um texto jornalístico. Mas isso não impede a redação jornalística, caracterizada pela objetividade e clareza na exposição dos fatos, de mesclar-se com um texto reconhecidamente literário, como é o caso do romance *Grande Sertão: veredas*.

Nesse cenário, cabe lembrar ainda que a obra já foi referência para diversas produções, entre elas, a minissérie⁹ homônima de 25 capítulos produzida pela Rede Globo em 1985, de autoria de Walter George Durst, colaboração de José Antônio de Souza e direção de Walter Avancini; e os filmes “Grande Sertão”¹⁰, de 1965, produzido pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz e Vila Rica Cinematográfica Ltda, com adaptação, roteiro e direção dos irmãos Geraldo e Renato Santos Pereira, e “Sertão: veredas”¹¹, de 2009, dirigido pelo cineasta Willy Biondani e roteiro de Biondani e Sérgio Augusto Andrade.

Além da produção ficcional, o romance foi referência para uma vasta produção crítica que, segundo Willi Bolle (2004, p. 19), “acumula mais de 1.500 títulos”¹² e, também, para a produção jornalística, como é caso do documentário “O sertão de Guimarães Rosa”¹³, produzido em 2011 pela TV Brasil para o programa “Caminhos da Reportagem”, e a série de reportagens “Sertão Grande”,

⁹ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/minisseries/grande-sertao-veredas.htm>>. Acesso: 12 mar. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=015307&format=detailed.pft>>. Acesso: 12 mar. 2015. O filme pode ser visto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ysqtc8VUtlc>>. Acesso: 12 mar. 2015.

¹¹ Disponível em: <<http://arte1.band.uol.com.br/sertao-brasileiro/>>. Acesso: 12 mar. 2015.

¹² Conforme nota de rodapé de Bolle (2004), a estimativa é baseada em P. de Oliveira (1999), que contava, à época, 1.300 trabalhos sobre o romance e cerca de 2.500 para a obra de Rosa.

¹³ Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/o-sertao-de-guimaraes-rosa>>. Acesso: 12 mar. 2015.

veiculada pelo Jornal Estado de Minas em 2012 e que é discutida nesta pesquisa. Neste último caso, tanto o resumo quanto trechos do romance são inseridos na tessitura das nove narrativas jornalísticas que compõem a série¹⁴. Isso faz com que fato e ficção compartilhem o mesmo espaço e demonstra que as realidades são tecidas pelas palavras. Sessenta anos depois da viagem de Guimarães Rosa pelo sertão mineiro, realizada em 1952, repórteres do jornal Estado de Minas foram a alguns lugares percorridos tanto pelo autor do romance quanto pelos personagens da obra, e traçaram um paralelo entre a economia desses dois tempos e espaços distintos.

A linguagem torna-se, então, mediadora para a construção das histórias e, por isso mesmo, fundamenta tanto a narrativa ficcional quanto a jornalística. Embora separadas pela oposição entre realidade e imaginação, e ainda que nas páginas do jornal o texto literário de Rosa tenha seu espaço preservado¹⁵, ambas as narrativas se reúnem num mesmo espaço textual. Trechos do livro são inseridos nas reportagens e indicam a questão a ser discutida no texto jornalístico, conforme pode ser percebido a seguir:

Guimarães Rosa e Manuelzão percorreram regiões que não existem mais em Minas: povoados deram lugar a cidades, veredas foram engolidas por diferentes plantações, o progresso interferiu no costume do sertanejo. O autor sabia que a região estava prestes a mudar. Em *Grande Sertão: veredas* profetizou: 'Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?'. Publicado nos cinco continentes, o romance integra o seletto grupo de importantes obras da literatura mundial (LOBATO; RIBEIRO, 2012, p. 16).

Neste trecho, Rosa e Manuelzão – o vaqueiro que o acompanhou na viagem pelo sertão em 1952 e durante a qual o escritor fez anotações sobre os espaços e costumes sertanejos – são a memória de um espaço que não existe mais: eles percorreram regiões que deixaram de existir. Mas o texto jornalístico se constrói não apenas pelo contraponto do ontem e do hoje – contraponto esse que se encontra no limiar entre o fato e a ficção, pois concede limites a cada um dos textos e, ao mesmo tempo, é passagem entre um e outro –, mas também pelas inferências que são feitas e preenchem as lacunas. O autor *sabia* que o sertão

¹⁴ Ver Anexo 1 – Série “Sertão Grande”.

¹⁵ O leitor é informado de onde foram retiradas e a quem pertencem as palavras entre aspas. As análises das reportagens e dos trechos da obra constam no Capítulo 2 desta pesquisa.

mudaria e *profetizou* isso no romance. Nesse momento, autor e personagem são um só: o real e o imaginativo se encontram e dão o tom da narrativa.

Mas, será mesmo que *cidade acaba com o sertão* ou será que o reinventa, reescreve, reinterpreta, por meio do olhar daquele que é de fora? Ao que se percebe por este estudo, que o observa na zona de contato entre o texto literário e o jornalístico, o sertão se desdobra. Tal desdobramento, mediado pela linguagem, traz consigo a possibilidade de mescla entre fatos e ficções, pois a matéria-prima que compõe as histórias – sejam as dos livros, sejam as dos jornais – são as palavras e as memórias que, por sua vez, são maleáveis.

1.2 Encruzilhadas entre estudos culturais e literários

Os estudos culturais, considerando as discussões de Wander Melo Miranda (1998), ao invés de reduzir o estudo literário, podem ampliar o campo da literatura comparada. Estudos culturais e estudos literários se aproximam ou se distanciam conforme os valores defendidos por críticos diferentes. Por um lado, não há a negação do estudo cultural, e, por outro, defende-se o espaço do estudo literário e, assim, busca-se definir os focos para cada caso.

Segundo observações de Eneida Maria de Souza (2002), a literatura, de discurso representativo, passa a uma unidade estética que tem regras próprias. Assim, na inter-relação com a cultura em que está inserida, a literatura também reflete a questão do poder, do se fazer ouvir e de ter voz, na medida em que o texto é um jogo de sentidos conforme observa Derrida *apud* Eagleton (2006). O cânone literário, por sua vez, torna-se o regulador da crítica cultural e a tradição é percebida, não como modelo, mas como força.

Conforme já discutido, Eagleton (2006) observa que as noções de experiência sentida ou singularidade imaginativa, atualmente relacionadas ao texto literário, surgiram no período romântico. O autor trata da estreita relação da literatura com questões ideológicas e discute as mudanças pelas quais o conceito de literatura passou no decorrer dos tempos: conforme a perspectiva, ela podia ou

não estar relacionada a contextos sociais e históricos ou, então, ser percebida ou não como fato, ficção ou a junção de ambos.

Considerando as reflexões anteriores, observa-se que ao partir da ideia de que literatura é expressão e que essa expressão é permeada pela subjetividade de quem escreve, ou pelos contextos, não se pode negar as questões culturais que desperta e dentro das quais os textos são elaborados. Em cada caso, ela é capaz tanto de surpreender quanto de modificar o pensamento e isso a própria história confirma, até porque ela mesma, segundo Hayden White (2001) discute, se constitui dos pontos que são ligados discursivamente. E, por ser discurso, já é força e constitui poder.

Tal poder, percebido na literatura por meio dos lugares variados em que ela se faz presente – sejam formais, como as escolas e universidades, ou não formais, como as redes sociais –, se constitui como um espaço de intermitência através do qual as diversas vozes sociais tentam se fazer ouvir. A intermitência, conforme reflexões de Didi-Huberman (2011), é um conceito que, conotativamente, se refere a lampejos de esperança ao mesmo tempo alegres e inventivos que tornam possível o contraponto a situações já postas, mesmo que por breves momentos: é a ideologia que existe e resiste, ainda que no lusco-fusco dos tempos. Para o pensador, a imaginação também é política, e a experiência, por mais subjetiva que seja, “pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 135).

As construções linguísticas, então, podem ensejar atitudes distintas e interpretações diversas ou, em outros termos, perspectivas caleidoscópicas sobre as experiências, reais ou fictícias, que constituem o tecido textual. A luminosidade que se alterna, e em conjunto torna-se mais ampla, é como se fosse a resistência, a voz subalterna que, segundo discute Gayatri Spivak (2010), busca inserir discursos nos discursos de representação, embora não queira o poder. A autora volta-se para a forma como o discurso acontece e, para ela, a representação é representação discursiva.

No romance de Rosa, pelo viés da ficção, Diadorim exerce essa voz subalterna: enquanto mulher, não poderia integrar um bando de jagunços sertão

afora e vingar a morte de seu pai, mas, no papel de homem, isso lhe é permitido. Dessa forma, ela se insere em um discurso representativo de poder e, embora não queira tornar-se chefe do bando de jagunços – pelo menos é o que se percebe na leitura do romance –, é quem leva Riobaldo para a jagunçagem. “– ‘Riobaldo, escuta, pois então: Joca Ramiro era o meu pai...’ – ele disse – não sei se estava pálido muito, e depois foi que se avermelhou. Devido o que, abaixou o rosto, para mais perto de mim” (ROSA, 2006, p. 38).

Já na série jornalística, a voz subalterna discutida por Spivak (2010) surge por meio dos personagens que vivem na simplicidade do sertão mineiro e lutam por dias melhores, como é o caso dos estudantes de 7ª série que assistem aula num imóvel improvisado em Japonvar – “Aqui funcionava um boteco” (FERREIRA *apud* LOBATO, 2012, p. 14) –, ou dos tropeiros do século XXI que ganham a vida vendendo mercadorias sertão adentro – “Vida de tropeiro não é fácil, mas já foi bem mais difícil. As caminhonetes comportam bastante mercadoria e são mais confortáveis que o lombo dos cavalos” (MATIAS *apud* LOBATO, 2012, p. 14) – e que, por meio da reportagem, ainda que tenham suas entrevistas editadas, têm espaço para serem ouvidos.

Embora em lugares de poder constituído, como são as páginas do jornal, a subalternidade sertaneja – seja ela a do romance ou da reportagem – se expressa tanto pelo silêncio quanto pela declaração e revela uma situação social difícil que tenta ser contornada pelas possibilidades encontradas no dia a dia. Diante disso, observa-se que a tentativa de se fazer ouvir encontra caminhos amplos e se revela de formas distintas. Nesse contexto, o limiar entre o texto literário de Rosa e o texto jornalístico não é apenas a re-presentação, mas a própria experiência humana em ato.

Assim, ambos os textos, embora tenham seus espaços delimitados, constituem zonas de contato por meio das quais se estabelecem a interação entre quem escreve e os personagens que fornecem fragmentos de seu cotidiano para a escrita, de modo que a significação das palavras é mediada pelo olhar daquele que as ouve e as seleciona para que figurem no texto. Falar de literatura e de jornalismo, portanto, é reconhecer, concomitantemente, as instâncias de poder que permeiam as práticas discursivas.

De acordo com Edward Said (2011), a literatura é valorizada pelo prestígio intelectual que possui e com esse *status*, cria-se um campo aparentemente desvinculado da política, embora a literatura seja o espaço para trabalhá-la. Para o autor, é no nível da linguagem que os intercâmbios possíveis acontecem e as coisas se transformam. Nesse sentido, Compagnon (2009, p. 50) também observa que “a literatura [...] percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes”.

White (2001) observa que a distinção atualmente básica entre ficção e história apenas foi convencionalizada no século XIX: a verdade passou a ser considerada como o fato e a ficção era o oposto da verdade. Ao discutir sobre o texto histórico, o autor avalia que ele, antes de ser uma explicação, é uma interpretação e, dessa forma, o sentido é dado por meio de construções linguísticas que tentam preencher as lacunas.

Assim encarado, o discurso histórico pode ser decomposto em dois níveis de sentido. “Os fatos e a sua explicação ou interpretação formal aparecem como a ‘superfície’ manifesta ou literal do discurso, ao passo que a linguagem figurativa, utilizada para caracterizar os fatos, indica um sentido estrutural profundo” (WHITE, 2001, p. 127). Dessa forma, não há apenas uma visão, mas muitas visões corretas e, com isso, o texto histórico pode tornar-se artefato literário. Em todo caso, a matéria-prima tanto da literatura quanto do jornalismo é a palavra e, sendo assim, ela é potencialidade, abertura de significações e nunca é neutra. Conforme Tzvetan Todorov (2009, p. 92), “devemos entender aqui a literatura em seu sentido amplo, recordando os limites historicamente instáveis dessa noção”.

Retomando a imagem inicial, as palavras tecem um caleidoscópio, e das imagens que aí se formaram pode-se inferir algumas considerações. Em início de século XXI, dada à amplitude de suportes, ao acesso aos meios difusores de informação, em especial, a *internet*, e ao alcance dos mesmos, os textos literários, segundo Eagleton (2006) já avaliava, podem ensinar novos jeitos de ler e, além disso, diferentes maneiras de escrever, interpretar e se fazer ouvir. Segundo Todorov (2009, p.23) “mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo,

incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”.

Assim, falar, ainda falar, de literatura moderna e contemporânea neste início de século é entender como ela se constitui; é entender como a crítica e, também, os leitores comuns a percebem; de que forma os textos literários – e pode-se acrescentar aqui os não literários – foram e são percebidos, e como isso interfere no pensamento e na representação social. É, ainda, falar de possibilidades, tanto para elaboração e interpretação quanto para difusão e recepção da escrita.

Sobre os valores que a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual, há a capacidade de fazer ouvir as vozes das minorias, além de tudo aquilo que proporciona a experiência, seja vivida, seja experimentada pela escrita e leitura. Em relação aos lugares da literatura, eles estão onde quer que esteja a palavra escrita de forma singular, seja em suportes físicos ou digitais. E, para que as pessoas, desde cedo, tenham contato com esse universo de possibilidades discursivas, é importante a presença da literatura não apenas nas escolas, mas nas páginas dos jornais e nas redes sociais, por exemplo, pois apenas sobrevive o que se torna interessante para as novas gerações.

Dessa forma, enquanto o texto tiver força para sugerir outras possibilidades para além do que se apresenta ao dia a dia e dar vazão ao pensamento, a literatura será indispensável. E, sim, há coisas que só ela pode oferecer: a fruição de um poema, o mergulho em uma história bem contada, o silêncio de uma leitura que é preenchido por imagens e situações apenas desenhadas pelas palavras, a sinestesia que surge do emaranhado textual. Enfim, a vida em representações discursivas.

2ª MARGEM

**FRAGMENTOS DESDOBRADOS E RELAÇÕES DISCURSIVAS
NA ZONA DE CONTATO**

2 – FRAGMENTOS DESDOBRADOS E RELAÇÕES DISCURSIVAS NA ZONA DE CONTATO

As histórias se constroem mediadas pelas palavras, observadas pelo olhar de quem escreve e traduzidas pelo pensamento de quem se expressa textualmente, seja pela literatura, seja pelo jornalismo. Ainda que a dicotomia entre ambos prevaleça na teoria estudada, como visto em Traquina (2005) e Sodré e Ferrari (1986), percebe-se que o encontro entre eles acontece não apenas em gêneros específicos, como o conto-reportagem ou o romance-reportagem, até porque tais textos trazem a chancela de serem baseados em fatos reais.

Nesse sentido, entra em cena a discussão sobre o que é a realidade. O conceito, no campo jornalístico, ganha traços práticos: real é aquilo percebido, apurado e construído, de maneira que se possa entender as “notícias como uma ‘construção’ social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol de suas estratégias de comunicação” (TRAQUINA, 2005, p. 28).

Dessa forma, um sertão de várias vozes e sotaques, paisagens e rumos ganha traços e contornos por meio da palavra escrita e, nas páginas do papel jornal, tem o reconto de sua história multiplicado em milhares e milhares de exemplares. Em parte, ele é constituído pela apuração jornalística do contexto socioeconômico do interior mineiro durante os primeiros meses de 2012, período em que foi produzida a série de reportagem “Sertão Grande” em comemoração aos 60 anos da viagem de João Guimarães Rosa junto a Manuelzão pelo interior mineiro, durante dez dias, acompanhando boiadeiros entre Barreiro Grande e Araçaí. Em parte, é tecido pelas referências e citações retiradas do romance *Grande Sertão: veredas*, publicado pela primeira vez em 1956 e considerado, pela reportagem, uma representação do contexto sertanejo daquela época.

Assim, para traçar um paralelo entre a economia de 2012 e a economia dos anos 1950, encontram-se, na mesma página, a narrativa que não

se entrega e evita explicações – aqui entendida como os trechos do romance que, em forma de citação direta, são inseridos nas reportagens – e a informação que “aspira uma verificação imediata” (BENJAMIN, 1987, p.203) e deve ser compreensível e clara. Mas para conhecer cada uma delas, é preciso caminhar pelas palavras que as compõem, travessia que acontece nos próximos tópicos.

2.1 As palavras, os sertões

Pelos discursos que chegam através dos mais diversos meios, sejam eles eletrônicos ou impressos, o mundo ganha significados que, por sua vez, são construídos por diferentes olhares. A palavra que, tempos atrás, se referia a uma coisa, tempos depois pode dizer outra, como acontece com o sertão. No romance *Grande Sertão: veredas*, “lugar de sertão não se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (ROSA, 2006, p. 8), mas, na série de reportagens “Sertão Grande”, “o sertão não pára de atrair pesados aportes” (LOBATO, 2012, p. 16). Paulo Henrique Lobato (2014), repórter que produziu e escreveu as reportagens, observou que já tinha visto matérias relacionadas a Guimarães Rosa e a sua obra nas páginas de várias editorias, entre elas “Gerais” e “Cultura”, mas não no “Caderno de Economia” e, então, propôs a pauta que, por sua vez, foi bem recebida pelo jornal.

Considerando a produção dos textos, as reportagens têm em comum com o romance o viajante significando o espaço. O repórter, nesse caso, tece essa significação ora pela literatura, na medida em que fragmentos do livro compõem as matérias, ora pelo jornalismo, na medida em que a realidade apurada é retratada tanto pelas palavras quanto pelas imagens formadas por elas. Há, ainda, a junção de ambos dada à possibilidade de ficcionalizar os fatos com a inserção de informações do livro para contextualizar os espaços visitados, por exemplo, ao mesmo tempo em que a factualidade atesta a existência de locais citados no livro. Além disso, a duração da viagem pelo interior mineiro é a

mesma, assim como alguns lugares visitados, entre eles Brasília de Minas, Buenópolis, Buritizeiro, Corinto, Grão Mogol, Guaicuí, Paracatú e Paredão de Minas. “O que norteou nossos caminhos foram as localidades que ele [Guimarães Rosa] citou” (LOBATO, 2014)¹⁶.

A obra *Grande Sertão: veredas* foi publicada pela primeira vez em 1956, quatro anos depois de Guimarães Rosa ter acompanhado a comitiva pelo sertão. Embora a escrita do livro tenha se concentrado entre a viagem do autor e a publicação do livro, Ana Luiza Martins Costa (2006) observa que o processo de elaboração vem de tempos anteriores à viagem de 1952. A princípio, *Grande Sertão* iria compor uma das novelas da obra *Corpo de Baile*, mas a história ganhou tal proporção que se tornou o romance.

Para a produção de suas obras, Rosa empenhava-se em pesquisas e documentação e realizou outras incursões por Minas Gerais. Além disso, havia a correspondência com o pai sobre o sertão, as anotações em diversas cadernetas e as memórias de infância do autor em Cordisburgo, quando ele ficava no comércio da família ouvindo as histórias dos tropeiros. “Em março de 1947, Rosa conta ao pai que está ‘escrevendo outros livros’ e imaginando estórias ambientadas no sertão” (COSTA, 2006, p. 198). Sobre Guimarães Rosa, Costa (2006) observa ainda que o autor, para escrever, realizava estudo prévio e fazia planejamento.

Para Rosa o trabalho de ‘construção’ literária requer uma ‘elaboração cuidadosa e dolorosa’, com ‘aprofundamento’ e ‘domínio dos temas’, ‘observação direta’ e coleta de ‘termos precisos’ [...] Ele ambiciona uma língua que seja capaz de misturar formas de expressão inauditas com o sentido original de cada palavra (COSTA, 2006, p. 189).

Daí, o “lusfús” que “ia escurecendo”, o “chiim dos grilos” que “ajuntava o campo, aos quadrados” e “Diadorim [...] no relume das brasas. Quase que a gente não abria boca; mas era um delem que me tirava para” (ROSA, 2006, p. 29). No “lusfús”, que é o lusco-fusco, limiar entre dia e noite, a grafia tenta representar o som da fala. Quem já ouviu o prosear mineiro do espaço-sertão encontra na palavra escrita a sonoridade de alguma voz, mas, para quem nunca

¹⁶ Ver Apêndice A – Transcrição de entrevista.

ouviu, o termo soa estranho. O mesmo acontece com o “chiim” dos grilos que ao ecoar pelos quatro cantos dos lugares enquanto o dia vai-se embora, dá a impressão de que os campos se reduzem na medida em que a noite os cobre.

As cadernetas da viagem de Guimarães Rosa pelo sertão de Minas Gerais, realizada em maio de 1952, conduzindo uma boiada pelos campos gerais, contêm um verdadeiro inventário do ‘linguajar vaqueiro’, dos ‘termos exatos’ com que nomeiam as coisas da natureza, com todas as nuances de cores e sons, e da maneira precisa como falam e relatam suas estórias (COSTA, 2006, p. 190).

A palavra, assim, busca a sinestesia: junção de sensações auditivas, táteis, visuais e olfativas que despertam a memória e convidam o leitor a encontrar, na escrita, o som de alguma voz que dê a ela o ritmo necessário para tornar-se viva.

Não à clareza – mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. E é nos detalhes, aparentemente sem importância, que estes efeitos se obtêm [...] O ritmo, a rima, as aliterações ou assonâncias, a música, subjacente ao sentido valem para maior expressividade (ROSA *apud* LARA, 1998, p. 44).

Para Cecília de Lara (1998), João Guimarães Rosa assume a postura de fugir do convencional e aproxima sua escrita da oralidade. Nessa aproximação com a fala, pode-se perceber também a voz subalterna, ainda que expressa por meio da grafia do autor: por meio da palavra do outro, o falar sertanejo se faz ouvir pelas páginas do romance. Ela observa também que a elaboração do romance, segundo nomenclatura da Crítica Genética, envolve as fases pré-redacional, aqui entendida como as viagens e anotações; redacional, que se refere à elaboração do texto; pré-editorial, que se revela nas revisões e alterações dos rascunhos; e editorial, que é a definição do texto que será impresso; além de documentos pára-textuais, que englobam rascunhos, originais e edições.

Já segundo Willi Bolle (2004), *Grande Sertão: veredas* é uma reescrita crítica de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: para ele, ambos “são discursos de narradores-réus-e-testemunhas diante de um tribunal em que se julgam momentos decisivos da história brasileira” (BOLLE, 2004, p. 8), momentos esses relacionados à situação sociopolítica do país, que demonstram a falta de diálogo

entre as classes altas e baixas, a luta pelo poder e pela ascensão social. Mas, enquanto Euclides observa o sertanejo com distanciamento e abarca o termo jagunço em referência aos canudenses que lutaram ao lado de Antônio Conselheiro na Guerra de Canudos, Guimarães Rosa fala de dentro do povo e emprega o termo jagunço para discutir e criticar as relações de poder presentes no interior do Brasil que, também, podiam ser percebidas na metrópole.

O narrador rosiano se mantém disponível num estado de transição entre as diferentes mentalidades e linguagens: a sertaneja e a urbana, a coloquial e a erudita, a oral e a escrita. Sua liberdade de transitar, seu jogo entre aproximação e distanciamento, e sua ironia se expressam de várias formas (BOLLE, 2004, p. 40).

Mas Bolle (2004) também considera que o objetivo de Guimarães Rosa era caracterizar o sertão como lugar labiríntico e que o romance formava um mapa alegórico do Brasil. Em relação à palavra sertão, observa-se que o termo, bem antes de chegar ao Brasil, já era usado na África e em Portugal e se referia a algo distante da costa:

O vocábulo se escrevia mais frequentemente com *c* (certam/certão) do quem com *s*. [Gustavo Barroso] vai encontrar a etimologia correta no Dicionário da Língua Bunda de Angola, de frei Bernardo Maria de Carmecotim (1804), onde o verbete *muceletão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *lócus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras (WALNICE GALVÃO *apud* BOLLE, 2004, p. 48).

Ainda hoje, quando se fala de sertão, a memória discursiva traz a imagem de um lugar ermo e distante, seco e sem muitos recursos. Segundo Bolle (2004, p.299), “Guimarães Rosa retrata um país quase parado. Representando-o alegoricamente através do sertão, ele focaliza as estruturas rotineiras, quase imóveis, os problemas cronicamente não resolvidos”. Mas, o autor também observa que o sertão do romance de Guimarães Rosa é “movimentante” todo o tempo e estabelece uma relação com a linguagem. Além disso, é um lugar de memória e o mapa de uma história social: “as dezenas de veredas desse mapa topográfico traçado a partir da rememoração de Diadorim desdobram-se em centenas de retratos de sertanejos e jagunços que Riobaldo (Guimarães Rosa) conheceu e criou” (BOLLE, 2004, p. 225).

O sertão dos textos jornalísticos também se movimenta, desdobra-se em dados econômicos, em personagens de carne e osso entrevistados pela reportagem, e se revela enquanto um espaço onde, ao mesmo tempo, “riqueza, emprego e tecnologia pintam cores diferentes no cenário de Guimarães Rosa” (LOBATO, 2012, p. 16), e a “pobreza parece mais perene que os rios” (LOBATO, 2012, p. 14) que, no romance, são muitos e aparecem em todos os caminhos percorridos por Riobaldo e Diadorim.

E estávamos conversando, perto do rego – bicame de velha fazenda, onde o agrião dá flor [...] Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei (ROSA, 2006, p. 29). “Demos no rio, passamos. E, aí, saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo” (ROSA, 2006, p. 72).

No romance, os rios não apenas integram a paisagem do sertão, mas também delimitam as memórias e os caminhos percorridos pelos personagens.

Porto, lá como quem diz, porque outro nome não há. Assim sendo, verdade, que se chama, no sertão: é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito. Cereais. Tinha até um pé de roseira. Rosmes!... Depois o senhor vá, verá. Pois, naquela ocasião, já era quase do jeito. O de-Janeiro, dali abaixo meia-légua, entra no São Francisco, bem reto ele vai, formam uma esquadria. Quem carece, passa o de- Janeiro em canoa – ele é estreito, não estende de largura as trinta braças. Quem quer bandear a cômodo o São Francisco, também principia ali a viagem (ROSA, 2006, p. 101).

Além disso, os rios são indicativos de lugares e de tempos, pois o lugar de um rio é fixo e seu “tempo” é o infinito impalpável – o porto do “de Janeiro” que leva ao São Francisco é o rio primeiro da travessia de Riobaldo, ainda menino, junto a Diadorim – e, também, de constatações e memórias – o rio que dividiu a vida do protagonista, as águas que são espelhos, os rios que são olhos: metáforas de saudade e correntezas onde a reminiscência navega.

Saí, vim, destes meus Gerais; voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes. A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugal, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho [...]. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma cidade da religião. Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucuia. O meu Urucuia vem, claro,

entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. (ROSA, 2006, p. 309-310).

Permanece por toda a narrativa o ir e vir pelo sertão que é, também, o ir e vir pelos contornos dos rios. Os personagens fluem como águas que seguem entre as margens: ora calmas, ora revoltosas. Com relação à presença do rio na narrativa, Bolle (2004, p. 77) observa que “a metáfora fluvial impregna a composição de *Grande Sertão: veredas* na sua essência” e, assim, Guimarães Rosa elabora um “narrador-rio” que é, ainda, um narrador-investigador que trata dos discursos sobre o país.

Diferentemente das exegeses convencionais, que entendem o nome de *Rio-baldo* como o de um homem ‘frustado’ ou, por compensação, de alguém que atingiu a ‘plenitude’, a minha leitura se faz por uma via etimológica diferente. A partir do verbo alemão *baldowern* (explorar) podemos remontar ao substantivo hebraico *ba'al-davar*, que designa ‘o dono das palavras e das coisas’ [...] Postado à margem do Rio São Francisco, que é o ‘grande rio da civilização brasileira’, o narrador Riobaldo exerce o papel de um investigador dos discursos que falam da história do país (BOLLE, 2004, p. 8).

A aparente contradição entre o sertão ermo e seco e o sertão repleto de rios revela a multiplicidade sertaneja que se tece na zona de contato por meio da qual viajantes e visitados se encontram, assim como ficção e factual se interagem. O sertão tão pobre e vazio é também rico e repleto de veredas. Conforme Mary Louise Pratt (1999, p. 113), “o olho ‘determina’ o que ele abrange em seu olhar; as montanhas e vales ‘se mostram’, ‘apresentam um cenário’; o país ‘se abre’ para os visitantes” e, dessa forma, o observador interpreta em termos daquilo que, em determinado momento, se torna visível para ele e, ainda, segundo a bagagem sociocultural que constrói e traz consigo. Para a autora, a organização de uma narrativa é um empreendimento ao mesmo tempo observacional e cumulativo, que documenta a geografia, a fauna, a flora, mediando-as pela linguagem: a representação do que é visto ganha formas por meio da expressão que é, por sua vez, mediada pela percepção de quem faz o relato.

As interações que constroem a história do ponto de vista de quem retorna com coisas para contar permeiam o espaço-tempo textual que, nas

reportagens, é também o espaço-tempo de viagem. No romance, esse aspecto é multifacetado: o ir e vir das memórias de Riobaldo nem sempre fixam o espaço nem o tempo, pois a travessia é labiríntica, constante, e as certezas do que foi não são tão certas assim. “O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro [...] Sei de mim? Cumpro” (ROSA, 2006, p. 607-608).

Em relação ao tempo presente no romance, Bolle (2004) infere que a ação do narrador se passa no início da República, na última década do século XIX, mas o autor também encontra elementos que têm a marca do desenvolvimentismo do século XX. Em um dos trechos de *Grande Sertão*, que também é citado em uma das reportagens, há uma referência à provável temporalidade que prevalece no romance: o trem de ferro em Corinto, no ano de 1906. Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Curralinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor (ROSA, 2006, p. 124).

Com esse indicativo, é possível situar a história em fins do século XIX e início do século XX. Mas, enquanto tempo e espaço sociocultural e econômico, diante do qual a reportagem discute os fatos apurados em 2012, o sertão do romance é a representação do contexto daqueles que lá viveram sessenta anos antes. Nesse caso, o calendário é uma referência para situar a memória ao longo do tempo, demarcar os espaços ao longo da narrativa e encontrar os elementos relacionados ao progresso – ou não – para contrapô-los com a atualidade.

No entanto, conforme discussões de Susan Buck-Morss (2002), fundamentadas em Walter Benjamin e o *Projeto das Passagens*, o progresso é algo que está apenas no nível da produção, pois nas relações, a exploração de classes continua inalterada.

Se a história, longe de progredir ao ritmo da tecnologia, está enalhada como um disco quebrado nas relações sociais da estrutura presente é porque os operários não se podem dar ao luxo de deixar de trabalhar, tanto quanto a classe que vive desse trabalho não se pode permitir deixar a história avançar (BUCK-MORSS, 2002, p. 139).

Para Pratt (1999), a história, por sua vez, é tanto a maneira como se imagina que ela é quanto a maneira como as coisas podem ser. E se, no

romance, as incertezas e o não saber sobre tantas coisas pairam sobre a rememoração de Riobaldo, nos textos jornalísticos, pelas relações discursivas, elas se tornam tanto suposições quanto constatações sobre a realidade do espaço-tempo. “O sertão também tem grandes reservas de gás, já anunciadas por Riobaldo, protagonista do livro: ‘Em um lugar da encosta, brota do chão um vapor de enxofre, com estúrdio barulhão, o gado foge de lá, por pavor” (LOBATO, 2012, p. 1)¹⁷.

Nesse limiar entre factual e ficção, está a linguagem. No entanto, entre um texto e outro, não há apenas a diferença espacial e temporal de mais de meio século, mas um conjunto de condições de produção do discurso e da própria economia que fazem com que as narrativas sejam construídas de determinada forma e não de outra.

Ainda que a linguagem seja a matéria-prima tanto do texto literário quanto do texto jornalístico e preencha, discursivamente, as lacunas das histórias, o maniqueísmo¹⁸ entre ficção e fato ainda predomina. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) observam que “é importante não perder de vista a diferença de projeto entre literatura e jornalismo: na primeira predomina o imaginário; no segundo, deve-se impor a realidade (histórica, atual) dos fatos narrados” (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 23).

Assim, o ofício do jornalismo pressupõe o trabalho com a informatividade, com os fatos concretos e reais, entendidos na lógica da profissão enquanto conceitos que se contrapõem à ficção e à invenção. A diferença é demarcada e, por meio dela, a credibilidade é construída. Conforme Nelson Traquina (2005), o jornalismo deve se ater aos acontecimentos, pois a “transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista” (TRAQUINA, 2005, p.20).

Mas, caso se considere as discussões de Jacques Le Goff (2003), essa transgressão pode ganhar outro sentido. O autor observa que os documentos que constituem a História – e que são considerados como fatos –

¹⁷ O trecho está na chamada da capa do jornal. Ver Anexo A.

¹⁸ O termo está sendo empregado no sentido de polarização e divisão entre os conceitos.

são construções que o historiador faz conforme as seleções que realiza tanto das fontes quanto dos trechos que serão registrados. Há, portanto, análise e seleção.

Para Le Goff (2003), a história é construída por escolhas e não é possível reconstituir o passado tal como ele foi, uma vez que não se tem acesso à realidade em sua completude. A vivência é atravessada por experiências anteriores e aquilo que é contado modifica-se conforme os valores e as visões de cada um. Mesmo os documentos, tidos como referência ao fato concreto e objetivo, são elementos que se baseiam em intencionalidades, pois não apenas a história é construída, mas os documentos também o são. De acordo com a fonte, há memórias diferentes e os registros vão depender da maneira como os documentos são manipulados e lidos.

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio [...] É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 2003, p. 538).

Por essa perspectiva, o fazer jornalístico é também uma construção, na medida em que seleciona fontes, recorta trechos de entrevistas, analisa o que pode e o que não pode ser dito e direciona o enfoque de cada matéria segundo a linha editorial do veículo de comunicação e, também, de acordo com os critérios adotados por quem decide o que será tratado pela mídia¹⁹.

Diante disso, pode-se dizer que a série de reportagens “Sertão Grande”, ao utilizar *Grande Sertão: veredas* como referência temporal para o paralelo econômico, torna o romance de Rosa um arquivo histórico e o atualiza conforme as circunstâncias de produção do discurso jornalístico: a intertextualidade, assim, concede o tom das narrativas.

¹⁹ Esses critérios variam conforme a teoria jornalística discutida. Ver: TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são?* 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

2.2 Os fragmentos

Como no jogo ou na brincadeira, as citações retiradas de *Grande Sertão: veredas* podem ser lidas como o esconder e o revelar de trechos do sertão mineiro, pois conforme Benjamin (1987, p. 188), “esconder significa deixar rastros. Mas invisíveis”, ou, também, deixar livremente exposto para que seja descoberto. No conceito benjaminiano, o rastro ou o resto não é aquilo que sobra, mas aquilo que indica uma totalidade enquanto potência, mas que é autônomo e tem valor por si mesmo. Da mesma forma é o fragmento: enquanto pedaço de alguma coisa, ele guarda consigo traços daquilo a que, em algum momento, esteve ligado, mas, tal qual a semente, germina e origina outro elemento. Embora deslocado, o fragmento conserva a unidade que o torna capaz de ser, conforme discute Buck-Morss (2002), a força motriz determina o todo. Assim, a autora observa que o princípio da montagem é entendido como princípio constitutivo. Para Bolle (2004, p. 84), “a fragmentação, que é um das características gerais do discurso labiríntico, é em *Grande Sertão: veredas* um procedimento construtivo básico” (BOLLE, 2004, p. 84).

Diante disso, observa-se que os trechos do romance inseridos na tessitura das reportagens trazem consigo o sertão roseano. Assim, do encontro entre a narrativa jornalística e a literária surgem fragmentos de um sertão que se torna múltiplo dentro dos limites que lhe são impostos pelo fazer jornalístico. É múltiplo porque o fragmento é entendido por Benjamin como algo que possibilita a obra, aquilo que indica a lacuna e que, por ser lacuna, é também rastro. É delimitado devido aos recortes feitos pela reportagem tanto na obra quanto na definição dos lugares que seriam visitados para a produção da série, lugares esses que existem tanto no romance quanto na geografia percorrida pelos repórteres. “Contrariando um crítico que o felicitou por haver ‘inventado uma paisagem literária’, Guimarães Rosa enfatiza que ele ‘não podia constantemente acrescentar notas de rodapé para assinalar que se trata de realidades’” (BOLLE, 2004, p. 64).

Em relação a esses lugares, cabe lembrar que durante a leitura de *Grande Sertão: veredas*, Paulo Henrique Lobato marcou as localidades que eram citadas no romance. A partir desse mapa construído com marcas de grafite às margens das páginas do livro, ele definiu o percurso a ser seguido para a elaboração das reportagens. A escolha dos trechos do romance para serem inseridos nas matérias considerou, por sua vez, o contexto em que as localidades apareciam.

Assim, os lugares pelos quais andaram Guimarães Rosa e também os personagens por ele elaborados se tornaram os rastros que conduziram a produção jornalística. Nesse ir e vir entre o romance e as reportagens, há a construção da história referente à economia do sertão, uma vez que, em termos de linguagem e percepção, o que há são os recontos “do fato” e não o “fato” em si. “As alegorias são, no campo do pensamento, o que as ruínas são no campo das coisas” (BENJAMIN, 1986, p. 31), ou seja, remetem a algo que existiu, ainda que a totalidade não esteja mais presente.

Segundo Lobato e Ribeiro (2012), as paisagens dos lugares já não são mais as mesmas – “Guimarães Rosa se surpreenderia com o novo sertão: o povoado de Barreiro Grande cresceu e se transformou em Três Marias, o de Aracaí se emancipou de Sete Lagoas” (p. 16) –, mas a situação das pessoas não mudou tanto assim – “[...] a desigualdade social ainda enche de poeira as engrenagens do tecido social” (p. 16).

Nas linhas que tecem o texto, a memória se faz presente todo o tempo e ela é, para Benjamin (1987), o meio para a exploração do passado. “É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1987, p. 239). Voltar a esse meio, que nas reportagens tem como pano de fundo o sertão roseano, para fazer o contraponto ao sertão atual, é agir como quem escava e, por isso, quem se aventura nesses caminhos deve observar que

não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa à escavação (BENJAMIN, 1987, p. 239).

Nesse contexto, a travessia de *Grande Sertão: veredas* é o passado escavado, revolvido, recortado e recontado que permite encontrar, sob os traços da ficção, os elementos relacionados às questões socioeconômicas de tempos outros, tidos como paralelo para a construção das reportagens da série “Sertão Grande”. O sertão são lugares da memória, mas, também, o mapa de uma história social que, sob o viés do fato e com a chancela do jornalismo, a reportagem buscou mostrar.

Após revolvidos, os elementos são retirados da obra e ganham novo contexto: por meio de citações, o romance é inserido no texto jornalístico e traz para o contexto de leitura um diálogo que permite entrever a construção de uma imagem de sertão que pode ser interpretada por meio dos rastros deixados pelas palavras, e, também, pelas imagens. A fotografia, enquanto recorte do espaço condicionado pela objetiva da câmera e emanção do referente, é também um fragmento.

Conforme Roland Barthes (1984, p. 129) observa, ela é “um certificado de presença”, fala daquilo que foi registrado em milésimos de segundos e mistura, na mesma superfície, o real e o vivo. “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (BARTHES, 1984, p. 62). E ver as veredas cercadas pelos eucaliptos e máquinas leva a questionar o “sertão: estes seus vazios” (ROSA, 2006, p. 31), não no sentido de ausência, mas das presenças que alteram o próprio sertão e o oprimem, tornando vazias e devastadas as veredas que o identificam.

Além disso, o jogo de palavras que nomeia a série jornalística – FIG. 1 – “Sertão Grande” –, altera a ordem do título do romance de Rosa – *Grande Sertão* – e, assim, modifica também os significados. Nas páginas do jornal, o que prevalece é o sertão local, palpável, vasto, mas comparável a outros sertões – daí, o adjetivo “grande” após o substantivo, referindo-se a um espaço acima da média – e que é conhecido e registrado, por palavras e imagens, por meio de uma viagem que busca comprovar o real. Enquanto isso, o outro sertão – o *Grande Sertão* – mantém a aura que a literatura lhe concede: é aquele cuja extensão não se calcula, que se expande além de si mesmo e na sequência de

palavras que o nomeia – o adjetivo antes do substantivo – torna-se ainda mais eminente, envolto de uma grandeza figurada. A ficção, afinal, não tem fronteiras e são diversas as construções imagéticas que possibilitam.



FIGURA 1 – Capa da série de reportagens “Sertão Grande”

Fonte: Estado de Minas, 25 de março de 2012

Alberto Manguel (2006) discute que as imagens, assim como as histórias, nos informam, e se constituem narrativas a partir do momento em que cada olhar concede-lhes sentido. “A imagem dá origem a uma história que, por sua vez, dá origem a uma imagem” (MANGUEL, 2006, p. 24). Ao se apresentarem instantaneamente, as fotografias da capa da série jornalística – FIG. 1 – expressam, visualmente, o que está sendo entendido como “Sertão Grande”: os eucaliptos, em forma de linhas horizontais que se entrecruzam no plano de fundo da fotografia principal e se perdem até a linha do horizonte, junto à vegetação arada no centro óptico da fotografia, deixam entrever que as veredas estão sendo sufocadas por eles. Nas três fotografias menores, logo

abaixo da principal, tratores dão o tom do que seria esse novo sertão e o elemento humano, implícito nas demais imagens e explícito na imagem do meio, é o propulsor de tantas mudanças. “Progresso”, “Negócios” e “Riqueza” são as palavras que legendam essas fotografias e, nessa interação entre texto e imagem, o grande sertão que surge está repleto de máquinas, tecnologia e infraestrutura.

A vinheta da série, composta pelos ícones dos buritis, estrada, caminhão e indústria, também trabalha o conceito de progresso: onde há caminhos percorridos pelas máquinas, as empresas chegam e o progresso se instala. Dessa forma, a imagem permite entender que se no romance *Grande Sertão: veredas* – e mesmo na época da viagem de Rosa pelo interior mineiro – os caminhos eram de terra e a travessia era feita a cavalo, na atualidade o sertão está mais desenvolvido. Percebe-se que os conceitos de desenvolvimento e progresso estão bastante ligados aos de estrada e industrialização, ainda que estes últimos representem, conforme pode ser visto nas fotografias, a modificação drástica da paisagem natural.

Os textos verbais e visuais são, assim, agregados em um limiar, entendido conforme perspectiva benjaminiana enquanto limite e passagem, e na zona de contato, ou seja, nos espaços onde culturas díspares se encontram e se entrelaçam (PRATT, 1999), constituem outro sertão, que não é apenas o sertão do romance, nem apenas o das reportagens. Tal limite e passagem entre textos e imagens também se repete nas demais reportagens da série e, em cada uma delas, os efeitos de sentido gerados pelas relações discursivas alteram a percepção sobre o sertão. Nessas interações, ele se torna fluido. “O senhor tolere, isto é o sertão” (ROSA, 2006, p. 7-8).

As transformações na paisagem não se restringiram apenas à emancipação de lugarejos ou ao crescimento de cidades, ou à substituição das veredas pelas plantações de eucalipto, ou do trote a cavalo pelo motor dos caminhões. A presença do homem – e de sua travessia constante – é lembrada desde primeira reportagem – FIG. 2:



FIGURA 2 – Reportagem “Veredas do novo sertão”
 Fonte: Estado de Minas, 25 de março de 2012

A primeira citação direta que abre a série jornalística e está logo acima do título, no entanto, é a mesma que, no livro, fecha o romance, como último período – “O diabo não há! É o que digo se for... Existe é homem humano. Travessia” (ROSA *apud* LOBATO e RIBEIRO, 2012, p. 16). A primeira reportagem, publicada no dia 25 de março de 2012, traz, além do enredo do livro – o que contribui para contextualizar o leitor e delimitar os espaços entre a realidade do romance e a realidade apurada pela reportagem –, os elementos comuns entre a série e a viagem de Rosa: as localidades visitadas e a quantidade de dias que a viagem abrangeu.

Aquilo que encerra o romance – e é seguido pelo símbolo do infinito, portanto, a abertura para a significação, ou, também, a possibilidade da narrativa que se forma na experiência – é, na reportagem, o que a abre e é seguido do título que orienta a leitura para uma percepção mais direcionada sobre o sertão de hoje. A informação se explica e, num primeiro olhar, antes mesmo de caminhar pelo texto jornalístico, já se mostra por meio da

justaposição entre título e fotografias. Não há apenas uma mudança de contexto do trecho do romance, mas de significação.

Enquanto rastro, que, autônomo, traz o sertão da travessia de Riobaldo e Diadorim, sem, no entanto, revelá-lo, a citação narra pela impossibilidade de narrar e, ao mesmo tempo, ecoa o romance e se cala, e adquire novos rumos na justaposição com outros textos. Considerando que Benjamin (1987) discute que a narrativa foge da ideia de informação, mas se aproxima da ideia de formação, é possível encontrar nessa justaposição entre citação, título e imagens, lacunas a serem complementadas. Assim, se existe é homem humano – travessia –, existem também as veredas do novo sertão, que abrangem tanto o movimento dos tratores revolvendo a terra – para trazer o progresso que, conforme observa Benjamin, muitas vezes se torna retrocesso –, quanto a resistência do buriti que, nas palavras de Rosa (2006), quer todo o azul, mas não se aparta de sua água.

O sertão que surge desses caminhos que entram pelas palavras da literatura e do jornalismo, e agrega fragmentos da obra de Rosa e fragmentos do espaço fotografado, conduz o leitor a um espaço em que os dizeres reúnem ficção e factual, sociabilidades imaginárias e físicas, e aspectos simbólicos. Tais interações se referem à constituição de um sertão que já não é de tantos vazios, pois a emancipação já acontece nas localidades, e, também, à dinâmica em que passado e presente se encontram para tratar de futuros.

Na reportagem “Pó que não vem mais do chão” – FIG. 3 –, publicada também no dia 25 de março, a citação que precede o título – “(Zé Bebelo) dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas (...)” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p. 17) – aponta uma situação nunca cumprida no romance, mas que deixa um rastro para que se contextualize no texto jornalístico. Esse rastro é o parque fabril que se instalou em distritos industriais de cidades como Montes Claros, Três Marias e Pirapora. Há, contudo, um detalhe a ser observado: ao olhar para a citação, a foto e o título, nessa ordem, o que se desdobra é a leitura de que, se nos tempos do romance, o pó vinha da poeira do sertão, hoje ele vem das fábricas. Enfim, mudam-se os tempos, mas a

poeira permanece, dessa vez, vinda de outra fonte que não a terra. Título e imagem se reforçam; já a citação segue por outro caminho e abre a possibilidade para o reluzir do Norte mineiro: a fábrica, a todo vapor, fortalece a economia.



FIGURA 3 – Reportagem “Pó que não vem mais do chão”
Fonte: Estado de Minas, 25 de março de 2012

Já na reportagem “Riqueza escondida no broto da terra” – FIG. 4 – , veiculada no dia 26 de março de 2012, a citação se desdobra no texto jornalístico como uma abertura de possibilidades para o contexto econômico da região: “Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão Mogol, Brejo das Almas e Brasília (...)” (ROSA *apud* LOBATO e RIBEIRO, 2012, p.18).

No romance, o trecho refere-se ao ir e vir de Riobaldo e seu grupo, e envolve a amplitude que o sertão tem e a pobreza que o envolve. Inserida na página do jornal, a citação dialoga com a informação de que a descoberta de minério de ferro tem trazido investimentos ao sertão. Justaposto no espaço da informação, o fragmento da narrativa é o elemento que remete à obra de Guimarães Rosa, mas dela também se distancia. Dadas as relações discursivas

com os demais elementos do texto jornalístico e com a iconografia – o substantivo “riqueza” no título e as imagens do maquinário e das pessoas servindo-se em um restaurante –, o trecho passa a indicar que a fartura foi encontrada. No entanto, a última fotografia no quadrante direito inferior conduz, ainda, à interpretação de que tal riqueza também tem um ciclo e que as ruínas podem surgir.



FIGURA 4 – Reportagem “Riqueza escondida no broto da terra”
 Fonte: Estado de Minas, 25 de março de 2012

Nesta reportagem, a fotografia mostra que algo está sendo extraído do subsolo, mas, sem o texto, a informatividade da imagem fica aberta, pois ela pode representar extração de quaisquer recursos naturais, e não apenas do minério, como é o caso. Outro detalhe da composição imagética da página – e, nesse caso, pode-se lembrar do *punctum* discutido por Barthes (1984) e que se refere àquilo que tange o observador – é a fotografia em *contra-plongé* da igreja de pedras inacabadas de Bom Jesus de Matosinhos, no distrito de Várzea da Palma, Guaicuí. O texto do *box* “Rosianas” utiliza como fragmento de *Grande Sertão: veredas* a informação de que foi nesse distrito que Riobaldo percebeu que amava Diadorim e conta sobre a lenda de que a igreja ficou inacabada

porque houve uma febre que matou os trabalhadores. Em seguida, remete esse detalhe ao romance novamente e, por meio da citação direta, inclui Riobaldo como personagem do texto jornalístico. “Riobaldo explorou a história em *Grande Sertão: veredas*. ‘Guaravacã do Guaicui: o senhor tome nota deste nome [...] de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis; e dizem que lá agora dá febres” (ROSA *apud* LOBATO; RIBEIRO, 2012, p. 18). O texto da reportagem é finalizado, registrando que lá, atualmente, é uma atração turística.

Na zona de contato entre as histórias que o cercam, o lugar é percebido como causador de febres, seja a emocional que vem da revelação do amor entre os personagens do romance, seja a física que abateu os trabalhadores. Nesse contexto, a febre pode ser entendida também como uma conotação da modernidade que se torna ruína ou, então, do progresso que não cria raízes, pois assim que extrai do solo o que pretende, vai-se embora, deixando apenas os rastros de que, um dia, passou por ali.

Já a citação “E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que tinha (...) Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.10) surge na reportagem “Comércio agora mantém o sertanejo em casa” – FIG. 5.



FIGURA 5 – Reportagem “Comércio agora mantém o sertanejo em casa”
Fonte: Estado de Minas, 26 de março de 2012

Mesmo o tempo do romance sendo múltiplo, ele possibilita o paralelo entre o passado e o presente. A citação pode ser percebida como uma referência à migração brasileira do interior para os centros urbanos, que aconteceu em tempos diversos que envolvem tanto o início da modernidade, quanto os anos 1950 e a situação atual do século XXI. “Hoje, se o personagem fosse de carne e osso, teria grande oportunidade de se empregar no varejo ou se bacharelar em direito no próprio sertão” (LOBATO, 2012, p. 10).

Pelo que se percebe na interação entre o fragmento do romance e o texto da reportagem, pode-se dizer que se no século passado o sertão não oferecia recursos para que as pessoas permanecessem nele para trabalhar e estudar. Já no século XXI, a situação se modificou e um fator que corrobora tal constatação refere-se à criação de diversos campi universitários pelo governo, como o da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), que em certa medida busca oferecer oportunidades ao cidadão dos Vales de se profissionalizar academicamente, para se manter na região.

As outras citações que aparecerem na série de reportagens também atuam como narrativas que ora se abrem à interpretação, ora se exaurem na informação, segundo o prisma pelo qual são observadas. A citação “Pois fomos, ligeiro, ver o que, subindo pelo resfriado. Passava era uma tropa, os diversos lotes de burros, que vinham de São Romão, levavam sal para Goiás” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.14), que integra a reportagem “Cavalos agora vão no motor”, faz o contraponto entre os tropeiros que povoam o romance e os que, na época das matérias, transitavam pelo sertão mineiro.

Ainda que não explícita na citação, a poeira do sertão se faz presente. “Afinal, estrutura e pormenor sempre têm uma carga histórica” (BENJAMIN, 1986, p. 35) e a simplicidade que envolve o transporte na região, também. O jogo de sentidos feitos com a palavra “cavalos” permite entender que a tração agora está na potência do motor. Mas, ainda que os tropeiros de agora andem motorizados, o veículo que consta na fotografia – FIG. 6 – é uma caminhonete mais velha e desfaz a imagem de transporte potente.



FIGURA 6 – Reportagem “Cavalos agora vão a motor”
Fonte: Estado de Minas, 27 de março de 2012

Essa estrutura do pormenor que conserva em si a história também pode ser percebida nos rastros deixados na citação que precede a reportagem “Estradas trazem dinheiro e tragédia” – FIG. 7.



FIGURA 7 – Reportagem “Estradas trazem dinheiro e tragédia”
Fonte: Estado de Minas, 28 de março de 2012

Paracatu, Pirapora e São Francisco são os lugares visitados e a BR 040 é um dos focos. A citação “Ah. Diz-se que o Governo²⁰ está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí...” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.14) em conjunto com o título e as imagens revela que a “rodageira” não é tão boa assim, pois representa, ao mesmo tempo, prosperidade e perigo. No romance, o trecho citado está num contexto que pode ser interpretado como a esperança de que os caminhos melhorassem o ir e vir pelo sertão. No factual da reportagem, ele é o paralelo para desvelar que a estrada, inaugurada nos anos de 1960, contribuiu para a ida de fábricas e para o escoamento de produção regional, mas que, no entanto, tem entrado em franca decadência.

São indicativos disso a estrada de chão mostrada na primeira fotografia e as marcas de poeira no asfalto. Além da rodovia, há os trilhos das estradas de ferro, metáforas para o movimento espacial do progresso e que também estão no romance e na reportagem – FIG. 8.



FIGURA 8 – Reportagem “Trem levou as pessoas e deve trazer o minério”
Fonte: Estado de Minas, 29 de março de 2012

²⁰ Considerando as múltiplas temporalidades presentes no romance e já discutidas nesta pesquisa conforme as possibilidades apontadas por Bolle (2004), não se pode afirmar ao certo a qual governo Riobaldo se refere.

Mas, em cada um dos textos, os trilhos significam algo diferente. Nesta reportagem, que tem como citação “Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá [...]” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.22), os rastros do romance nos lugares visitados pela série de reportagem, contém o futuro guardado em passados.

Corinto e Lassance – O alemão Vulpes, personagem de *Grande Sertão: veredas* que vendia de tudo a fazendeiros, acertou em cheio quando disse ao também ‘estranja’ Assis Wababa, um comerciante turco, que Currálinho lucraria bastante com a chegada do trem [...] A chegada da estação ferroviária impulsionou tanto a economia do povoado que o lugarejo se emancipou de Curvelo. Currálinho agora é Corinto (LOBATO, 2012, p. 22).

No romance, o trecho citado na reportagem refere-se ao momento em que Riobaldo vai embora da casa de Selorico Mendes e procura gente estrangeira para o receber, no caso, Seo Assis Wababa, pois não queria ver nenhum conhecido. Durante a conversa na casa, a chegada dos trilhos entusiasmava o comerciante e faz Riobaldo sonhar também.

Me alembro: eu entrei no que imaginei – na ilusãozinha de que para mim também estava tudo assim resolvido, o progresso moderno: e que eu me representava ali rico, estabelecido (ROSA, 2006, p. 124).

Na reportagem, o fato apurado torna real o que tinha sido expresso na ficção e o fragmento, deslocado de seu contexto original, faz com que o personagem do livro seja, também, personagem jornalístico.

Janaúba e Jequitái são as outras localidades que a reportagem visitou. Com a citação “Sabíamos: um pessoal nosso perpassava por lá, na Jaíba, até à Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde Grande” (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.15) precedendo o título “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem” – FIG. 9 –, os rastros apontam para um sertão cheio de vazios, mas que, agora, possui novos tons e está preenchido pela fruticultura.



FIGURA 9 – Reportagem “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem”
Fonte: Estado de Minas, 30 de março de 2012



FIGURA 10 – Reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios”
Fonte: Estado de Minas, 31 de março de 2012

Mas, se a maioria dos rastros do romance, até então, desdobraram-se nos lugares percorridos pela reportagem apontando possibilidades para o sertão construído através da linguagem jornalística, na última matéria da série – FIG. 10 – os rastros se voltam para um sertão onde são poucos os que têm acesso aos recursos. As duas reportagens – FIG. 9 e FIG. 10 – colocadas uma ao lado da outra, demonstram tanto pelas fotografias quanto pelos títulos um sertão de contrastes. Japonvar e Buritizeiro são as localidades visitadas, o título da reportagem é “Pobreza parece mais perene que os rios” e a citação que abre a matéria é a seguinte:

Aquela gente depunha que tão aturada de todas as pobreza e desgraças. Haviam de vir, junto, à mansa força. Isso era perversidades? Mais longe de mim – que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidos de suas misérias (ROSA *apud* LOBATO, 2012, p.14).

Esse trecho destacado na reportagem refere-se, no romance, a uma passagem em que Riobaldo, como Urutu Branco – chefe de jagunços –, convence os sertanejos pobres que encontra num vilarejo a entrarem para o bando em troca de “glórias”:

Pois vamos! As famílias capinam e colhem, completo, enquanto vocês estiverem em glórias, por fora, guerreando para impor paz inteira neste sertão [...] – 'Ij' Maria, é ver, nós, de Cristo, jagunceando...' – escutei, dum. Daí, declarei mais: – 'Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia... E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p'ra o renovame de sua cama ou rede!...' Ah, ô gente, oh e eles: que todos, quase todos, geral, reluzindo aprovação. Mesmo os meus homens. Fiz gesto, com meu contentamento (ROSA, 2006, p. 446).

No contexto do romance, Riobaldo arrebanha esses moradores de um interior esquecido para seu bando, oferece-lhes esperança, mas não os tira de suas misérias. No romance, a exploração da mão de obra das pessoas fica clara.

O que se oculta e se revela, por meio dessas figuras do labirinto e do tabu, é um problema social monstruoso, cuja solução é sempre postergada pelos donos do poder, dos quais faz parte o protagonista-narrador rosiano. Por intermédio de uma visão de Riobaldo, Guimarães Rosa compõe um quadro ficcional, que a história real se encarregou de copiar: multidões de excluídos pondo-se em movimento em direção aos grandes centros urbanos (BOLLE, 2004, p.. 226).

Na reportagem, o que prevalece é o foco na pobreza e na desigualdade social da região. Japonvar tem a menor renda *per capita* mensal do Estado – R\$ 294,23 – e lá, alunos do 7º ano de uma escola municipal assistem às aulas em um imóvel improvisado, onde antes funcionava um boteco. Em Buritizeiro, a renda *per capita* é um pouco maior – R\$ 382,80 –, mas o povoado também é esquecido: para se chegar lá, são 80 quilômetros de estrada de chão e o asfalto, que representa a chegada do progresso, existe apenas em uma das dez ruas do local.

Os fragmentos desdobrados dentro de leitura da página do jornal abrem a interpretação para um sertão de opostos, mas, também, de semelhanças: assim como o sertão do romance, o sertão geográfico, palpável, visível, percorrido pela série de reportagens também têm suas veredas e misérias. Os rastros podem, assim, ser vistos também como os elementos que se repetem, tais como a demarcação dos lugares e a presença dos personagens do romance no contexto jornalístico. Percebe-se, ainda, o rememorar de um

passado: o que antes fora progresso, tal qual a estrada rodageira, também mostra a decadência.

Acima do título de cada reportagem da série “Sertão Grande”, citações diretas retiradas do romance *Grande Sertão: veredas* forneceram os rastros para o leitor seguir pelo interior mineiro. O que ele encontra é um sertão de muitas formas que pode se alterar conforme as relações que estabelece com os saberes que cada leitor já tem e com os elementos da página impressa na qual é inserido.

A palavra escrita concede ao sertão contornos e formas que, conforme o prisma, ora são semelhantes, ora são distintos. Os fragmentos da obra de Rosa presentes nas reportagens da série foram, assim, percebidos não apenas como a presença de uma obra dentro de outro texto, mas, além disso, como lacunas que, preenchidas no ato da leitura, contribuíram para constituir um olhar sobre o sertão mineiro.

O sertão do romance, labiríntico e fluido, inserido por meio de fragmentos nas reportagens, foi desdobrado: construído como espaço geográfico com rios e veredas – ainda que decadentes –, e vivenciado pelos repórteres e personagens na zona de contato, tornou-se o retrato das mudanças que o tempo tece. Ao mesmo tempo, as dobras e desdobramentos oriundos das relações estabelecidas com os demais elementos do limiar entre fato e ficção fazem entrever que, do ponto de vista social e econômico, a história não mudou tanto assim: há progresso para uns mas, para outros, o que se tem é um sertão abandonado.

Assim, o sertão de *Grande Sertão: veredas* inserido nas reportagens por meio de fragmentos, teceu rastros que conduziram ao preenchimento de lacunas. Afinal, “uma vez que começamos a nos orientar, a paisagem de um só golpe desapareceu, como a fachada de uma casa quando entramos” (BENJAMIN, 1987, p. 43). Da mesma forma, o sertão primeiro do romance e da reportagem deu lugar a outro sertão: o que era o fluido tornou-se palpável, mas, a esperança de dias melhores ainda permeia seus caminhos.

3ª MARGEM

AS NOVAS VEREDAS: SERTÕES

3 AS NOVAS VEREDAS: SERTÕES

No capítulo anterior, discutiu-se a obra *Grande Sertão: veredas* e a série de reportagens “Sertão Grande”, bem como as citações do romance, aqui consideradas como fragmentos, ruínas que, na significação benjaminiana são rastros, vestígios, que, no entanto, contém em si a singularidade e a autonomia capazes de lhes conceder valor em si mesmos.

Os fragmentos, assim como as palavras dispersas pelos tempos e espaços, se assemelham às folhas que se desprendem das veredas e movem-se pelo sertão no ritmo dos ventos e das brisas. Misturam-se os elementos, modificam-se os tons, transformam-se em outras matérias, difundem-se no cascalho da estrada de chão ou seguem nas correntezas dos cursos d’água que compõem a travessia do espaço de *Grande Sertão: veredas*. Também se difundem no pó do asfalto e das fábricas que chegam ao interior mineiro e na perenidade dos rios que a série jornalística “Sertão Grande” lembra.

Seriam as mesmas folhas das mesmas veredas? Em certa medida, sim; em certa medida, não. As folhas continuam folhas, assim como as palavras continuam palavras, mas se transformam. O lugar de onde saem e os redemoinhos pelos quais passam as modificam: a dispersão constrói o discurso conforme as circunstâncias. Daí que o sertão de 1950 e o sertão de 2012, embora delimitem formalmente a fronteira entre ficção e factual dado os gêneros de cada texto, estão num limiar que dilui as divisões para tornar a narrativa uma construção de linguagem.

No romance, a ambigüidade e a pluralidade conduzem o ritmo; porém, nas reportagens, o recorte busca a justa forma da objetividade e da clareza. Assim, o sertão que surge da zona de contato entre o texto literário e o jornalístico é um sertão de muitos tons, e assim como o movimento das folhas, vai se modificando de acordo com os lugares nos quais se insere e conforme a luz que sobre ele incide. Há uma tensão que o polariza: sequidão e veredas, progresso e atraso, desenvolvimento e desigualdade. Mas há também, uma pergunta que os mescla: tudo isso em relação a quê, mesmo?

3.1 As zonas de contato

No caminho do meio, o limiar faz com que a significação de cada um desses conceitos que envolvem o sertão seja compreendida dentro de uma prática discursiva e, com isso, as palavras podem ou não ser o que dizem. O tempo, o espaço e os contextos mudam. Os significados também. Na zona de contato, é pelo olhar do outro que a significação do sertão acontece: na tessitura das narrativas, as palavras dos personagens do romance e dos personagens das reportagens ganham espaço no texto pelo recorte da grafia do viajante. O sertanejo conta ao estrangeiro sobre a vida no sertão, e o estrangeiro reconta a história deste outro lugar. Os deslocamentos se fazem e, nesse movimento, a significação – tal qual as águas – também se movimenta. As respostas não se fecham e o sertão se amplifica.

As leituras sobre *Grande Sertão: veredas* são inúmeras, mas, mesmo assim, elas não se encerram. Conforme a perspectiva adotada, o foco muda e o modo de discutir o romance também. Mas, independente das motivações de Guimarães Rosa e do processo de construção do romance – o que, talvez, seja assunto para a Crítica Genética e que não cabe abordar em detalhes neste trabalho –, os efeitos de sentido a que se tem acesso por meio da leitura do romance referem-se a uma dispersão dos discursos para a constituição de outros discursos. O sertão, onde “os *gerais* corre em volta” (ROSA, 2006, p. 8) é também “estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra” (ROSA, 2006, p. 31) e, “enquanto isso, parte do cerrado e das veredas deu lugar a extensas florestas de eucaliptos (LOBATO, 2012, p. 16).

Tem-se, assim, o objeto construído: o sertão surge entre *Grande Sertão: veredas* e a série de reportagens “Sertão Grande” na zona de contato que, para Pratt (1999), são

espaços de encontros coloniais no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas [...] Aqui, tomo emprestado o termo ‘contato’ de seu uso em linguística, onde a expressão ‘linguagem de contato’ se refere a linguagens improvisadas que se desenvolvem entre locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar

entre si de modo consistente um com o outro, usualmente, no âmbito comercial (PRATT, 199, p. 31).

Com isso, é possível dizer que o sertão é um composto de enunciados produzidos sobre condições variadas, com pontos convergentes e divergentes, mas, em todo caso, elaborados pelo olhar do homem da cidade. Ele viaja pelo sertão – seja como escritor ou repórter ou leitor de ambas as narrativas –, interage com as pessoas que vivem nesse lugar e volta com as histórias, entrevistas coletadas e leituras realizadas para, de outro espaço, narrar o que viu, viveu, imaginou e conclui.

Um fenômeno complexo da zona de contato, de acordo com Pratt (1999), é a hospitalidade com que os visitados recebem os viajantes. Nessa interação, busca-se ter a validação das formas de saber de um sobre o outro. Em *Grande Sertão: veredas* esse fenômeno pode ser percebido na conversação que Riobaldo (o homem do sertão) estabelece com o doutor da cidade (o homem da metrópole): ora o personagem questiona o doutor da cidade – “Me concebo. O senhor não é como eu? Não acreditei em patavim” (ROSA, 2006, p. 9) –, ora busca confirmação de si mesmo por meio do outro – “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou [...] Amigos somos” (ROSA, 2006, p. 608).

Ainda conforme Pratt (1999), uma “perspectiva de contato” discute como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações com os outros, e trata as relações entre viajantes e visitados, por exemplo, em termos de interação e práticas interligadas. A autora analisa que o relato de viagem e a exploração produziram o “resto do mundo” para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista da Europa.

Do mesmo modo, pode-se dizer que tanto as reportagens – na medida em que se constituem pelo olhar do repórter sobre o fato tratado e, ainda, pela viagem que o jornalista fez ao interior mineiro –, quanto o romance, produzem o sertão para seus leitores. Essa produção elaborada em momentos específicos e sob circunstâncias diferentes é percebida considerando a discussão que Pratt (1999) faz sobre o observador, cujo papel “não é o de apenas coletar o visível, mas o de interpretá-lo em termos do invisível” (PRATT, 1999, p. 113).

Na zona de contato, o texto literário e o texto jornalístico estabelecem entre si as relações discursivas que contribuem para significar o sertão através do olhar do viajante, que recolhe casos e fatos e os reconstrói por meio da linguagem. Disso resultam espaços que se encontram em um limiar: na construção das reportagens, os lugares visitados são contextualizados com referências ao romance e seus personagens, breves resumos sobre eles e, por meio da construção textual, a interação com os fatos apurados é tecida.

Distrito de Buritizeiro, Paredão de Minas é o arraial onde ocorre a guerra final entre o bando de Riobaldo, o protagonista, e o liderado por Hermógenes e Ricardão, assassinos do 'grande chefe' Joca Ramiro [...] Todos os anos, fãs de Guimarães Rosa vão ao lugar para conhecer de perto o palco escolhido por ele para encerrar o romance. O desenvolvimento ainda não chegou ao pacato lugar, mas o lugarejo, com 1,5 mil habitantes não é um povoado fantasma, como descreveu Riobaldo em *Grande Sertão: veredas*: 'o Paredão existe lá. Senhor vá, senhor veja. É um arraial. Hoje ninguém mora mais. As casas vazias [...]' (LOBATO, 2012, p. 14).

Embora *Grande Sertão: veredas* seja uma obra bastante conhecida e as reportagens sejam construídas tendo em mente o público leitor do jornal Estado de Minas, é pela intertextualidade que se constroem as ligações de um texto com o outro e se delimitam os espaços entre as informações. Considerando a linguagem enquanto mediadora das histórias e os fatos como interpretações, conforme observa White (2001), tem-se uma relação discursiva que, por algumas linhas, tece a narrativa no limiar da ficção e do factual.

Grande Sertão: veredas se constituiu não apenas como contraponto, mas também, como pano de fundo, para o texto factual. Para a série de reportagens, tanto a viagem de Guimarães Rosa quanto a travessia dos personagens do romance são considerados como realidades factíveis para a composição do paralelo com os fatos apurados em 2012.

A viagem dos amigos, feita na companhia de outros seis vaqueiros, completa 60 anos em maio de 2012. Em comemoração à data, o Estado de Minas publica a série 'Sertão Grande'. As matérias traçam um paralelo entre a economia atual e a daquela época em lugares percorridos tanto por João [Guimarães Rosa] e Manuel quanto pelos personagens do livro (LOBATO, 2012, p. 16)²¹.

²¹ Ver Anexo B – Reportagem “Veredas do novo sertão”.

Esse contraponto se torna possível considerando a linguagem enquanto mediadora para a construção das histórias. Assim, parte-se do pressuposto de que toda realidade é uma elaboração linguística, que os fatos são interpretados por quem os vê, apura e relata, e, ainda, conforme as posições que assume e o lugar de onde fala.

No caso do jornalismo, cabe lembrar também que a linha editorial do veículo e o espaço disponível na página do jornal são outros elementos que orientam – e, por que não, condicionam – a produção do discurso, pois conforme Foucault (1999), há exclusões e interdições, pois em “toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 1999, p.8-9), ou seja, não se pode falar de tudo, nem se pode falar tudo: existe, no discurso, o “até onde se pode ir”.

Assim, conforme as circunstâncias em que se encontra, a prática discursiva se modifica e tece efeitos de sentidos que se voltam não para o conteúdo, mas para aquilo que permanece dele. Por isso, o sertão na zona de contato conserva elementos de ambos os espaços textuais que o compõe. “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006, p. 608) é o fragmento que, na reportagem, torna-se a abertura para a série jornalística e, no romance, é o que o encerra. Em um, tem-se o início da caminhada, com a sugestão de que por meio de suas ações, o homem altera o sertão. No outro, a travessia não se finda, pois é seguida pelo símbolo do infinito.

A textualidade do fragmento, tanto no romance quanto na reportagem, é a mesma, mas a significação não. A travessia, no entanto, permanece seja para se chegar a algum lugar, como no caso das matérias, seja para indicar que os caminhos nunca terminam, como no caso da narrativa rosiana. Os passos seguem pelo sertão que, como os rios, serpenteia entre os significados que o envolvem a cada leitura; pela linguagem e pelo jogo de sentidos que o texto tece, torna-se vivo.

3.2 Interações discursivas

Não são apenas o tempo e as interações na zona de contato que transformam o sertão: os espaços também o modificam, além de outras condições tais como quem fala, de onde fala, em que circunstâncias e sob quais posições fala. Os modos de enunciar se constituem nesses feixes de relações e estabelecem as condições para o discurso. Conforme Foucault (1997), tais feixes podem ser entendidos como modalidades enunciativas e manifestam a dispersão do sujeito, ao invés de estarem relacionadas à unidade: o que se tem são vários elementos, vindos de diversas partes, constituindo o discurso.

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais (FOUCAULT, 1997, p. 82).

O sertão, ainda que seja o espaço lá do interior, é também o tempo e as condições pelas quais o discurso sobre ele é tecido. Essa rede, composta de dispersões que envolvem diferentes enunciados que convivem entre si, conduz a um processo de enunciação que não se repete, pois os tempos – e, ainda, os espaços e as circunstâncias – não são os mesmos.

[Zé Bebelo] Queria se divertir com a jagunçada nos mercados. ‘Ainda quero passar, a cavalos, levando vocês, em grandes cidades [...] Arranchar no mercado de Diamantina... Eh, vamos no Paracatú-do-Príncipe...’ Hoje, o mercado de Diamantina que tantos tropeiros recebeu é um cartão-postal vazio. O de Paracatú sedia o museu local (RIBEIRO, 2012, p. 15).

Assim, as ausências presentes no espaço constituem memórias que, ao tecerem o enunciado, transformam o que ele foi e o que ele é: a palavra enquanto grafia permanece a mesma, mas o sentido a ela concedido modificou-se. O mercado enquanto espaço de significação agrega consigo os diversos discursos que o constrói: cartão, museu, comércio... Por isso, o sertão de seca,

de veredas, de desenvolvimento, de desigualdades e de possibilidades, percebido nas reportagens de 2012, não é o mesmo dos anos 1950, pois as circunstâncias socioculturais e econômicas da segunda metade do século XX não são as mesmas que estão presentes no início do século XXI, e tais condições impactam a significação do contexto.

O primeiro desafio para chegar lá [Buritizeiro] é vencer os 80 quilômetros de estrada de chão. 'Houve dias piores. A energia elétrica só chegou aqui na década de 1990', conta Antônio Ramos, de 66. No mês passado, depois de economizar boa parte da aposentadoria de um salário mínimo (R\$ 622,00), ele pagou R\$ 300,00 por uma imensa antena de televisão. Para os moradores de lá, antena não é luxo. 'Em Paredão, casa que não tem esse tipo de aparelho só tem acesso ao sinal de uma emissora', disse o homem que ainda não sabe quando conseguirá juntar dinheiro suficiente para reforçar as paredes de barro e trocar o desgastado telhado da casa (LOBATO, 2006, p. 14).

Se, naquele tempo, estrada de chão era comum, hoje significa atraso; se televisão era luxo – o aparelho só se difundiu no Brasil a partir dos anos 1960 –, hoje é algo básico. Os “dias piores” são avaliados no presente em comparação com o passado, cujos critérios para definir o que é “bom” ou “ruim” são bastante diferentes dos de hoje: nos tempos em que a energia elétrica era algo distante para muitas regiões, lampião e lamparina eram itens de diferenciação social. Agora, quando usados, significam a condição de miséria.

De acordo com Foucault (1999), a memória discursiva é tudo aquilo que foi ouvido durante toda a vida e que se atualiza conforme quem fala e de onde fala. Percebe-se, ainda, a formação discursiva, que é esse feixe de relações e interações que formam e envolvem os enunciados, abrangendo o que já foi dito e, ainda, o que pode e o que não pode ser dito a respeito de alguma coisa. Nessa discussão, cabe lembrar ainda do interdiscurso, ou seja, aquilo que está presente no discurso e o relaciona a diversos outros discursos. Segundo Foucault (1999), o interdiscurso e a formação discursiva são constitutivos, ou seja, não podem ser separados, pois um só existe porque o outro existe.

Ainda de acordo com o autor, diversos procedimentos controlam e delimitam o discurso, aqui entendido como uma dispersão de enunciados, um “conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que

se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 1997, p. 62). A dispersão pode ser comparada à poeira que o vento remove ou, ainda, à luz que se propaga na água, transformando os tons e as direções conforme os contornos das ondas. E onde há águas, há movimento: os cursos d’água, na reportagem, lembram que a pobreza no sertão é mais perene que os rios do norte mineiro; no romance, demarcam os caminhos, conduzem Riobaldo pelos labirintos do sertão, seja ele o sertão-mundo, seja ele o *ser-tão* interior.

O rio (aquela ‘terrível água’, ‘imensidade’, ‘aguagem bruta’) é para Riobaldo o símile de um sentimento nunca experimentado antes: algo que sobre de dentro, incontrolável, e se apodera dele em todas as células do seu ser. Assim, o personagem-narrador fluvial, *Riobaldo*, começa a fazer pleno juz ao seu nome (BOLLE, 2004, p. 233).

O rio São Francisco – o grande rio da integração nacional – é, no romance, o mesmo rio que dividiu a vida de Riobaldo. “O meu Urucuia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes (ROSA, 2006, p.310). Mas, esse “partir” não necessariamente significa separação, ruptura. Embora em lados opostos, as duas margens se encontram nas águas que, ao mesmo tempo, as une e as divide. Uma só existe porque a outra também existe.

A divisão, nesse caso, é também uma forma de junção e uma junção que agrega, nesse entremeio entre uma margem e outra, o movimento, a transformação e a imprevisibilidade que as águas – seja o signo, seja o elemento – trazem consigo. Daí a imagem de terceira margem²² para o sertão que surge entre o romance e a reportagem: o limiar em que os opostos – riqueza e miséria, atraso e progresso, alegria e tristeza, água e poeira – se encontram e se reúnem para compor um painel de esperança. Ora, a travessia não seria uma forma de esperança também? O ir e vir em busca de alguma coisa, que espera, que aguarda seu momento de acontecer, em algum lugar do tempo e do espaço? A busca por alguma coisa que, ora se mostra, ora se

²² A imagem de terceira margem é inspirada no conto de Guimarães Rosa chamado “A terceira margem do rio”, publicado no livro *Primeiras estórias*, em 1962. Sobre o conto, observa-se que “é significativo que o espaço escolhido pelo pai seja um espaço terceiro, espaço de mediação, de comunicação entre o visível e o invisível” (SOUZA, Lícia Soares. Traduições semióticas em Guimarães Rosa. *Acta SemioticaetLingvistica*, v. 14, ano 33, nº 1, Editora Universitária UFPB, 2009, p. 156).

esconde, na neblina do desânimo ou nos horizontes do sonho, tal qual “o irremediável extenso da vida” (ROSA, 2006, p. 29) ?

Assim, é possível entender não apenas a dispersão do sujeito, mas, também, a dispersão das palavras como um movimento que as transformam segundo as ondulações que o tempo, os espaços e as circunstâncias possibilitam. Talvez por isso, os significados se propagam e se distinguem conforme os lugares e as direções pelos quais se deslocam.

Na construção dos textos jornalísticos, os enunciados de *Grande Sertão: veredas* se juntam aos enunciados elaborados pela reportagem e o sertão é construído pelo olhar estrangeiro numa zona de contato construída nas relações discursivas que se encontram num limiar, pois:

oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso do outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais e quais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los, etc. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática (FOUCAULT, 1997, p. 53).

Quando se retira algo de algum lugar e o insere em outro, muda-se também a significação. Com a citação acontece o mesmo: o romance foi escrito em determinado momento e sob certas circunstâncias, e quando trechos dele são descolados e inseridos em outros textos, os significados mudam. No caso da reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios”²³, a citação atua como um preâmbulo para introduzir o assunto²⁴.

No entanto, o que há são promessas falsas que o personagem faz para poder conseguir homens para o bando. Alegoricamente, identificam-se as carências da população para poder explorá-las e convencer as pessoas a fazerem o que o explorador quer. Na reportagem discutida, o efeito de sentido percebido pela interação entre a citação do romance, o título e o texto da reportagem reforça a percepção sobre a exploração da mão de obra no sertão em ambas as construções textuais e a situação precária das pessoas. “Japonvar

²³ Ver Anexo C – Reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios”.

²⁴ Ver, nesta pesquisa, o tópico 2.2 Os fragmentos.

e Buritizeiro – Sessenta anos depois da viagem que Guimarães Rosa fez pelo interior para escrever *Grande Sertão: veredas*, a desigualdade social ainda impera no Norte de Minas” (LOBATO, 2012, p. 14).

A formação discursiva remete à miséria e à sequeidão do sertão, onde os rios perenes jorram lentamente e se arrastam na terra seca, insistindo para não secarem, e também, à ideia de desenvolvimento enquanto melhoria de vida para as pessoas, mas com impactos ao meio ambiente natural.

Os governos federal e estadual vêm se esforçando para reduzir a desigualdade social no Norte do estado. Além dos programas sociais, beneficiam com redução ou isenção de impostos grandes empresas interessadas em investir na região. Se estivesse vivo, certamente Guimarães Rosa faria um apelo: desenvolver o sertão sem matar as veredas (LOBATO, 2012, p. 14).

Essa tensão pode ser observada, por exemplo, nas fotografias da capa da série – FIG. 11 – e na fotografia da última reportagem – FIG. 12.



FIGURA 11 – Capa da série “Sertão Grande”
Fonte: jornal “Estado de Minas”, 25 de março de 2012



FIGURA 12 – Reportagem “Pobreza parece mais perene que os rios” – última reportagem da série
Fonte: jornal “Estado de Minas”, 31 de março de 2012

Na FIG. 11, as imagens demonstram a tensão em que o sertão está: veredas sufocadas por eucaliptos, a terra devastada pelo trator e pessoas que, por meio da solda, transformam a matéria prima. Em outras palavras, tem-se a

tecnologia e o ser humano transformando o sertão. Já na FIG. 12, muitas pessoas posam para a fotografia em frente a uma sala de aula improvisada em um imóvel que, antes, era um bar. Nesse caso, o efeito de sentido refere-se à dificuldade em ter acesso à educação que, na memória discursiva, prevalece como caminho para melhorar de vida.

Assim, imagens, textos e fragmentos interagem e revelam que o sertão é, também, de contrastes. O silêncio das imagens grita e na interação com os textos e fragmentos que compõem a série, ganha voz ora para complementar e reforçar o que a narrativa diz, como é o caso das reportagens “Frutas e pedras dão nova cor à paisagem” e “Pobreza parece mais perene que os rios”, ora para contradizê-la, como é o caso das matérias “Cavalos agora vão no motor” e “Trem levou as pessoas e deve trazer o minério”.²⁵

Nessas zonas de contato, o que se percebe é um sertão desigual, disperso entre palavras que o ilustram de formas distintas, ainda que semelhante na multiplicidade de espaços e histórias. Assim, sejam as memórias e as viagens, sejam as leituras ou reescritas, o efeito de sentido a que se tem acesso refere-se a um sertão constituído com elementos tanto reais quanto fictícios.

Nesse encontro, pelas relações discursivas que, conforme Foucault (1997), caracterizam o discurso enquanto prática, os espaços entre um texto e outro, embora delimitados na forma de descrever os personagens e os lugares, se tornam o limiar onde surge a terceira margem do sertão. Essa margem reúne o romance e a reportagem num espaço constituído pela linguagem que, também, pode ser percebido como “lugares de memória” que “são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12): não existem mais como um dia foram e mesmo a lembrança de como eram, não deve ser tão confiável assim, já que o lembrar os altera constantemente, ainda que registrados no papel, seja do livro ou do jornal. A fotografia é o recorte de um tempo e de um espaço; a história, a construção mediada pela linguagem.

²⁵ Ver, nesta pesquisa, o tópico 2.2 Os fragmentos.

3.3 Imagens e memórias

Em *Grande Sertão: veredas* e “Sertão Grande”, as narrações sobre os lugares e os tempos, os personagens e as mudanças no sertão não são apenas o delinear dos caminhos e das vivências experimentados – seja por Rosa, Riobaldo e Diadorim, ou pela reportagem –, mas, ainda, e principalmente, as expressões imagéticas em que a recordação se personifica, haja vista, conforme discute César Guimarães (1997), a vocação icônica da memória. Para o autor, a memória é constituída por texturas de imagens diversas, entre elas, cenas, descrições e composições pictóricas, enfim, signos ou conjunto de signos.

Ele [Guimarães Rosa] cita com riqueza de detalhes porque ele já esteve nesses lugares. Por isso é que está anotado aqui [no livro com anotações do repórter] o nome de todos os lugares. Nome de rua: quando ele fala nome de rua, ele fala lá em Vila do Príncipe [...] nós fomos nessa rua ver como ela é hoje. É uma rua antiga, de terra batida. O que norteou nossos caminhos foram as localidades que ele citou (LOBATO, 2014)²⁶.

Mesmo a ideia de que a fotografia seria uma marca do que foi congelado pela imagem em determinado instante é, nos dias de hoje, discutível. Barthes (1984) observa que o olhar fotográfico produz a significação, sendo a fotografia o certificado de presença, o registro de um momento que não se repete, a emanção do real passado. Fotografar é, assim, proporcionar com a objetiva da câmera um recorte do mundo e de um fragmento do tempo.

O que resta, portanto, volta a ser a lembrança do ato fotográfico: o olhar que observa algo para registrá-lo nos *pixels* da câmera digital ou na camada de prata da câmera analógica. É, portanto, o instante congelado na memória, um gesto, um movimento ao qual a imagem remete, mas não detém. O certificado de presença, discutido por Barthes (1984), pode ganhar novas ampliações de sentido, pois a imagem está aberta a interpretações e edições, inclusive, desde antes de a fotografia ser feita, haja vista as diversas possibilidades de

²⁶ Paulo Henrique Lobato, autor principal das reportagens, em entrevista sobre a produção das matérias. Ver Apêndice A – Transcrição de entrevista

enquadramentos e de usos da luz²⁷ e os significados a elas atrelados. Há, portanto, várias presenças, vários registros, que, assim como a memória, recortam instantes e espaços para grafá-los em suportes variados. O que fica nem sempre está no papel, mas dentro dos quadros que a memória pintou.

A imagem é, assim, uma construção. Para Jardim (2009), em *Grande Sertão: veredas* há “duas perspectivas para o campo de imagens: de um lado, o mundo das formas e das estruturas. Do outro, o mundo das intensidades e dos afetos” (JARDIM, 2009, p. 16), ou, em outras palavras, o sertão enquanto espaço identificável e o sertão enquanto sentimento. Em “Sertão Grande” o que se observa é um sertão palpável e economicamente viável, mas, ainda assim, com marcas fortes de desigualdade social: a pobreza é perene como os rios. A essas imagens misturam-se as do livro: com isso, os fragmentos do sertão se desdobram e nessas dobras, revelam um lugar e um tempo que ora volta-se para o futuro – a fruticultura e a industrialização promovendo mudanças nas veredas –, ora volta-se para o passado – as ruas e estradas de chão, e, nessa dinâmica, encontra-se num presente em que as imagens são caleidoscópicas: mudam conforme o ângulo de visão. César Guimarães (1997) considera como imagem os enunciados em que os signos:

re-presentam o objeto do discurso – seja aquele fixado pela percepção ou presente nas figurações da memória –, estabelecendo com esse objeto similaridades qualitativas modeladas tanto por traços visíveis quanto acústicos (GUIMARÃES, 1997, p. 62).

Uma textura imagética da memória é construída e, assim, pode-se obter, conforme os recortes feitos no campo de referências, tipos diferentes de imagens, tais como táteis, acústicas e visuais, também chamadas de imagens perceptivas que, no entanto, segundo o ponto de vista semiótico, só podem existir enquanto representação de uma representação. O objeto, em si, permanece no horizonte, no limite da finitude e da abertura, enfim, em um limiar.

Daí, a possibilidade de a narrativa se construir em torno de uma única imagem, conforme defende César Guimarães (1997, p. 82), “pois, para aquele

²⁷ Entre os enquadramentos, estão o *close*, o plano detalhe, o panorâmico, o *ponglé* e o *contra-ponglé*. Com relação ao uso da luz, há o tipo natural e artificial, entre eles, a luz *soft* e a luz dura.

que narra, é isso que importa tornar visível”. Seguindo a linha de pensamento do autor, os enunciados que formam uma imagem são construídos por blocos de sensações, rostos, devires. A imagem verbal, segundo ele, associa-se tanto à descrição, que é voltada para seres situados no espaço, quanto para a narração, focada nas ações e acontecimentos situados no tempo, e a junção de ambos concede, em *Grande Sertão: veredas*, e em “Sertão Grande” os traços de uma determinada vivência sertaneja sentida e grafada nas memórias dos personagens, reais e fictícios.

A relação entre a imagem verbal e as instâncias narrativas, assim como a presença dessa imagem na configuração das formas da experiência, da memória e da escrita, configura uma passagem do visível ao legível. Um dos principais reguladores dessa passagem é o narrador (GUIMARÃES, 1997, p. 78).

Cabe ressaltar que palavra e imagem estão juntas desde os tempos da Grécia Antiga. Le Goff (2003) observa que Simônides de Céos (cerca de 556-468 a.C), poeta grego tido como criador da mnemotécnica, fixava segundo os antigos dois princípios para a memória artificial: “a lembrança das imagens, necessária à memória, e o recurso a uma organização, uma ordem, essencial para uma boa memória” (LE GOFF, 2003, p. 436). Manguel (2006), por sua vez, lembra-se de Aristóteles e observa que, para o filósofo, “todo o processo de pensamento requeria imagens [...] ‘Portanto, a alma nunca pensava sem uma imagem mental’” (MANGUEL, 2006, p. 21). Já César Guimarães (1997, p. 35) traz Sócrates para a discussão e, nesse caso, a alma é comparada a um livro, sendo habitada por um escrevente e um pintor.

Sócrates, em diálogo com Protarco, compara inicialmente a alma – habitada por um escrevente – a um livro, e, logo em seguida, acrescenta-lhe uma outra figura: um pintor, que ‘depois do escrevente pinta na alma a imagem das coisas descritas por este’. Os traços da memória permaneceriam então gravados na alma graças a uma linguagem sem suporte, desmaterializada, à qual a escrita estaria subordinada (GUIMARÃES, 1997, p. 35).

Diante dessas considerações, pode-se observar que a construção da imagem do sertão está aberta à leitura: as palavras são os signos que remetem ao mundo reconhecível, mas são as imagens do pensamento que, conforme a

experiência de cada um irão conceder os detalhes. De toda forma, percebe-se que as lacunas são preenchidas por um imaginar, que é também subjetivo.

O sertão, enquanto lugares da memória e das narrativas, se constitui de fragmentos desdobrados que confluem, assim, para as veredas que nascem do olhar que observa o horizonte e nele encontra os elementos para contar uma história que continua a existir e ganhar vida sempre que é recontada, ainda que no silêncio daquele que segue mundo afora. Os rastros de *Grande Sertão: veredas* nos limiares de “Sertão Grande” fazem com que os caminhos continuem: os lugares da memória e os lugares do sertão seguem, sempre, em travessias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o redemoinho revolve poeiras e folhas, a construção textual revolve as palavras e sua significação. Ainda que elas não se percam nos espaços para os quais foram deslocadas, as relações que tecem entre si mesmas e estabelecem com os demais elementos do texto – e do tempo – podem se modificar. É, portanto, possível perceber diferenças que constroem outra perspectiva sobre o objeto observado, como é o caso do sertão que surge na zona de contato entre a obra *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, e a série de reportagens “Sertão Grande.

O romance foi o pano de fundo para o paralelo econômico estabelecido nas matérias entre o sertão de hoje e o sertão do passado. As vozes recortadas dentro da construção de cada um dos textos fazem com que o relato ora se aproxime, ora se distancie do sertão roseano e, por ser assim, se constrói um sertão que visto pelos fragmentos reunidos em um mosaico se torna múltiplo, tanto na paisagem seca/viva quanto na economia pobre/promissora.

A presença do texto literário na tessitura dos textos jornalísticos, junto à significação do sertão elaborada por meio da zona de contato que reúne os personagens visitados e o viajante – seja ele o escritor, seja ele o repórter, ou ainda o leitor das duas narrativas –, fez surgir a terceira margem do sertão, que ao mesmo tempo constitui o limite e a passagem entre o que é ficção e o que é fato, que flui entre as margens do que é literário e do que é jornalístico através das construções da linguagem.

Nesta terceira margem, sujeitos de espaços e tempos distintos fluem juntos na mesma correnteza que ora está mais branda, ora mais agitada, mas que conduz à uma imagem de sertão que se torna caleidoscópica, uma vez que é construída por fragmentos. Deslocados do romance e inseridos na reportagem, tais fragmentos do romance revelam que a palavra, por si, é aberta à significação: em cada um dos contextos estudados, os mesmos trechos ganham significações diferentes e é pela diferença que outras histórias – e outras leituras de *Grande Sertão: veredas* – se tornam possíveis.

No ir e vir entre o texto literário e jornalístico, o texto de Rosa, que preza pelo ritmo e sonoridade, foi abarcado pelo texto jornalístico, que se volta para a objetividade e clareza, e por meio das relações discursivas promovidas teceram um sertão envolto de uma fluidez palpável, que o situou num lugar de contrastes: no contexto apurado pela reportagem, a situação socioeconômica melhorou em alguns lugares, mas, em outros, as dificuldades permanecem – são perenes como as águas dos rios.

Os elementos opostos – veredas e eucaliptos, estradas de terra e asfalto, trem de ferro e carroça, extração de riquezas no subsolo e superfície seca – juntos, remetem à construção de um sertão não apenas mítico nem somente econômico, mas um sertão que se faz do cotidiano de quem nele vive, das esperanças de quem nele anda, das certezas que se tornam pó, do pó que se torna alicerce e faz a travessia acontecer em busca de dias melhores. Nesse ponto, tanto o romance quanto a reportagem se encontram em limiares que remetem ao labor da vida sertaneja que, conforme as discussões desta pesquisa, flui entre as margens da ficção e do fato, entre o romance e a reportagem. Enfim, texto plural, gerador de outros textos, leituras, reescritas.

A leitura aqui elaborada não encerra, contudo, as possibilidades de estudo do material analisado, pois ela é um fragmento diante das múltiplas análises para o sertão que surge na zona de contato entre o romance e a série de reportagens. A significação que o envolve é, ao mesmo tempo, interior e exterior, por isso mesmo, pode ganhar diversas expressões e significações: interpretá-lo é, de fato, um desafio dentro da perspectiva da crítica literária.

Afinal, o sertão segue abrindo caminhos por todos os lados do mundo, sejam eles reais, fictícios, híbridos... Ora, pois, “o sertão é a gente”, conta a voz de Riobaldo, grafada por Guimarães Rosa. Ora, pois, “existe é homem humano. Travessia” é o que ecoa na palavra impressa gravada na folha do jornal publicados em 2012. A relação entre um e outro? O sertão enquanto percepção, espaço, tempo, e, ainda, vivências, travessias e, por isso mesmo, esperanças.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. A ruína. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção: WilliBolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa [et. al.]. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986. p. 31-35.

BENJAMIN, Walter. Revelações sobre o coelho da Páscoa ou: a arte de esconder. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção: WilliBolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa [et. al.]. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986. p. 188-189.

BENJAMIN, Walter. Capítulos selecionados (Guichê de achados e perdidos. Escavando e recordando). In: *Rua de mão única: obras escolhidas*. v. 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 43; 239-240.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BENJAMIN, Walter. O intériur, o rastro. In: OTTE, Georg; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. I 247 - I 262.

BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 259-271, 1º semestre de 1998.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

BOLLE, Willi. Um painel com milhares de lâmpadas: metrópole e megacidade. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Organização da edição brasileira: WilliBolle. Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP): Ed. UFMG, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.1141-1167.

BOLLE, Willi. Um romance de formação do Brasil. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição Especial comemorativa dos 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 20 e 21, p. 270-282. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dezembro de 2006.

BUCK-MORSS, Susan. Capítulos selecionados (Introdução; Capítulo 4 – História mítica: fetiche; Capítulo 5 – Natureza mítica: imagem de desejo; Capítulo 6 – Natureza histórica: ruína). In: *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte (MG), Capechó (SC): Ed. UFMG, Editora Universitária Argos, 2002. p. 75-245.

CÂNDIDO, Antônio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: *Vários escritos*. 3ª ed. ver. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 147-179.

ČERNÝ, Jiří. *Los métodos semióticos y la semiótica aplicada*. Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. p 135-142. Disponível em: <<http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica7/Romanica7-14.pdf>>. Acesso: 5 jul. 2014.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONNOR, Steven. A necessidade de valor. In: *Teoria e valor cultural*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 17-41.

COSTA, Ana Luiza Martins. Via e viagens: a elaboração de ‘Corpo de Baile’ e ‘Grande Sertão: veredas’. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição Especial

comemorativa dos 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 20 e 21, p. 187-221. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dezembro de 2006.

COSTA, Cristiane. Literatura vs. Jornalismo no Brasil. *Revista Biblioteca entre Livros, Jornalismo x Literatura: fronteiras entre ficção e realidade*, edição especial, nº 11, p. 16-23, Duetto Editorial, s.d.

COUTINHO, Eduardo F. Os discursos sobre a literatura e sua contextualização. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional / teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 287-298.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e interdisciplinaridade. In: OURIQUE, João Luís Pereira (Org.). *Literatura: crítica comparada*. Pelotas, RS: Ed. Un. PREC/UFPEL, 2011.

CRISPIM, Regina Marta de Souza. Os sertões da literatura brasileira: história e estórias de uma tradição. In: OLIVA, Osmar Pereira (org.). *Os nortes e os sertões literários do Brasil*. Montes Claros: Unimontes, 2009. p. 215-231.

DERRIDA, J.A *farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. O tamanho da grandeza: geografia e história em *Grande Sertão: veredas*. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 2, n. 3, p. 108-114, 1º semestre de 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de França*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GAGNEBIN, Marie Jeanne. Capítulos selecionados (Memória, história e testemunho; O que significa elaborar o passado; O rastro e a cicatriz: metáforas da memória). In: *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed.34, 2006. p. 49-57, 97-105,107-118.

GAGNEBIN, Marie Jeanne. Entre a vida e a morte. In: OTTE, Georg; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 13-26.

GUIMARÃES, César. Capítulo 2: A vocação icônica da memória. Capítulo 3: O que é uma imagem em literatura? In: *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários – Fale/UFMG; Ed. UFMG, 1997. p.30-82.

GUIMARÃES, César. E a redenção? Notas em torno da imagem, do limiar e do real. In: OTTE, Georg; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (orgs). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 194-204.

HURLBURT, Allen. Layout: o *design* da página impressa. São Paulo: Editora Nobel, 2002.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Sertão Veredas ou a ideia de um campo de imagens: imanência. In: OLIVA, Osmar Pereira (org.). *Os nortes e os sertões literários do Brasil*. Montes Claros: Unimontes, 2009. p. 9-23.

LARA, Cecília de. *Grande Sertão: veredas* – processos de criação. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 2, nº 3, p. 41-49, 2º semestre de 1998.

LE GOFF, Jacques. Capítulos selecionados (História e Memória. Documento/Monumento). In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão... [et.al]. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 419-476; 525-541.

LOBATO, Paulo Henrique. *Série de reportagens “Sertão Grande”*. Belo Horizonte, 16 dez. 2014, 28 min., mp3. Entrevista concedida a Daniela Martins Barbosa Couto.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

MARI, Hugo. Factum e Fictum: sobre a construção de mundos possíveis. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 9, nº 17, p. 168-177, 2º semestre de 2005.

MENESES, Adélia Bezerra. O 'quem' dos lugares: a passionalização da natureza em *Grande Sertão: veredas*. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 9, nº 17, p. 29-39, 2º semestre de 2005.

MIRANDA, Wander Melo. Capítulos selecionados (Nações literárias; Imagens de memória, imagens de Nação). In: *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010. p. 15-52.

MIRANDA, Wander Melo. Projeções de um debate. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis, 1998, n.4.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S.; MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. O sertão de Riobaldo: a flora em *Grande Sertão: veredas*. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 5, nº 10, p. 99-111, 1º semestre de 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara AunKhoury. *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP, nº 10, São Paulo, dezembro de 1993. p. 7-28.

NUNES, Benedito. O autor quase de cor: lembranças filosóficas e literárias. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição Especial comemorativa dos 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 20 e 21, p. 236-243. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dezembro de 2006.

OLIVA, Osmar Pereira. Esse povo do deserto: os sertões de Minas Gerais nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire, George Gardner, Richard Burton e Maurice Gaspar. In: OLIVA, Osmar Pereira (org.). *Os nortes e os sertões literários do Brasil*. Montes Claros: Unimontes, 2009. p. 185-214.

OLIVEIRA, Livia de. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC-Minas, v. 5, nº 10, p. 234-242, 1º semestre de 2002.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. No giro da memória: literatura e psicanálise em 'Grande Sertão: veredas'. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição Especial comemorativa dos 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 20 e 21, p. 262-269. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dezembro de 2006.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz da Costa. *Guia para edição jornalística*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Que fim levou a crítica literária?* Especial para A Folha. Sem paginação.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, história e cidade: lugares o tempo, momentos no espaço. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 4, nº 4, p.23-35, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. *Revista Mosaico*, v.1, nº1, p.3-12, janeiro-junho de 2008. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225/179>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Baurur, SP: EDUSC, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SAID, Edward. Capítulos selecionados (Introdução; Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas). In: *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2011. p. 9-116.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHMIDT, Rita. Disputas e impasses no campo minado. *Revista Travessia*. UFSC, Florianópolis, n.38, jan. /jun.1999. Paginação irregular.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o ofício do escritor*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.3-91.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. *Revista Remate de Males – Dossiê Literatura como uma arte da memória*, v.26, nº 1, p. 31 a 45, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/issue/view/194/showToc>>. Acesso: 11 jul. 2014.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagens: notas de narrativas jornalísticas*. São Paulo: Summus, 1986.

SONTAG, Susan. *Sobre la fotografia*. México: Alfaguara, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAs, CEDAP, v. 4, nº 2, p. 129-138, junho de 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. Pós-teorias. In: *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, 1994 .

SOUZA, Lícia Soares. Traduções semióticas em Guimarães Rosa. *Acta Semiótica etLingvistica*, v. 14, ano 33, nº 1, p.143-160, Editora Universitária UFPB, 2009.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra regina G. Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. Nas asas do instante: sobre o uso de imagens em *Grande Sertão: veredas*. In: DAIBERT, Arlindo. *Imagens do Grande Sertão*. Belo Horizonte/Juiz de Fora: Ed. UFMG/Ed. UFJF, 1998. p. 34-48.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. vol. 1. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura* Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo : Edusp, 2001.

REPORTAGENS

LOBATO, Paulo Henrique. Cavalos agora vão no motor: tropeiros do século 21 dispensam os animais e ganham agilidade ao volante de caminhonetes. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 27 de março de 2012, p. 14.

LOBATO, Paulo Henrique. Comércio agora mantém o sertanejo em casa: varejo no Norte de Minas comemora renda maior e cresce acima da média nacional. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 26 de março de 2012, p. 10.

LOBATO, Paulo Henrique. Estradas trazem dinheiro e tragédia: pistas ruins e trechos em terra mantêm o mal como nos dias de Rosa: à espreita em cada curva. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 28 de março de 2012, p. 14.

LOBATO, Paulo Henrique. Pó que não vem mais do chão: grandes indústrias chegam ao Norte de Minas, gerando emprego e renda e alterando a paisagem. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 25 de março de 2012, p. 17.

LOBATO, Paulo Henrique. Pobreza parece mais perene que os rios: desenvolvimento que transforma o sertão da obra-prima de Rosa ainda é privilégio de poucos. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 31 de março de 2012, p. 14.

LOBATO, Paulo Henrique. Trem levou as pessoas e deve trazer o minério: ferrovia não transporta mais passageiros, mas escoar a produção do cerrado. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 29 de março de 2012, p. 22.

LOBATO, Paulo Henrique; RIBEIRO, Luiz. Riqueza escondida no broto da terra: descoberta de minério de ferro faz o investimento correrem rumo ao cerrado. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 25 de março de 2012, p. 18.

LOBATO, Paulo Henrique; RIBEIRO, Luiz. Veredas do novo sertão: riqueza, emprego e tecnologia pintam cores diferentes no cenário de Guimarães Rosa.

Jornal Estado de Minas, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 25 de março de 2012, p. 16.

RIBEIRO, Luiz. Frutas e pedras dão nova cor à paisagem de Janaúba: projetos de irrigação pintaram o cenário terroso que esconde topázios e turmalinas. *Jornal Estado de Minas*, Série Especial Sertão Grande, Caderno Economia, 30 de março de 2012, p. 15.

APÊNDICE

APÊNDICE A

– Transcrição de entrevista –

LOBATO, Paulo Henrique. *Série de reportagens “Sertão Grande”*. Sede do jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 16 dez. 2014, 20 min., mp3. Entrevista concedida a Daniela Martins Barbosa Couto.

Daniela – *Como surgiu a pauta para a série de reportagens?*

Paulo Henrique – Nós temos aqui no jornal uma biblioteca e uma videoteca e este livro aqui [*Grande Sertão: veredas*] era da biblioteca do jornal. Esta matéria foi muito gostosa de fazer e eu o guardei como recordação. Quando eu lia o livro, eu rabiscava o nome das cidades: Corinto, Curvelo, Andrequicé... Tem muitas localidades que mudaram de nome e o próprio Riobaldo, o personagem, falava que lugar que a gente nasce não deveria mudar de nome. Ele nasceu na Vila do Príncipe e Vila do Príncipe, hoje, é São Romão.

Daniela – *Dentro das mais de 600 páginas do livro, como foi a seleção dos trechos usados nas matérias? Teve algum critério?*

Paulo Henrique – Teve muito critério, sim. Eu li o livro três vezes para fazer a reportagem e, além de eu ler três vezes, eu li dez livros sobre *Grande Sertão: veredas*. Desses dez livros, a maioria era tese ou dissertação sobre *Grande Sertão: veredas*. Teve uma tese de uma menina da Universidade Federal do Rio de Janeiro que defendia o porquê dos nomes dos personagens. Ela falava que Riobaldo era porque ele seguia sempre o caminho do Rio São Francisco e ela falava de personagem por personagem. Depois que eu li – esse livro aqui está todo rabiscado -, aí a gente pegava os trechos. [O entrevistado abriu o livro e mostrou-me as páginas com anotações às margens] Vamos ver aqui, oh: eu colocava o nome das cidades: São Francisco, Grão Mogol, Brasília. Então, por exemplo, aí tem esse trecho aqui – “Mas os caminhos não acabam, tal por essas demarcas de Grão Mogol, Brejo das Almas e Brasília” –, que abre, acho, a terceira matéria da série, e a gente explica que Brasília não é a Brasília capital da república, a capital federal, é a Brasília que hoje é Brasília de Minas. Mas esse livro aqui foi publicado em 1956 e Brasília foi fundada em 1961. Então, é

por isso que é só Brasília. Depois que surgiu a Brasília capital federal é que essa Brasília no interior de Minas virou Brasília de Minas.

Daniela – *Então, posso dizer que foram as cidades que indicaram os trechos a serem usados?*

Paulo Henrique – É, porque é o seguinte: Guimarães Rosa, quando fez a viagem com Manuelzão, viajou de um lugar que chamava Barreiro Grande e, hoje, é Três Marias. Ele saiu de Barreiro Grande, que é Três Marias hoje, e foi até Araçaí. Araçaí continua com o mesmo nome. A diferença é que antes era distrito de Sete Lagoas e, agora, é um município. Esse percurso, eu não lembro quantos quilômetros tem, mas esse percurso é bem pequeno diante do percurso que os personagens percorreram. Os personagens percorreram muitos percursos; foram na Bahia, Goiás. Todos os lugares, praticamente, são reais. Ele [Guimarães Rosa] cita com riqueza de detalhes porque ele já esteve nesses lugares. Por isso é que está anotado aqui [no livro com anotações do repórter] o nome de todos os lugares. Nome de rua: quando ele fala nome de rua, ele fala lá em Vila do Príncipe [...] nós fomos nessa rua ver como ela é hoje. É uma rua antiga, de terra batida. O que norteou nossos caminhos foram as localidades que ele citou.

Daniela – *É uma matéria que fala de economia e traz elementos da literatura para dentro dela. Por quê?*

Paulo Henrique – Pelo seguinte: eu trabalho na editoria de Economia aqui do Estado de Minas e eu já vi Guimarães Rosa nas páginas de Meio Ambiente, nas páginas do caderno Cidades, o pessoal falando que as veredas acabaram para dar lugar para os eucaliptos, mas eu nunca vi Guimarães Rosa nas páginas de Economia. Então, a gente quis levar Guimarães Rosa para as páginas de Economia.

Daniela – *Pelo que consta na primeira matéria, a viagem teve a mesma duração de tempo da viagem de Guimarães.*

Paulo Henrique – Sim. Nós ficamos dez dias viajando o interior de Minas para fazer as reportagens.

Daniela – *E como foi a produção dos personagens lá, nesses lugares onde vocês foram?*

Paulo Henrique – A produção dos personagens foi o seguinte: a gente não telefonou para ninguém, não marcou nenhuma entrevista. Os personagens eram aqueles que a gente ia encontrando pelo meio do caminho. Eu não recordo quantos personagens foram publicados na matéria, mas vou dar uma hipótese: foram publicados menos de 10% dos personagens que a gente entrevistou porque não tinha espaço para todos eles. Então, a gente selecionou alguns personagens e encaixou na matéria. Saímos daqui sem saber... a gente sabia que ia encontrar um pouco do que a gente encontrou no meio do caminho, mas não sabia o que ia encontrar.

Daniela – *Só sabiam a cidade para onde iam? E o tempo que tinham?*

Paulo Henrique – Sim. Só sabíamos a cidade e o tempo que tínhamos para percorrer. Mas a gente também passou em cidades que não tínhamos pretendido. Paramos em uma cidade que se chama Lontra para podermos almoçar. Lontra fica depois de Montes Claros e durante o nosso almoço, nós vimos uma figura muito interessante que era um rapaz que estava com uma caminhonete cheia de tecidos, de roupas, de chapéu: é o que a gente chamou de tropeiros dos dias atuais. O rapaz era do Nordeste e ficava quatro, cinco meses fora de casa, igual aos outros tropeiros. A diferença é que agora, o tropeiro do século atual, percorre os trechos com caminhonete e não mais em lombos de burros.

Daniela – *Depois de fazer essa matéria, qual foi a sua percepção sobre o livro?*

Paulo Henrique – Os especialistas falam que tem três livros que são obras primas, que são: *Grande Sertão: veredas*, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Os Lusíadas*. São os três que eles falam que nenhum brasileiro pode deixar de ler. E *Grande Sertão: veredas* é o único romance de Guimarães Rosa, ele não

publicou nenhum outro romance, esse é o único romance dele. E até hoje ele seduz todos os leitores. Já foi para a televisão, virou minissérie da Rede Globo e, até hoje, é muito falado.

Daniela – *E a cada leitura, percebe-se coisas novas?*

Paulo Henrique – É. Aí, a gente pegou esse trecho aqui, aleatório: “aonde fui a um lugar nos Gerais de Lassance, seus porcos”. Seus “porcos” é uma cachoeira em Lassance e eu não sabia.

Daniela – *Sobre a questão do linguajar, da fala: no livro há palavras que se aproximam da fala que Guimarães recolheu. No caso da edição das falas dos personagens, dessa transposição do jeito que você ouviu as pessoas falando para a forma jornalística, como foi o processo?*

Paulo Henrique – A gente teve muito cuidado para não parecer que a gente estava imitando Guimarães Rosa. Guimarães Rosa tem a língua própria dele; para traduzir livro de Guimarães Rosa para outro idioma é a maior dificuldade que tem. Às vezes, a pessoa falava errado o português e a gente conserta para não expô-la. A gente não quis interferir muito, mas acabou interferindo em pouquíssimas coisas – a pessoa que troca o “l” pelo “r”, isso a gente interferiu e consertou no linguajar.

Daniela – *E no sentido de algo peculiar, do lugar, regional mesmo. Por exemplo, quando o pessoal fala muriçoca e aqui a gente conhece como pernilongo...*

Paulo Henrique – Não, não apareceu não. Seria muriçoca. Se tivesse aparecido a palavra muriçoca, a gente iria colocar na reportagem muriçoca mesmo; entre parênteses, a gente, provavelmente, iria colocar mosquito. Mas deixaria a muriçoca, tem que deixar, porque a frase “Minas são muitas” é de Guimarães Rosa. E Minas são muitas até por causa disso: o linguajar do sul é diferente do do Norte, diferente lá do Centro-Oeste, etc.

Daniela – *Mas a minha dúvida era essa mesmo: sobre a edição, como foi essa adequação ao português formal. Bom, sobre a produção: vocês visitam também algumas indústrias. Foi nesse mesmo processo de chegar e bater na porta?*

Paulo Henrique – Foi, foi nesse mesmo processo de bater na porta, chegar e conversar. Não telefonamos e falamos assim “queremos visitar você”, porque se a gente telefona e fala isso, eles preparam uma coisa bacana para receber a gente e pode não ser a verdade do dia a dia. Se a gente telefona para uma empresa grande e fala “a gente está passando aí e queria fazer uma reportagem”, aí eles podem, imagino eu, podem falar assim “ah, prepara um café da tarde, um café da manhã ou um almoço para esse pessoal” e pedem para os funcionários tratarem a gente bem, e pede não sei o quê, e pode interferir. Às vezes, a realidade é essa mesma, às vezes, não é essa. Então, o melhor é a gente bater na porta e pegar todo mundo de surpresa porque aí você vê o que é verdade.

Daniela– *Quanto às imagens usadas, tanto na parte de vinhetas, quanto nas fotografias mesmo. Como foi?*

Paulo Henrique – Olha, a vinheta, o que você chama lá em cima, aquele desenho... tem um diagramador aqui no jornal e esse cara também é alucinado por Guimarães Rosa e quando pediram para ele diagramar a série, ele ficou muito entusiasmado e bolou da cabeça dele todo aquele desenho. Aquilo lá é tudo da cabeça dele e ficaram fantásticos aqueles desenhos que ele fez. E as fotos, nós batemos, sei lá, mais de duas mil, três mil fotos para fazer aquela seleção. Foi difícil de fazer, tínhamos muitas fotos boas. A foto da capa é de uma vereda em primeiro plano e uma plantação de eucalipto no segundo plano. E esse fotógrafo que foi comigo, ele chama Alexandre dos Anjos, ele também gosta muito de Guimarães Rosa e a esposa dele é alucinada com o autor de *Alice no país das Maravilhas*. Então, ele levou uma bonequinha desse tamanho assim [com o movimento da mão, o entrevistado indica que a boneca era pequenina], loirinha, porque paralelamente ele fez um trabalho que chama *Alice no sertão de Guimarães Rosa*. Então, todo lugar que a gente ia, depois que ele terminava, ele colocava a bonequinha lá e fotografava. Nós fomos lá em Silga –

Silga é um povoado que pertence a Três Marias – e nesse povoado tem uma igreja, é uma capelinha pequenininha, uma capelinha de pau-a-pique, dentro de um cemitério, e é onde está enterrada a mãe do Manuelzão. Quando eles saíram da fazenda tocando os bois, eles passaram em frente a essa capelinha, e eles pararam lá para fazer uma oração. Então, o fotógrafo pegou a bonequinha, que é a Alice, loirinha, e botou lá no cemitério em frente à capelinha e a fotografou. E onde a gente ia, ele fotografava. Então, tem essas fotos. Essas fotos não foram publicadas aqui no jornal. É um trabalho à parte que ele fez, de *Alice no sertão de Guimarães Rosa*. Eu só não consegui ir a um lugar. Eu fiz essa reportagem, eu tinha 10 dias, e eu pedi ajuda para um amigo meu, lá de Montes Claros, para fazer uma página lá em Rio Pardo de Minas e em Grão Mogol. Ele foi lá e fez. Só que as fotos não ficaram boas. Eu encontrei com ele num domingo e eu tinha que voltar numa terça-feira.

Daniela – *É o Luiz Ribeiro?*

Paulo Henrique – É, é o Luiz Ribeiro. As fotos não ficaram boas. Então, eu passei o domingo em Montes Claros e o Luiz Ribeiro voltou lá em Grão Mogol com o fotógrafo aqui do jornal, fotógrafo profissional, para ele refazer as fotos. Então ele foi e para o fotógrafo ir, eu deixei de visitar um lugar, foi o único lugar que eu sacrifiquei. Mas, depois eu ainda vou lá por curiosidade. Esse lugar é o seguinte: é onde nasceu Diadorim. Aí, ele fala aqui no livro assim: “Este papel, que eu trouxe – batistério. Da matriz de Itacarambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins*”. Quer dizer, lá em Itacarambira tem uma igreja lá, uma matriz muito bonita, e Guimarães Rosa escolheu lá para ser onde Diadorim nasceu e onde ela foi batizada. Foi o único lugar onde a gente não conseguiu ir porque eu viajei com o fotógrafo, mas o Luiz Ribeiro é o repórter do Estado de Minas lá e lá a gente não tem fotógrafo. É o camarada mesmo da sucursal que fotografa e por uma infelicidade as fotos não ficaram boas por causa do tempo, a luz não estava boa, etc. Então, aproveitando que a gente estava com o fotógrafo profissional, a gente

fez uma reunião nós três e preferimos sacrificar Itacarambira para o dos Anjos ir com o Luiz Ribeiro em Grão Mogol e refazer as fotos.

Daniela – *As matérias foram publicadas em março. Quando foi o tempo de produção delas?*

Paulo Henrique – Eu comecei a olhar em 1º de janeiro porque em 1º de janeiro eu comecei a ler esse livro aqui. A reler, porque eu já tinha lido. Aí, eu tive a ideia: acho que dá uma boa reportagem. Fui na sala do editor executivo – chama Carlos Marcelo –, que na prática é como se fosse o chefe de redação. Como ele foi editor de Cultura, ele também conhece a fundo *Grande Sertão: veredas*, Guimarães Rosa, e ficou empolgado com a pauta e falou assim: “quantos dias você precisa?”. “Eu preciso de dez dias”. “Então, faz o orçamento e vamos viajar esses dez dias”. Mas nesse meio tempo eu tive que ler esse livro três vezes e ler outros dez livros. Então, eu não lembro a data certinha que eu viajei, mas eu comecei essa pauta no dia 1º de janeiro e foi concluída no último dia da série. Foi uma séria muito boa. Ela ganhou quatro prêmios de jornalismo e é importante porque ganhou um prêmio da indústria e o Grande Prêmio CNI. No Grande Prêmio da CNI, ela ganhou a categoria principal, ela concorreu na final... Na final, eram uma matéria da Globo News, uma do Fantástico, uma do Jornal Nacional, e você competir com televisão é muito difícil. Tinha outra, da Folha de São Paulo, outra do Estadão, outro do Globo, da Revista Época, IstoÉ, Veja... ela concorreu com todos eles e ela foi eleita por unanimidade pelos jurados. Depois, ela ganhou o prêmio do Sindicato dos Jornalistas aqui de Minas Gerais e ganhou o Sebrae, e foi para a final de outros três prêmios: ESO, CNT. Só de ter sido indicada, ela é ótima, porque CNT é matéria de transportes.

Daniela – *O tempo considerado para a produção das reportagens foi o do período da publicação do romance, não é?*

Paulo Henrique – É, mas isso foi só curiosidade, sabe. Eu não escolhi dez dias porque Guimarães Rosa viajou dez dias, não. É porque eu imaginei que dez dias seriam suficientes, até porque aquela viagem estava completando 60 anos e a gente tinha que fazer essa viagem rápido, senão outros jornais poderiam pensar

não nessa pauta, mas poderiam lembrar que aquela viagem estaria completando 60 anos e poderiam publicar qualquer outra coisa sobre Guimarães Rosa. Se publicassem na nossa frente, muita gente poderia entender que essa pauta surgiu porque outro concorrente publicou os 60 anos. Então, não foi assim “vamos fazer dez dias porque o Guimarães Rosa viajou dez dias”. Não foi isso, não. É porque dez dias era o tempo que a gente achou que seria suficiente. Se não tivesse dado esse problema com as fotos lá em Grão Mogol, seriam onze dias, por exemplo, porque aí eu teria que ir em Itacarambira, por exemplo. Mas eu tinha que voltar rápido para redigir e sair no domingo.

Daniela – *Para o paralelo com a economia de 2012, o contraponto foi 1952?*

Paulo Henrique – É. Em 1952, a população do Brasil era menos da metade, a economia era na base da agricultura e da pecuária, a indústria estava começando a surgir, a capital da república era o Rio de Janeiro, não era Brasília; poucas estradas, pouquíssimas estradas, salvo engano, acho que nenhuma estrada no Brasil era asfaltada, se fosse, eram pouquíssimas... tanto que a 040 – tem um trecho da reportagem que abre falando da 040 – estava começando a ser construída no trecho Belo Horizonte – Brasília.

Daniela – *Sobre o fazer, o ir nesses lugares, conversar com as pessoas, da pré-produção à finalização, tem algo que você acha importante ressaltar?*

Paulo Henrique – A pré-produção é importante, mas muito mais importante do que a pré-produção é ir nesses lugares, porque a ida nesses lugares pode mudar a pré-produção todinha que a gente faz. Você vai num lugar imaginando que encontra uma coisa e você encontra outra coisa completamente diferente. Então, a pré-produção é importante para levar até o lugar, mas pode mudar totalmente depois que você chega lá. Uma pré-produção que a gente fez e que saiu conforme a gente tinha pensado foi, por exemplo, quando a gente quis mostrar a industrialização no sertão. Então, a gente sabia que em Três Marias, o parque industrial chama-se Diadorim em homenagem ao Guimarães Rosa, e o nome das ruas é o nome dos personagens. Se a gente não soubesse disso, a nossa pré-produção estaria falha. Nós fizemos essa produção e lá saiu conforme a gente

pensava, saiu muito bem. Agora, teve outros lugares que a gente pensou que era de um jeito e era de outro jeito totalmente diferente como, por exemplo, Brasília de Minas. A gente não imaginava que em Brasília de Minas no subsolo, a reserva de gás, era tão grande. E lá é muito grande. E Riobaldo cita isso, com outras palavras: que saia um vapor tão grande com cheiro de enxofre que até o gado se assustava. Eu não vou lembrar a frase direito.

Daniela – *A equipe de produção da série foi composta por quem?*

Paulo Henrique – A produção, eu fiz sozinho. Daí, a fotografia escalou um grande amigo meu para fazer, que é o Alexandre dos Anjos. E como o Luis Ribeiro está lá [na sucursal] em Montes Claros, eu pedi para ele me dá uma ajuda e ir lá em Grão Mogol e Rio Pardo de Minas fazer uma página para nós.

Daniela – *Bom, as questões eram essas. Muito obrigada pela entrevista!*

Paulo Henrique – Por nada. Precisando de mais alguma informação, é só me falar.

ANEXOS

ANEXO 1

– Série de Reportagens “Sertão Grande” –

ESTADO DE MINAS

www.em.com.br

BELO HORIZONTE, DOMINGO, 25 DE MARÇO DE 2012

• HC: R\$ 3 • NÚMERO 25.617 • 130 PÁGINAS • FECHAMENTO DA EDIÇÃO: 21H



SERTÃO GRANDE

Sessenta anos depois da viagem de Guimarães Rosa que deu origem à obra-prima *Grande sertão: veredas*, o EM percorre 4 mil quilômetros por onde passou o escritor e mostra em série de reportagens a transformação econômica da região



NOVAS PAISAGENS
Extensas plantações de eucaliptos para abastecer principalmente altos-fornos de siderúrgicas avançam em várias regiões



R\$ 15 bi
É a soma dos protocolos de intenções assinados entre 2003 e 2012 por empresas interessadas em se instalar no sertão



Guimarães Rosa e o vaqueiro Manuelzão, seu companheiro de viagem, teriam uma grande surpresa: tropeiros trocaram cavalos por caminhonetes e florestas de eucaliptos engoliram veredas e boa parte do cerrado. Em muitas cidades, o comércio no varejo gerou mais emprego do que a média nacional e as grandes indústrias avançam a passos largos.

O Norte de Minas é a nova fronteira do minério no estado. Pesquisas indicam que 20 cidades encobrem jazidas de 20 bilhões de toneladas. O sertão também tem grandes reservas de gás, já anunciadas por Riobaldo, protagonista do livro. "Em um lugar, da encosta, brota do chão um vapor de enxofre, com estúrdio barulhão, o gado foge de lá, por pavor".



PROGRESSO
Canteiro de obras da Alparagatas, em Montes Claros, onde serão investidos R\$ 177 milhões na produção de Havaianas



NEGÓCIOS
Alair Mendes pretende ampliar em 50% sua fabricação de estruturas metálicas em Três Marias



RIQUEZA
Sondagem de minério da empresa Miba, em área de 8 mil hectares, em Grão Mogol: investimento de R\$ 3,6 bilhões

PÁGINAS 16 A 18

Show de descaso
Artistas e público denunciam precariedade de instalações e equipamentos do Palácio das Artes, que foi destruído por incêndio há 15 anos.

O sedã cresceu
Compacto da Fiat virou Grand Siena, com porta-malas de 520 litros e airbag duplo.

Só para garotas
Referência mundial para meninas de até 16 anos, Monnalisa abre loja-conceito em BH, com modelos de fino acabamento.

PREFEITOS DOS LIXÕES

Chefes de Executivo podem ser processados criminalmente
Quase um terço (27%) dos municípios mineiros mantêm lixões, mesmo depois de 10 anos de negociações e prazos para eliminá-los. Agora, o governo e o Ministério Público decidiram jogar duro. Em vez de acionar as prefeituras na Justiça, o MP quer processar diretamente os prefeitos.

PÁGINAS 25 E 26

Mineiro gasta mais com carro zero

Preço médio da frota que circula no estado cresceu 32% em seis anos

PÁGINA 19

EDITORIAL
PEQUENOS EMPRESÁRIOS LONGE DA MESA DE DILMA
PÁGINA 8

TRIÂNGULO MINEIRO
TRÊS SEM-TERRA SÃO EXECUTADOS A TIROS
PÁGINA 2

CRÔNICA ANTES DO
CORPO DO HUMORISTA SERÁ CREMADO HOJE
PÁGINAS 13 E 14

DUAS CIDADES, UM PRESIDENTE

Maradores de de Presidente Juscelino e de Presidente Kubitschek mantêm disputa inusitada para saber quem presta mais homenagens a JK.

PÁGINA 8

Super Esportes

RAPOSA E COELHO QUEREM FICAR NA COLA DO GALO
Cruzeiro e América fazem o clássico hoje, às 16h, de olho no já classificado Atlético, que venceu ontem o Democrata-GV por 3 a 0. Em caso de empate, o titer ficará cinco pontos à frente dos rivais. **CAAPA, 3 E 8**



9 771809 987014

Assinaturas e serviço de atendimento: Belo Horizonte: (31) 3263-5800 - Outras localidades: 0800 031 5005 Assinatura Uai: 0800 031 5000

DIÁRIOS ASSOCIADOS S/A



SERTÃO GRANDE

“O diabo não há! É o que digo se for... Existe é homem humano. Travessia.”

VEREDAS DO NOVO SERTÃO

Riqueza, emprego e tecnologia pintam cores diferentes no cenário de Guimarães Rosa

PAULO HENRIQUE LOBATO E LUIZ RIBEIRO (TEXTOS) E ALEXANDRE GUZANSHI (FOTOS)
Enviados especiais



A VIAGEM QUE VIROU LIVRO

Guimarães Rosa e Manoelito permaneceram regiões que não existem mais em Minas: povoados deixam lugar a cidades, veredas foram engolidas por diferentes plantações, o progresso alterou o costume do sertanejo. O autor sabia que a região estava prestes a mudar. Em Grande sertão: veredas, profetizou: “Ah, tempo de jagunçaria mesmo de acabou, cidade acaba com o sertão. Acaba!”. Publicado nos cinco continentes, o romance integra o sétimo grupo de importantes obras de literatura mundial por vários motivos, desde a fértil imaginação de Guimarães Rosa — que criou linguagem própria e desafiou, até hoje, tradutores do mundo inteiro — até a diversidade de temas abordados. Guerras entre jagunços, coronelismo, religiosidade, homossexualidade e economia são apenas alguns exemplos. Riobaldo batista, o personagem principal, é arriado por Diadorim, cujo pai, João Batista, foi traído e morto por companheiros do bando. Para vencer a morte dele, Riobaldo e Diadorim se lançam em longa jornada, na qual contam com a ajuda de Zé Bebelô, o jagunço que sonha ser deputado.



Canteiros de obras como o da Alparagatas se reproduzem no cerrado

Por 10 dias, no lombo de mulas e cavalos, João e Manuel guiarão 300 cabeças de gado do povoado de Barreiro Grande ao de Araçá. A viagem permitiu a Guimarães Rosa, sobrenome do médico e diplomata João, coletar informações sobre o sertão mineiro. As anotações, que despertaram a atenção do vaqueiro Manuelzão, renderam ao escritor de Cordisburgo o romance Grande sertão: veredas, cujo enredo principal é a guerra entre bandos de jagunços pelo Norte e Noroeste de Minas.

A viagem dos amigos, feita na companhia de outros seis vaqueiros, completa 60 anos em maio de 2012. Em comemoração à data, o Estado de Minas publica a série Sertão Grande. As matérias traçam um paralelo entre a economia atual e a daquela época em lugares percorridos tanto por João e Manuel quanto pelos personagens do livro. Para isso, a reportagem visitou 25 localidades, num percurso de 4,2 mil quilômetros e nos mesmos 10 dias gastos pela comitiva original.

Guimarães Rosa se surpreenderia com o novo sertão:

o povoado de Barreiro Grande cresceu e se transformou em Três Marias, o de Araçá se emancipou de Sete Lagoas, tropeiros que vendiam mercadorias em lombos de cavalos agora fazem o mesmo em carrocerias de caminhonetes. Enquanto isso, parte do cerrado e das veredas deu lugar a extensas florestas de eucaliptos. Grandes indústrias avançam no Norte do estado, gerando emprego e renda. O comércio local pegou carona no desenvolvimento e, em 2011,

gerou mais vagas que a média nacional. A lavoura, impulsionada pela tecnologia, também colhe bons frutos. O sertão não para de atrair pesados aportes. Levantamento da Secretaria de Desenvolvimento Econômico revela que, de 2003 a 2012, os protocolos de intenções assinados por empresas interessadas em se instalar no sertão percorrido pelos personagens do romance somam cerca de R\$ 15 bilhões. Mas a prosperidade, boa-nova na região, ainda não chegou para todos. Mesmo que a paisagem do sertão tenha mudado, e muito, a desigualdade ainda enche de poeira as engrenagens do tecido social.

PÁGINAS 17 E 18





SERTÃO GRANDE

"(Zé Bebelo) dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas (...)."

FOTO: ALVARO GUZANHÉ/IMAGEM PRESS



Chaminés de fábrica em Pirapora são o retrato da expansão do setor na região, que já colhe os frutos dos investimentos anunciados pela Alparagatas e pela CNH

PÓ QUE NÃO VEM MAIS DO CHÃO

Grandes indústrias chegam ao Norte de Minas, gerando emprego e renda e alterando a paisagem

PAULO HENRIQUE LORATO (TEXTO) E ALEXANDRE GUZANHÉ (FOTOS)



R\$ 650 MILHÕES
É quanto a CNH
vai investir na
nova fábrica



110 MILHÕES
Será a
capacidade de
produção anual
de pares de
sandálias
Havianas em
Montes Claros

Montes Claros, Pirapora e Três Marias – Um dos principais personagens de *Grande sertão, Zé Bebelo*, jagunço que sonhava se eleger deputado para levar fábricas ao Norte de Minas, jamais se candidatou a cargo público, mas o parque fabril sonhado por ele como início da redenção econômica daquelas bandas não é mais utopia. Cidades como Montes Claros, Três Marias e Pirapora já contam com respeitáveis distritos industriais, que não param de atrair empresas, cada vez mais ávidas pelos benefícios fiscais da União, estado e prefeituras. Os aportes mudaram a paisagem do sertão e garantem saltos na geração de empregos em localidades que, na ficção de Guimarães Rosa, despertaram a cobiça da jagunçada, sempre devidamente paramentada com suas reforçadas botinas de couro.

Hoje, por ironia, uma das novidades mais festejadas no Norte de Minas é a chegada da Alparagatas, fabricante das tradicionais sandálias Havianas. A fábrica, orçada em R\$ 177 milhões, está sendo vigiada em Montes Claros e vai ser inaugurada no próximo semestre. A unidade deve gerar cerca de 2,5 mil empregos e terá capacidade para fabricar 110 milhões de pares anuais. Dezenas de homens trabalham atualmente na construção da planta. Muitos vieram de longe, como o laboratorista Franklin Cavalanti, de 28 anos. Ele trocou os frutos do mar do Recife (PE) para assumir o controle de qualidade da obra na cidade famosa pela carne de sol. "Lá se vão seis meses. O salário é excelente. Não posso revelar o valor, mas veja bem, não foi à toa que deixei o litoral e vim para o interior."

Perito da futura fábrica, outro empreendimento de peso vai começar a ganhar forma nos próximos meses. A Casa New Holland (CNI), do Grupo Fiat, vai erguer uma fábrica orçada em R\$ 650 milhões que deve entrar em operação em 2013. O empreendimento abrirá 2,7 mil empregos, entre diretos e indiretos, com capacidade para produzir 6 mil tratores anuais. A 310 quilômetros de lá, mais de uma dezena de fábricas também ocuparam parte do cerrado em Três Marias, cujo distrito industrial foi batizado de Parque Diadorim, homenagem à personagem de *Grande sertão*, "que nasceu para o dever de guerrear enruca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor".

A área industrial de Três Marias, que se chamava Barro Grande e onde Guimarães Rosa começou a viagem para escrever o romance, abriga uma planta da Votoran-

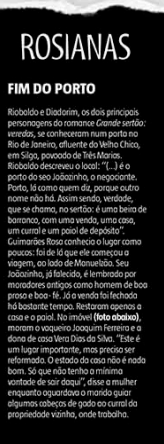
tim, a maior empregadora privada do município (900 trabalhadores), e várias fábricas de pequeno e médio portes, como a AMB Esquadrias Universal, especializada em estruturas metálicas para portões e janelas. O dono do empreendimento, Alair Mendes Bueno, comemora a demanda aquecida: "Em 2012, a meta é expandir cerca de 50%. Para isso, precisarei ampliar o espaço físico e o quadro de empregados".

A temporada de abertura de empregos também já teve início no distrito industrial de Pirapora, que conta com empresas renomadas, entre elas a Cedro Têxtil e a Ligeiras de Alumínio S/A (Liasa). As imensas chaminés de algumas indústrias são avistadas de longe. Se, de um lado, a incessante fumaça ofusca parte do claro céu do sertão, de outro, é sinônimo de emprego e renda. Nas fábricas do município, trabalham moradores de Buritirama – as duas cidades são separadas pelo Rio São Francisco – e de Barra do Guacuí, distrito de Várzea da Palma banhado tanto pelo Rio das Velhas quanto pelo Velho Chico.

O jovem Rodrigo Costa da Silva (foto ao lado), de 19 anos, é um dos novos trabalhadores do parque industrial de Pirapora. Ele deixou o mercado informal no início de março e migrou para uma grande firma especializada em ferro-silício. "Ganhava a vida como chapa de caminhão. Pela primeira vez, minha carteira de trabalho foi assinada. Meu próximo passo é aproveitar o horário vago para me dedicar mais aos estudos, pois tenho o sonho de formar em direito", planeja o rapaz enquanto avista, ao longe, uma floresta de espécie vegetal única. "São eucaliptos", explica.

A proliferação das plantações de eucaliptos substituiu boa parte do cerrado e das veredas do Norte de Minas. As árvores são destinadas, principalmente, ao abastecimento dos altos fornos das siderúrgicas. A boa demanda pelos troncos levou algumas empresas especializadas em clonagem de mudas de eucaliptos a instalar filiais na região. O viveiro Boa Vista, por exemplo, chegou a Três Marias há um ano e meio e empregou 35 pessoas. "Há meses em que negociamos 200 mil mudas (a R\$ 0,35 cada)", comemorou o gerente, Luciano Sampaio.

A proliferação das áreas de eucaliptos é assunto polêmico nos dias de hoje. Certamente, se candidato a deputado fosse, Zé Bebelo teria de abordar o tema em sua campanha eleitoral.



ROSIANAS

FIM DO PORTO

Ricobaldo e Diadorim, os dois principais personagens do romance *Grande sertão, Zé Bebelo*, se conheceram num ponto no Rio de Janeiro, afluente do Velho Chico, em São, povoado de Três Marias. Ricobaldo descreveu o local: "Lá é o porto do seu Jóabá, o negociante. Porto, lá como quem diz, porque outro nome não há. Assim sendo, verdade, que se chama, no sertão, é uma beira de barranco, com uma venda, um caso, um curral e um poço de depósito". Guimarães Rosa conheceu o lugar como poucos: foi de lá que ele começou a viagem ao lado de Memórias. Seu Jóabá, já falecido, é lembrado por micropeços artíficos como homem de boa farsa e bom fi. Já a venda fechada há bastante tempo. Restaram apenas a casa e o poço. No imóvel (foto abaixo), memórias e sonhos jazem firmes na dorada de casa Vento Dito do São. "Este é um lugar importante, mas preciso ser relembrado. O estado da casa não é nada bom. Só que não tenho a mínima vontade de sair daqui", disse a mulher enquanto apontava o morado para alguns colmos de pólo pa queimado propriedade vizinha, onde trabalha.





SERTÃO GRANDE

"Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão Mogol, Brejo das Almas e Brasília (...)."

RIQUEZA ESCONDIDA NO BROTO DA TERRA

Descoberta de minério de ferro faz os investimentos correrem rumo ao cerrado

PAULO HENRIQUE LOBATO e LUIZ RIBEIRO (TEXTO)
e **ANDRÉ CARVALHO (FOTOS)**

Enviado especial

Grão Mogol, Porteirinha e Brasília de Minas – Quando disse a frase do alto desta página, Ribaldo Tatarana o personagem narrador de *Grande sertão: veredas*, quis ressaltar a imensidão do sertão mineiro. Sem saber, profetizou o que o governo de Minas, hoje, chama de a nova fronteira do minério no estado. Pesquisas descobriram que o subsolo de Grão Mogol e o de 19 cidades vizinhas encobrem jazidas estimadas em 20 bilhões de toneladas. A descoberta delatou uma corrida de investimentos na área. Apenas quatro empreendimentos vão aportar R\$ 7 bilhões, impulsionando a geração de emprego – a projeção é de 10 mil vagas diretas – e estimulando empresários do comércio e de serviços a ampliar seus negócios para atender a futura demanda.

"Deve ocorrer uma pujança econômica", acredita Paulo Sérgio Machado Ribeiro, subsecretário de Política Mineral e Energética do governo de Minas. Um dos principais investidores é a Mineração Minas Bahia (Miba), que iniciou a sondagem numa área de 8 mil hectares em Grão Mogol, cidade histórica escolhida por Guimarães Rosa para ser a terra natal do personagem Jaca Ramiro, o jagunço cuja morte desencadeou a guerra entre bandos. A empresa acredita que poderá retirar, em média, 20 milhões de toneladas de ferro por mês no local. Para isso, deve aplicar R\$ 360 milhões.

De olho na gorda cifra, que corresponde à metade do orçamento anual da Prefeitura de Belo Horizonte, empresários de Grão Mogol e região se apressam para garantir alguma fatia. Dina da Costa e sócios, por exemplo, levantaram R\$ 2 milhões para engajar o Hotel Paraíso das Águas, com 80 leitos. O empreendimento foi inaugurado há poucas semanas. "Já fechamos convênio com algumas mineradoras. Coresca uma nova era na cidade". A algaríva é semelhante à de dona Rosa Lacomett, proprietária de um restaurante no povoado de Bucaina, vizinho ao canteiro de obras montado pela Miba. Diariamente, ela serve 60 refeições apenas para os empregados da mineradora.

A Sul Americana Metais, em parceria com a chinesa Honbridge Holdings Limited, também faz estudo em Grão Mogol e vizinhança. O aporte deve somar R\$ 3,2 bilhões e será aplicado na extração e no beneficiamento do insumo, além de mineroduto e porto (Bahia). Já a Vale pode despejar R\$ 560 milhões na extração do minério na região. Um dos municípios que despertaram o interesse da estatal é Rio Pardo de Minas, jagunço em que o bando de Jaca Ramiro duelou com adversários: "Foi um arraso de tiros, pra cima do lugar Serra Nova, distrito de Rio Pardo, no ribeirão Traçadão (...). Brasília virou. O cerrado estreou".

Hoje, o minério, como dizem os moradores, aflora no cerrado de Rio Pardo de Minas. Porteirinha, com cerca de 35 mil habitantes, é outro município que deve surfar na onda da mineração. Na década de 1980, a cidade experimentou riqueza com a produção de algodão. A cultura entrou em declínio poucos anos depois e, atualmente, a possibilidade de o minério impulsionar a economia da local cria boas expectativas nos moradores. Adail Pinheiro é um deles. Dono de uma papelaria, ele decidiu investir R\$ 1,4 milhão na construção de um hotel com 38 apartamentos.

"Acredito que apenas os funcionários da mineradora vão lotar o hotel", sonha Pinheiro. A mulher dele, Maria Lúcia Ruan Pinheiro, também quer aproveitar a pujança desejada pelo marido e começou a construir um restaurante em Porteirinha. O casal é amigo de Antônio Carlos de Matos, dono de uma revenda de material de construção. Ele conta que o volume de vendas cresceu muito nos últimos meses. Infelizmente, começou a vender casas. "Vendi cinco em três meses". O preço médio de cada imóvel, com 56 metros quadrados de área construída, é R\$ 85 mil.

GÁS Mas o minério não é o único insumo a aflorar no cerrado. O sertão também esconde grandes reservas de gás. Ribaldo Tatarana, o jagunço-narrador do romance, sabia disso: "Em um lugar, na encosta, brota do chão um vapor de enxofre, com esturilho barulhoso e o galo fogo de lá, por pavor". O município de Brasília, descrito no trecho que abre esta reportagem, é um dos locais em que a empresa Global está a existência de grande reserva de gás. É bom frisar que tal cidade não é a capital da República. A Brasília citada pelo personagem é a hoje Brasília de Minas, a 530 quilômetros de BH.

Vale lembrar que tanto a viagem de Guimarães Rosa (1952) quanto o lançamento de *Grande sertão: veredas* (1956) ocorreram antes da fundação da capital federal (1961). Por coincidência, os moradores do município mineiro "cederam" o nome à nova capital. Foi assim que minha cidade virou Brasília de Minas", explica Romilton Cruz, gerente do Restaurante Boi na Brasa. Ele está entusiasmado com a possibilidade de o lugar se transformar num Eldorado do gás. "Minhas vendas já subiram 50%".



Funcionários da Miba perfuram o solo em Grão Mogol, na nova fronteira do minério em MG



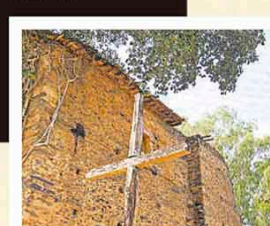
Movimento da mineração já beneficia donos de restaurantes no Norte de Minas

ROSIANAS

O ARRAIAL CRESCER

Distrito de Várzea da Palma, Guaiçú foi onde Ribaldo descobriu que amava Diodório. O local, no encontro do Rio dos Velhos com o São Francisco, abriga um dos cartões-postais de Minas, o igreja de pedra picada de Bom Jesus de Meteoritos (Bela). O templo, que nasceu numa imensa gameleira, ficou pela metade em razão de uma febre ter mudado, segundo a lenda, seus trabalhadores. Ribaldo explorou a história em *Grande sertão: veredas*. "Guararamã do Guaiçú, o senhor tanta vez de lá, nome (...). É de descendência de se chama o Cavaleiro, e dizem que lá agora dá febre. Naquele tempo, não dava. (...) Aquela igreja, o sr. Pinheiro, ficou sobrado que gostava de Diodório – de amar mesmo errado, mal encoberto em amizade."

O distrito, impulsionado pelo turismo, hoje conta com mais de 2 mil moradores. Alguns comerciantes vieram de longe para ganhar dinheiro no local. De Brasília, chegou Gilberto Luiz Menião, dono da Caravelas Materiais de Construção, aberta há um ano. "As vendas estão boas, pois há muitos ranchos ao margem do Rio dos Velhos." (PH)



LEIA AMANHÃ: Comércio explode no Norte de Minas

R\$ 7 BI
É o valor a ser aplicado pelas mineradoras no Norte de Minas

10 MIL
Número de empregos que devem ser gerados pela mineração





SERTÃO GRANDE

"E Zé Bebelo corrigiu, para eu ouvir, os projetos que tinha. (...) Não queria saber do sertão, agora ia para a capital, grande cidade. Mover com comércio, estudar para advogado."



A agente comunitária Cláionice Fernandes Machado e João Paulo Barbosa, proprietário do supermercado de Chapada Gaúcha, exibem os novos veredes do sertão

COMÉRCIO AGORA MANTÉM O SERTANEJO EM CASA

Varejo no Norte de Minas comemora renda maior e cresce acima da média nacional

PAULO HENRIQUE LOBATO (TEXTO) E ALEXANDRE GUZANHSKI (FOTOS)
Enviados especiais



21,53%
Foi o que cresceu a geração de empregos no varejo em Paretéinha em 2011



300 MIL
É a circulação anual de veredes, dinheiro próprio de Chapada Gaúcha

Januária e Chapada Gaúcha — O projeto de vida de Zé Bebelo, o jagunço politizado do romance que desejava se mudar para a capital para se bacharelar em direito e "mover com comércio", é o clássico exemplo da migração brasileira do século passado, quando o sertanejo quase sempre sem opção de trabalho e boa renda, rumava para a capital. Hoje, se o personagem fosse de carne e osso, teria grande oportunidade de se empregar no varejo ou se bacharelar em direito no próprio sertão. Faculdades não faltam mais por aquelas bandas. Já o comércio, na carona da indústria, com dezenas de empresas se instalando na região, ajuda municípios do Norte a gerar vagas de emprego em percentuais acima das médias nacional e estadual.

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego mostram que, em 2011, as vagas formais no comércio subiram 5,71% no país e 5,73% em Minas. No mesmo ano, a geração de empregos no varejo em várias cidades percorridas por Zé Bebelo e seu bando alcançou percentuais maiores. Destaque para Fortrinha (21,53%), Capelinha (12,22%), Salinas (11,5%), Januária (11,28%), Januária (10,38%), João Pinheiro (9,29%), Bocaiuva (8,19%), Pirapora (7,88%), Montes Claros (7,87%), Paracatu (7,64%), Curvelo (7,63%) e Brasília de Minas (6,24%). O comércio é tema da segunda reportagem da série Sertão Grande, que o Estado de Minas começou a publicar ontem.

Os índices apurados no sertão mineiro se devem à redução do juro, ao crédito facilitado e às estratégias criadas por lojistas, como fizeram empresários do ramo de eletrodomésticos de 25 cidades do Norte. O grupo se uniu para comprar produtos em grande quantidade, ganhando poder de barganha com a indústria. Resultado: conseguiu mercadorias com 8% de desconto e dilatação no prazo de pagamento. As vantagens foram repassadas aos clientes, impulsionando vendas e gerando postos de trabalho. "Empregava 11 pessoas há quatro anos, quando nos organizamos. Hoje tenho 20 ajudantes", comemora Alfredo Ribeiro, dono da Amaro Imóveis, que funciona em Januária.

Em 2011, seu faturamento subiu 15% em relação a 2010. Para 2012, Ribeiro espera percentual de crescimento ainda maior. O comerciante Alessandro Gonzaga, da concessionária Star Motos, contratou 10 pessoas nos últimos seis meses. Em fevereiro, ele vendeu 71 motos. "Bati meu recorde de

vendas. É bom lembrar que fevereiro tem menos dias que os demais meses e, neste ano, ainda foi "prejudicado" pela semana do carnaval. Ainda assim, a loja vendeu muito", ressaltou Alessandro, que já abriu pontos de vendas em cinco cidades da região: Varzelândia, Itacarambi, São Francisco, Montalvânia e Brasília de Minas.

DINHEIRO PRÓPRIO Uma curiosidade ajuda a movimentar o comércio de um município do sertão. Em Chapada Gaúcha, a 730 quilômetros de BH, o varejo aceita a vereda, moeda alternativa ao real, criada em 2009 com autorização do governo federal para circular exclusivamente na cidade, uma das mais novas do estado. O lugarão foi fundado em 1995, 39 anos depois da publicação de *Grande sertão: veredas*. O nome do dinheiro paralelo não é mera coincidência. Os jagunços criados por Guimarães Rosa percorriam a região constantemente.

Numa das passagens do livro, o jagunço Biobald, personagem principal, declama versos que pareciam profetizar a criação do município e a da moeda alternativa: "Trouxe tanto este dinheiro, o quanto, no meu surrao (bolsa), pra comprar o fim do mundo no meio do Chapadão". A primeira moeda alternativa surgiu no Brasil em 1998, por meio da fundação do Banco Palmas, que atua numa comunidade de Fortaleza (CE). Atualmente, mais de 60 cidades ou bairros do país têm o próprio dinheiro. Em Minas, o Banco Comunitário Chapadense é o primeiro do gênero.

Esse tipo de moeda é criada em regiões carentes ou com dificuldade de acesso a serviços bancários. O comerciante que recebe as veredas pode trocá-las por valor correspondente, em real, no banco comunitário. "Cada vereda corresponde ao mesmo valor em real. Por ano, circulam cerca de 300 mil veredas na cidade. Há notas de 1, 2, 5, 10 e 20. Também de 25 e 50 centavos de vereda", diz Cláionice Fernandes, agente do Chapadense.

A lojista Genilza Santos Gornes, dona da GS Modas, conta que 60% de suas vendas são feitas em veredas: "No início, a população era resistente às veredas. O tempo, porém, mostrou que a moeda veio para ajudar nossa economia". No supermercado de Paulo Barbosa de Sena, "as vendas cresceram 30% desde a implantação da moeda alternativa".



O UÍSQUE, A CACHAÇA E O DIABO

Andrequizé é um distrito de Três Marias, onde morou Maranhês. O povoado, hoje cercado por plantações de eucaliptos da Gerda e de outras empresas, foi escolhido pelo vaqueiro para a primeira penitência do cowboi que levou gado de Barreiro Grande à Arari. O resgate em que ele morreu se tornou um dos principais museus do espaço. **(foto: abelha)** visitado anualmente por milhares de turistas. Os visitantes riem do movimento oco do jagunço. Um dos estabelecimentos beneficiados é o de Marçal Alves Mourão **(foto acima)**, sobrinho do vaqueiro. Na parede do imóvel, dois quadros do boi morto, que ele mesmo, cortado em "uma barreira", como são conhecidos os cachorros servidos em bares. Hoje, porém, ele também negocia uísque, consumido tanto por turistas quanto por alguns mineiros. "A dose de bartender custa R\$ 1,40 e do uísque Neibu Neibu, fabricado no complexo industrial de Suape - PE sai a R\$ 5. Como o sertão mudou?" João Guimarães Rosa, que gravou do distrito, decidiu usá-lo em *Grande sertão: veredas*, quando em dois minutos apresenta que tratam de religião: "Do demo? Não glosa. (...) Ainda o senhor estuda: agora mesmo, neste dia de época, tem gente pedindo que se lembre primeiro nome, de passagem, no Andrequizé".



LEIA AMANHÃ: O velho tropeço não é mais o mesmo



SERTÃO GRANDE

“Pois fomos, ligeiro, ver o que, subindo pelo resfriado. Passava era uma tropa, os diversos lotes de burros, que vinham de São Romão, levavam sal para Goiás.”



FOTOS: ALEXANDRE GUEDENHARDT/DA PRESS

O parailano João Matias, que passa quatro meses na estrada, negocia chapéu que traz na caminhonete com Osmar Gonçalves da Silva, em rua do povoado de Lontra

CAVALOS AGORA VÃO NO MOTOR

Tropeiros do século 21 dispensam os animais e ganham agilidade ao volante de caminhonetes

PAULO HEINHOUE LOZANO
Especialista



R\$ 10
É o preço do chapéu de couro de bode vendido pelo tropeiro João Matias



SÃO ROMÃO
Banhado pelo São Francisco, foi o primeiro da região a ter um porto comercial



Amigo de Manuelzão e antigos tropeiros, o fazendeiro José da Fonseca Leal sente saudades do tempo das mulas e burros

São Romão, Lontra e Buenópolis – Por décadas, tropas de burros como a que cruzava o caminho do bandeirado por Riobaldo Tatarana, o protagonista de *Grande sertão: veredas*, conforme trecho do livro no alto desta página, eram a única forma de sertanejos dos grotões de difícil acesso receberem mantimentos e objetos em casa. Os tropeiros de hoje ainda fazem longas viagens e passam meses longe da família para vender suas mercadorias, de porta em porta, no Norte de Minas. Mas eles não sofrem mais com os trotes de jumentos, burros ou cavalos: os tropeiros do século 21 trocaram as montarias por potentes caminhonetes e motos. Alguns recorrem a carrinhos de mão que são transportados, de uma cidade a outra, nos bagageteiros dos ônibus.

Essa é o tema da terceira reportagem da série *Sertão grande*, que o Estado de Minas publica desde domingo. O parailano João Matias, de 28 anos, é da nova geração de tropeiros. Natural de Paulista, onde mora com a mulher e o casal de filhos, ele passa quatro meses longe da família toda vez que abastece a carroceria de sua caminhonete com redes de pano, chapéus e sandálias feitos de couro de bode, cadeiras de madeira e diversas bugigangas, oferecidas no cerrado de Minas e no Nordeste do país. “Vida de tropeiro não é fácil, mas já foi bem mais difícil. As caminhonetes comportam bastante mercadoria e são mais confortáveis que o lombo dos cavalos”.

Há outras diferenças entre os tropeiros de hoje e os dos anos 1950, quando Guimarães Rosa viajou pelo interior de Minas para escrever o romance. Naquela década, a população brasileira somava pouco mais de 52 milhões de pessoas. Em 2010, no último censo, o país já contava com 190 milhões de habitantes. Riobaldo, o jagunco letrado, comentou a demografia do Norte de Minas daqueles tempos nas páginas do romance de Rosa: “Lugar sertão se divulgou: e onde os pastos carecem de fechos, onde um pote de torar dez, quinze leguas, sem topar com casa de morador, e onde o criminoso vive se cristo-jesus, arreando do arrocho de autoridade”.

João Matias, o tropeiro moderno, não percorre, como os colegas de antigamente, longas distâncias sem avistar

LEIA AMANHÃ:
Estradas abertas já não suportam a demanda

ROSIANAS

FIM DO PORTO

Trope de tropeiros, nos dias de hoje, é difícil de encontrar nos grandes mercados, já o ranchar de carros de boi ainda é ouvido com frequência em regiões periferizadas por Riobaldo e Diadorim. Quem viajar pelas 150 quilômetros da estrada de terra entre Arantina e Triunfo (Goiás) poderá encontrar Tarciso de Oliveira, de 35 anos (foto). Ele guia os Bois Gómeos e Garimpeiros quando precisa buscar lenha. Uma vez por mês, recorre aos animais para levar sacos de estanho e pedreiras de quartzo brando. “Cada poceiro, de oito quilos, só dá R\$ 4. É estanho do bom”, propõe o dono. Em Lontra, Gleison Mendes, de 42, é o dono que ganha a vida com o comércio de melões. Todos os marabás, ele leva Espirito Santo, Mandai e Morim para pastar. “Fogo frito de anis e entulho”. Quilômetros adiante, no Vale do Urucui, o fazendeiro de carros de boi também é frequente. Riobaldo Tatarana deve ter cruzado com muitos deles. Do contrário, não teria dito que “foi minha de amor e o Urucui, onde tanto foi bem”.





SERTÃO GRANDE

"Ah, Diz-se que o Governo está mandando abrir boa estrada rodageira, de Pirapora a Paracatu, por aí..."

ESTRADAS TRAZEM INHEIRO E TRAGÉDIA

Pistas ruins e trechos em terra mantêm o mal como nos dias de Rosa: à espreita em cada curva

PAULO HENRIQUE LOSATO
Especialista

Paracatu, Pirapora e São Francisco – A "boa estrada rodageira" citada na frase destacada no alto desta página, de Riobaldo Tatarana, protagonista Grande sertão, veredas, foi inaugurada pelo então presidente da República, Juscelino Kubistchek (1902-1976) em 1961, cinco anos depois do lançamento do romance. Trata-se da BR-040, que ligou Belo Horizonte a Brasília, fundada em 1960. De lá para cá, o asfalto atraiu indústrias, fomentou o comércio, beneficiou o agronegócio e impulsionou o turismo e o setor de serviços no cerrado mineiro. A importância que a via teve para o desenvolvimento da região é incontável. Mas 51 anos depois também é indiscutível a conclusão de que, nos dias de hoje, Riobaldo iria se referir a boa parte da 040 como "a perigosa e ultrapassada estrada rodageira".

Os 424 quilômetros da divisa de Minas com Goiás ao longo de Curvelo não têm pista duplicada, acostamento adequado e barreira física entre direções opostas. Os predios negativos causam prejuízo aos setores produtivos e põem em risco motoristas e passageiros. Para ter ideia do perigo, a pior tragédia na malha viária que corta o estado, em 2012, ocorreu justamente na 040. Em 17 de março, 15 pessoas morreram numa batida, próximo a Curvelo, entre um ônibus e uma carreta. O condutor do coletivo suspeita de tentar uma ultrapassagem em ponto proibido, mas a colisão poderia ser evitada se a pista fosse duplicada e separada da direção contrária por barreira física.

A tragédia não deixa dúvidas de que a "boa estrada rodageira" parou no tempo. Mas tal rodovia não é o único problema viário do cerrado mineiro. A BR-365, que liga a própria 040 a Pirapora, tem as mesmas características traço-ruas. Ambas são de responsabilidade da União e não há previsão, segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), para serem duplicadas. A última grande intervenção que as rodovias sofreram foi a revitalização do asfalto, ao longo dos últimos dois anos. A medida é considerada mínima diante da importância das duas estradas e das condições em que se encontram.

Rodovias de responsabilidade do governo de Minas também trazem problemas para o sertão. Os 55 quilômetros da MG-161, que ligam São Francisco a São Romão, cidades visitadas por mais de uma vez pelos cabras criados por Guimarães Rosa, são de chão batido. Da mesma forma, os 59 quilômetros entre Corinto e Andaraí, distrito de Três Marias e povoado onde Manuelzinho morava. No sol, viaristas sofrem com a poeira. Na chuva, o lamento é a lama. A Secretaria de Transportes e Obras Públicas do governo de Minas informou que, em relação à MG-220, o projeto de engenharia para a pavimentação está em fase de execução.

Os projetos da 161 foram concluídos o próximo passo é a licitação para as obras. Mas há um detalhe: o órgão não tem previsão de quando as obras terão início. Na prática, muitos caminhões no sertão continuam semelhantes aos do tempo de Riobaldo e seu bando. A morosidade das vias esferas do governo – devido à falta de recursos, burocracia ou outros motivos – em duplicar e readequar trechos viários aos padrões considerados ideais e adequados aos dias de hoje contrasta com a importância do asfalto para o desenvolvimento da economia dos municípios que margeiam a 040, como Paracatu, uma das últimas vilas do ciclo áureo do ouro em Minas.

Ainda hoje, o metal nobre dita o ritmo da economia da cidade, antigamente chamada de Vila de Paracatu do Príncipe. Em 2011, a canadense Kinross Gold Corporation, maior empresa do setor no país, extraiu 453 mil onças – ou 14 toneladas – da mina Morro do Ouro. A empresa, cujo investimento de 2007 a dezembro de 2012 terá somado US\$ 814 milhões, emprega 1,3 mil funcionários diretos e 3,4 mil indiretos. Centenas deles moram em hotéis da cidade, o que levou o empresário Vicente de Paula Ferreira a construir o Eldorado, com 104 quartos, ao custo de R\$ 10 milhões. O local, que emprega 50 pessoas e foi inaugurado há poucos meses, foi erguido próximo às duas lagoas de uma de calcários e outra de vestívolos. "Nossa economia está em ascensão", comemora.

O técnico em segurança do trabalho João de Moura, de 52, define bem como está o mercado de trabalho na cidade: "Paracatu, hoje, significa vem 'pra cá tu' também". A Votorantim também chegou à cidade depois da abertura da BR-040. A empresa, que emprega 2,4 mil pessoas, entre vagas diretas e indiretas, extraiu 62 mil toneladas de concentrado de zinco sulfetado em 2011. O volume previsto para 2012 é de 68,56 mil toneladas – aumento de 10,5%. O zinco é usado na composição de ligas metálicas (latão e bronze), telhas e calhas residenciais, vergalhões, pregos, chapas da indústria automobilística e até pela indústria farmacêutica, pois intervêm no metabolismo de proteínas e ácidos nucleicos e estimula a atividade de mais de cem enzimas.

LEIA MAIS sobre estradas nas páginas 19 e 20

LEIA AMANHÃ: Projeto ferroviário agoniza no sertão

FOTO: ALEXANDRE GUSMÃO/EMISIA PRESS



Ônibus passa pela zona rural de São Francisco, em trecho estadual onde o lama castiga quando sol e poeira dão tréguas



A BR-040 levou o desenvolvimento ao sertão, mas, com sua maior parte não duplicada, também é palco de tragédias



ROSIANAS

HIDROVIA EM DECADÊNCIA

Assim como as estradas, as hidrovias são importantes para o transporte de pessoas e mercadorias no sertão. Por décadas, a Hidrovia do Velho Chico, entre Pirapora e Petrópolis (PE), foi importante corredor econômico do país, pois liga o Sudeste ao Nordeste. Riobaldo e Diadorim, os dois principais personagens do romance – que se amoviam e juntos trocavam um lugar – gostavam de ir a cidades do Norte de Minas para abastecer o depósito de rapagens, como são chamadas as embarcações à lenha. O jogador recordou de um desses passeios em Grande sertão, veredas: "A Januária eu ia, mais Diadorim, vier a vapor chegar com o apito, a gente esperando toda ali o porto". Hoje, a hidrovia pode salvar o porto de Januária de desaparecer. O rio São Romão (RR), primeira empreitada do Velho Chico, é usado para travessia de bobos. O único vapor a navegar no São Francisco é o Benjamin Guimarães, que completará 100 anos em 2013. O barco, construído, só leva turistas entre Pirapora e Barra do Guaiçú, a uma distância em torno de 25 quilômetros.



15 MORTOS
É o saldo da maior tragédia viária em MG em 2012

55 KM
É a distância, em terra batida, entre São Romão e São Francisco

424 KM
É o trecho não duplicado da BR-040 entre o trevo de Curvelo e a divisa de MG e GO





SERTÃO GRANDE

“Seo Assis Wababa oxente se prazia, aquela noite, com o que o Vupes noticiava: que em breves tempos os trilhos do trem-de-ferro se armavam de chegar até lá, o Curralinho então se destinava ser lugar comercial de todo valor.”

FOTO: ALAN MARCOS CORREIA/INFLUÊNCIA PAVES



Ferrovias Centro-Atlântica é a única em operação na região de Corinto, e seus trilhos vivem a expectativa de dias com mais movimento

TREM LEVOU AS PESSOAS E DEVE TRAZER O MINÉRIO

Ferrovias não transporta mais passageiros, mas escoar a produção do cerrado



700 MIL
É o número de toneladas embarcadas no terminal de Pirapora pela FCA em 2011



1 MIL
Era o total aproximado de funcionários da extinta oficina de trens de Corinto



Paulo Henrique Lobo
Enviado especial

Corinto e Lassance – O alemão Vupes, personagem de *Grande sertão: veredas*, que vendia de tudo a fazendeiros, acertou em cheio quando disse: ao também ‘estanciar’ Assis Wababa, um comerciante turco, que Curralinho lucraria bastante com a chegada do trem, conforme trecho acima do romance. A chegada da estação ferroviária impulsionou tanto a economia do povoado que o lugarejo se emancipou de Curvelo. Curralinho agora é Corinto. Os trens de passageiros que rasgaram o sertão ajudaram a impulsionar a economia da região, mas, 60 anos depois da viagem que Guimarães Rosa fez pelo cerrado para escrever o livro, não há mais vagões transportando pessoas pelo Norte mineiro. Por outro lado, há expectativa de que o minério que começa a ser descoberto na região amplie a malha férrea de cargueiros.

Atualmente, apenas a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) explora o setor no Norte de Minas, com um modal até Pirapora. Já os trens de passageiros não apitam por aquelas bandas desde a década de 1990. Locomotivas destinadas ao transporte de pessoas são importantes em qualquer país por vários motivos: reduzem a quantidade de ônibus e carros nas perigosas rodovias e beneficiam as famílias carentes, pois a passagem é mais barata que a de outros modos coletivos. Apesar disso, a União tem projeto para reativar apenas uma linha na área, de Bocuíva a Janaúba. O estudo foi feito pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na década de 1990, e ainda não saiu do papel.

A morosidade do poder público em apostar nos caminhos férreos para pas-



Animais e locomotivas dividem espaço na estação ferroviária de Corinto

sageiros é exemplo de como o país precisa avançar em relação à estrutura de transporte. Até porque mais trilhos significam geração de empregos. A marfumaça que levou à emancipação de Curralinho, por exemplo, era administrada pela Estrada de Ferro Central do Brasil e garantia muitos empregos: “Havia pelo menos 1 mil funcionários aqui, pois Corinto abrigou importante oficina de trens”, recordou o prefeito do local, Nilten Ferreira da Silva.

Um dos moradores que ganharam a vida nos trilhos do ex-povoado de Curralinho é Elias Castano, de 81 anos. “Fui lenheiro, abastecia a caldeira com madeira. Depois, responsável pelas bagagens. Que saudades!”, suspirou o homem enquanto descansava em um banco da praça principal de Corinto, de onde se avista o supermercado Variedade Sertão, de Gerson de Almeida. O empresário foi outro que se beneficiou da época do trem de passageiros: “Montei uma venda em 1979. Eu era o único ‘empregado’ de minha loja. Dei

duro e, hoje, tenho 51 colaboradores”. Os vagões com adultos e crianças que passavam pela cidade faziam parte do Trem do Sertão, que ia de Belo Horizonte a Monte Azul. Dall, fazia-se baldeação para Salvador. O ramal passava por Sete Lagoas e foi extinto em 1996. A linha foi tão importante para o cerrado de Minas que Guimarães Rosa o citou no romance por mais de uma vez. Além da conversa entre Vupes e Assis Wababa, a locomotiva foi registrada por Riobaldo, o protagonista, que embarcou no Trem do Sertão com boa vestimenta. [...] Faz tempo, fui de trem, lá em Sete Lagoas, para partes de consultar um médico, de nome me indicado. Fui vestido bem, e em carro de primeira, por via das dúvidas, não me sobremetam por jagunço antigo”. O próprio escritor, ao fim da viagem ao lado de Maquião e outros vaqueiros, entrou num vagão em Sete Lagoas rumo ao Rio de Janeiro, onde morava.

As locomotivas que hoje passam

por terras de Sete Lagoas puxam vagões de carga. A empresa que os administra é a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), controlada pela Vale. É a única a explorar uma linha férrea no Norte mineiro. O ramal chega a Pirapora, onde a FCA ergueu, em 2009, o terminal intermodal, que recebe parte da lavoura do sertão para ser exportada via Porto de Tubarão (ES). Em 2009, o entreposto embarcou 250 mil toneladas de grãos. Em 2010, 700 mil toneladas. Para 2012, a expectativa é embarcar mais de 1 milhão de toneladas.

FORA DA PISTA A construção do entreposto retirou dezenas de carretas abastecidas de grãos da BR-040 – os caminhões, até a construção do terminal intermodal, precisavam pegar a estrada para descarregar na capital. A expectativa de que o Norte de Minas se transforme na nova fronteira do minério no estado – pesquisas estimam que o subsolo de 20 municípios escondem 20 bilhões de toneladas – exigirá a construção de novos ramais férreos por aquelas bandas ou mineroletas. A FCA teria intenção de estender o ramal para além de Pirapora.

A Milva, que deve aportar R\$ 36 bilhões na obra de minério no Norte, também pode construir uma linha férrea. A empresa pretende construir um ramal da região de Grão Mogol a Cateté (BA), onde tem outro projeto mineral. A Vale, por sua vez, pode rasgar um caminho férreo até a malha da FCA, sua controlada. Apenas a título de comparação, estudo feito na década passada estimou que produtores de soja pagavam R\$ 0,056 por tonelada transportada em caminhões. No caso de vagões, o preço caía para R\$ 0,016 – 28,5% do custo da viagem pelo asfalto.

ROSIANAS

RETRATO DA DECADÊNCIA

Curralinho viveu Corinto em 1924. Portanto, Guimarães Rosa já sabia do minério quando escreveu o romance (em 1956). Não foi o impetuoso de destacar como um vilarejo a importância das linhas férreas para a economia do sertão. O trem de passageiros segue de Corinto para Lassance, onde o personagem Diadorim, que se vestia como homem, possuía a infância. Robalão, o narrador, só descobriu que Diadorim era mulher depois de o “amarrar” a quem amava, morrer. Ele descreveu o momento em que viu “o jovem” Diadorim pela primeira vez: “Ali estava, com um chapéu de couro, de aparência boa, e se não para mim, [...] Ele foi me dizendo, com voz

multo natural, que aquele comprador era o tio dele, e que moravam num lugar chamado Os Porcos [...] Os Porcos assete de se ver, mais tempo depois, foi genés de Lassance”. “Os Porcos” é o nome de uma colônia do distrito. A queda d’água é um atrativo turístico. O imóvel do estado ferreus de Lassance (foto) também deveria ser um cartão-postal, mas está abandonado. O prédio merecia sorte melhor: foi requirido estudos que Carlos Dias identificou a protozooário *Hypanoosoma cruzi*, causador da doença que recebeu o nome do cientista. A descoberta ocorreu em Lassance porque o doente foi contratado para cuidar dos operários daquele trecho da linha.





SERTÃO GRANDE

"Sabíamos: um pessoal nosso perpassava por lá, na Jaíba, até à Serra Branca, brabas terras vazias do Rio Verde Grande"

FOTOS: GUY HERBERT/A PRESS



Seleção de mexericas colhidas em Janaúba, onde a água do Rio Gurutuba irriga a lavoura de pequenos produtores rurais

FRUTAS E PEDRAS DÃO NOVA COR À PAISAGEM

Projetos de irrigação pintaram o cenário terroso que esconde topázios e turmalinas

Luz Ribeiro
Linha de Especial



181,6 MIL
É o número de toneladas de frutas produzidas em 2011 pelos projetos de irrigação do Norte de Minas



80 MIL
Quantidade de empregos que devem ser criados com o Projeto Jequitai

Janaúba e Jequitai – Se percorresse hoje a região da Serra da Jaíba, "o grande chefe" Joca Ramiro, personagem de *Grande sertão: veredas* que nasceu por aquelas bandas, mais precisamente em Grão Mogol, possivelmente iria corrigir Riobaldo Tatarana, autor da frase no alto desta página, dizendo ao amigo que aquele pedaço de terra não é mais "brabas terras vazias". Boa parte da área foi colada pela fruticultura, despertando atenção de indústrias de sucos e polpas. O município de Janaúba, de 65 mil pessoas, ostenta o título de maior produtor nacional de bananas. Cerca de 5,4 mil toneladas do fruto saem da cidade, toda semana, com destino a Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal e outros mercados.

A fruticultura é tema da sexta reportagem da série *Sertão grande*, que o Estado de Minas publica até amanhã. Bananas, uvas, limões, mangas e outras espécies ganham destaque no Norte em razão de projetos de irrigação, como o Gurutuba, o Firapora e o Jaíba. Em 2011, as áreas irrigadas produziram 181,6 mil toneladas de frutas, totalizando faturamento de R\$ 180 milhões. A região já atrai agroindústrias, como a Pomar Brasil, instalada na cidade de Jaíba, em 2009, e que emprega 550 pessoas. O empreendimento produz polpas de abacaxi, manga, goiaba, melão e maracujá, que são enviadas para indústrias de suco. A Suco Mais também está interessada em chegar à região, segundo informou José Aparecido Mendes, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Janaúba.

Um dos destaques do setor é a empresa Branca, instalada em Janaúba e que comercializa cerca de 60 mil toneladas de frutas por ano, tendo a banana (40 mil toneladas) como carro-chefe. "As condições (climáticas) da região favorecem a produção de frutas de qualidade. O clima seco e quente evita o ataque de pragas e doenças", avalia Dalton dos Santos, gerente do empreendimento, que gera 1,75 mil empregos diretos e conta com uma frota própria de 75 caminhões. A área de produção é de 2,5 mil hectares irrigados.

Um dos responsáveis pelo sucesso da fruticultura no Norte de Minas é o projeto Gurutuba, próximo a Janaúba, onde a água chega por meio de canais que partem da barragem do Rêco da Pedra (Rio Gurutuba), Luiz Soares Santos, de 50 anos, é um pequeno produtor da região. Dono de quatro hectares, cultiva banana, coco e goiaba. Nesse projeto há produção de frutas nobres, como a uva, que atrai gente de longe. Rogério Antônio Felipe deixou Turbarão, no litoral de Santa Catarina, há 15 anos. Ele

planta uvas numa área de 10 hectares, dentro do perímetro irrigado. A expectativa para este ano é colher 15 toneladas das variedades niágara e bentita por hectare. "Valeu a pena a troca (de estados)".

Nem tudo por aquelas bandas, no entanto, é doce como as frutas. É preciso criar linhas de crédito menos burocratizadas. As exigências são muitas e o agricultor não está preparado para atendê-las, defende Genesio Rocha Souza, presidente de uma das maiores cooperativas da região, a Cia. da Fruta. Além da falta de infraestrutura de estradas e da baixa disponibilidade de energia elétrica em algumas localidades rurais, ele dispara contra as barreiras ambientais: "Há muita demora na liberação das licenças ambientais. É preciso agilizá-las".

Alguns projetos demoram muito a sair do papel, como o Jequitai, nome de um dos rios que servia de referência para a jagunçada do romance se guitar pelo sertão. Idealizado há 40 anos, começa a ganhar forma nos próximos meses. Ao longo dos próximos 12 meses, deve receber aportes federal e estadual da ordem de R\$ 800 milhões. A previsão de área a ser irrigada é de 35 mil hectares, já o total de novos empregos, entre diretos e indiretos, pode somar 80 mil vagas.

GEMAS Pedras preciosas também são encontradas no sertão há décadas. Riobaldo Tatarana, o protagonista do romance de Guimarães Rosa, já conhecia a riqueza. De Arassuaí, eu trouxe uma pedra de topázio". As chamadas gemas mineiras são destaque na pauta de negócios da região. Em 2011, as exportações das pedras totalizaram US\$ 76,87 milhões, volume que correspondeu a 38,37% do balanço nacional, segundo o Ministério da Indústria do Comércio.

Em Aracuaí (Guimarães Rosa optou por escrever o nome da cidade com dois eses), pessoas ganham a vida com a extração de turmalinas, topázios, rubelitas e outras. Mas o rótulo de capital das gemas ficou com Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri. O lucro com as pedras poderia ser maior: elas são enviadas para fora da cidade sem nenhum valor agregado. Já nos Estados Unidos, Europa e Ásia, elas são transformadas em joias e o preço salta. Na tentativa de agregar valor, está sendo criado na cidade um curso técnico de joalheria, que será oferecido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

LEIA AMANHÃ: Desigualdade social segue como maior desafio no sertão

ROSIANAS

MERCADOS DO SERTÃO

Personagem de bom gosto, certo vez Zé Bebelô planejou quatro mesas cobertas por grandes colchas do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha. Queria se divertir com a jagunçada nos mercados. "Andei quem passava, a cidade, usando você, em grandes colchas (...). Ah, que vamos em Carlinhinho (BA) e Montes Claros, lá no Rio Jequitinhonha. Assim, no mercado do Diamantina... Eh, vamos no Paracatu do Príncipe..."

Hoje, o mercado de Diamantina, que tanto tropeiros recebeu, é um comércio postal vazio. O de Paracatu sedia o mercado local. O de Montes Claros (foto), por sua vez, continua oferecendo um cardápio de alimentos da região. Família de maracujá, carne-de-sol, pimentões em conserva, feijão e doces variados garantem boas vendas. O artesanato – em pano, madeira, barro etc. – também tem boa procura. Do mercado de Montes Claros, turfeiros levam maracujá para outros estados, entãos e café pólen. Talvez prevendo isso Guimarães Rosa tenha escrito, logo no segundo capítulo do romance, que "o sertão está em toda a parte".





NOS CAMINHOS DE ROSA



DOMINGO

Sessenta anos depois de percorrer o cerrado para escrever Grande sertão, veredas, Guimarães Rosa se surpreenderia com o sertão de hoje: povoados viraram cidades, atraíram indústrias e os veredas foram engolidos por asfaltos.



SEGUNDA

Comércio das cidades do Norte cresce mais - e gera mais empregos - que no estado e no país.



TERÇA

Tropeiros do século 21 trocaram cavalos e mulas por potentes caminhões e motos.



QUARTA

Rodovias modernas que levaram progresso ao sertão hoje são ultrapassadas e perigosas.



QUINTA

Locomotivas que substituíam passageiros por grãos em breve devem escorregar o novo minério.



SEXTA

Plantações de frutas coloridas em regiões classificadas no passado como "brosas terras vazias".

SERTÃO GRANDE

"Aquele gente depunha que tão aturada de todas as pobreza e desgraças. Haviam de vir, junto, à mansa força. Isso era perversidades? Mais longe de mim - que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidos de suas misérias."

FOTO: ALEXANDRE GUZMÁN/INRA/EPFL



A secretária de Educação de Japonvar, Raquel Soares (D), e os alunos do 7º ano da Escola Municipal São José posam para foto em frente ao bar que virou sala de aula

POBREZA PARECE MAIS PERENE QUE OS RIOS

Desenvolvimento que transforma o sertão da obra-prima de Rosa ainda é privilégio de poucos

PAULO HENRIQUE LOBATO
Enviado especial

Japonvar e Buritizeiro - Sessenta anos depois da viagem que Guimarães Rosa fez pelo interior para escrever Grande sertão, veredas, a desigualdade social ainda impera no Norte de Minas, área conhecida a fundo por Rivaldo Tatarana, autor da frase no alto desta página, destacada do romance em que o personagem arrebanha sertanejos que vivem na miséria para seu bando. O Norte do estado concentra 13 das 20 cidades mineiras com menor renda per capita mensal, segundo estudo da Fundação João Pinheiro (FJP), com base em dados de 2010. Enquanto São João das Missões registrou R\$ 238,60, a menor cifra no estado, Montes Claros, chamada de capital do Norte, apurou valor quase três vezes maior (R\$ 674,52).

A desigualdade social é tema da última reportagem da série Sertão grande, que o Estado de Minas publica desde domingo em alusão aos 60 anos da viagem que Guimarães Rosa fez na companhia do lendário Manuêlio e outros vaqueiros. Ao longo da semana, foram mostradas as mudanças econômicas ocorridas na região percorrida pelo escritor e seus personagens, como o avanço da indústria e o salto de empregos no comércio e na fruticultura. Depois de percorrer 4,2 mil quilômetros e visitar 25 localidades, o EM apurou que o desenvolvimento chegou a muitas cidades do Norte, mas várias ainda têm problemas tão graves quanto os narrados por Rosa em seu romance.

Em Japonvar, uma das 20 cidades com a menor renda per capita mensal no estado (R\$ 294,23), 16 alunos do 7º ano da Escola Municipal São José assistem às aulas num imóvel improvisado como anexo da instituição. "Aqui funcionava um boteco", diz Amanda Ferreira, de 12 anos. A construção não é apropriada para receber os professores e os adolescentes. Na ausência de janelas, a imensa porta de ferro precisa ficar aberta para garantir a precária ventilação. Há outro problema: o imóvel está em uma rua de terra, onde a poeira levantada por carros e ônibus invade a "sala". O barulho dos motores de veículos e conversas de pedestres que passam por lá atrapalham ainda mais o aprendizado. A secretária municipal de Educação, Raquel Soares, explica que a prefeitura negocia uma solução com o governo do estado. "Firmamos acordo para que o estado amplie a Escola São José. Em troca, continuamos cedendo para o estado o imóvel onde já funciona a Escola Estadual Castelo Branco, de 1ª a 5ª série", disse Raquel.

A vida também é precária na área rural de Buritizeiro, com renda per capita mensal de R\$ 382,80. A cidade não faz parte dos 20 municípios que integram o chamado bolsão da miséria em Minas, mas moradores de Paredão de Minas, um dos distritos mais famosos de Buritizeiro, lamentam a falta de asfalto em nove das 10 ruas do povoado. O primeiro desafio para chegar até lá é vencer os 80 quilômetros de estrada de chão.

"Houve dias piores. A energia elétrica só chegou aqui na década de 1990", conta Antônio Ramos, de 66. No mês passado, depois de economizar boa parte da aposentadoria de um salário mínimo (R\$ 622), ele pagou R\$ 300 por uma imensa antena de televisão. Para os moradores de lá, a antena não é luxo. "Em Paredão, casa que não tem esse tipo de aparelho só tem acesso ao sinal de uma emissora", disse o homem, que ainda não sabe quando conseguirá juntar dinheiro suficiente para reforçar as paredes de barro e trocar o desgastado telhado de casa.

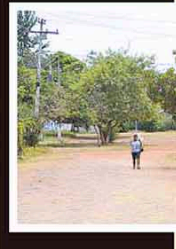
O estudo da Fundação João Pinheiro mostrou que, assim como 13 das 20 cidades com menor renda estão no Norte de Minas, 13 dos 20 municípios que atingiram o maior crescimento no mesmo indicador - na comparação entre 2010 e 2000 - também são daquela região. Novamente Japonvar está no grupo: a renda per capita mensal passou de R\$ 119,25, em 2000, para R\$ 294,23, em 2010, o que mostra uma taxa média anual de crescimento de 9,45%. As cidades que apresentaram crescimento expressivo, porém, o conseguiram porque tinham uma base baixa a ser comparada.

É fácil crescer quando a base é pequena. Isso (o aumento da renda desse grupo de 20 cidades) se deve, por exemplo, a programas sociais, como o Bolsa Família. Não quer dizer que a renda tenha melhorado muito. Além disso, a população de muitos municípios tem crescido pouco e deve ser lembrado que a renda per capita é a divisão do valor pela população", explicou o economista Clinto Nogueira, coordenador de Desenvolvimento Humano da FJP.

Os governos federal e estadual vêm se esforçando para reduzir a desigualdade social no Norte do estado. Além dos programas sociais, beneficiam com redução ou isenção de impostos grandes empresas interessadas em investir na região. Se estivesse vivo, certamente Guimarães Rosa faria um apelo: desenvolver o Norte sem matar as veredas.

ROSIANAS
À ESPERA DE DIAS MELHORES

Distrito de Buritizeiro, Paredão de Minas é o local onde ocorre o duelo final entre o bando de Riobaldo, o protagonista, e o liderado por Hermenegildo e Riobaldo, ossos do "grande chefe" Joca Ramiro. A traco de ferro entre os grupos vitorioso. O personagem que se revelou mulher depois de perder a vida. Todos os anos, fãs de Guimarães Rosa vão ao lugar para conhecer de perto o palco escolhido por ele para encerrar o romance. O desenvolvimento ainda não chegou ao povoado sertanejo, mas o lugarejo, com 1,5 mil habitantes, não é um povoado fantasma, como descreveu Riobaldo em Grande sertão, veredas: "O Paredão existe lá. Sertão lá, senhor veja. É um cerrado. Não ninguém morando. As casas vazias, tem até sobrado. Deu capim no telhado da igreja, a gente escuta o qualquer reitor o barulho rogado dos maracajás".



ANEXO 2

Ready-made "Roda de Bicicleta", de Marcel Duchamp



DUCHAMP, Marcel. *Ready-made Roda de Bicicleta*, 1913. Disponível em: <http://noblato.globo.com/noticias/noticia/2008/03/escultura-roda-de-bicicleta-de-marcel- Duchamp-92208.html>. Acesso: 25 jun. 2015